

A *Watchman Nee* SUPERIOR ALIANÇA



A *Watchman Nee* SUPERIOR ALIANÇA

Deus fez uma Nova Aliança com o seu povo, uma aliança cheia da sua graça. Mas, para desfrutar tal graça, o crente deve saber o que a Nova Aliança representa. É lamentável que em nossos dias muitos dos assim chamados cristãos não dão o devido valor à Nova Aliança nem a entendem.

Nossa limitada capacidade de aprender, nossa experiência e nossas palavras não esgotam as riquezas de um tema sobre-modo extenso.

Este livro constitui-se de uma série de mensagens que o autor proferiu sobre A Nova Aliança, em Xangai, China, em 1932. Agora aparecem em língua portuguesa pela primeira vez.

"Porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados" — Palavras de Jesus registradas em Mateus 26:28.

Que Deus nos capacite a conhecer algo da Nova Aliança e nos conduza à sua realidade espiritual.

A SUPERIOR ALIANÇA

Watchman Nee

Traduzido por
Luiz Aparecido Caruso

Mazinho Rodrigues



Editora Vida

ISBN 0-8297-1271-2

Categoria: Estudos Bíblicos

Traduzido do original em inglês:
The Better Covenant

Copyright © 1982 by Christian Fellowship Publishers,
Inc. Nova Iorque
Copyright © 1984 by Editora Vida

- 1.^a impressão, 1984
- 2.^a impressão, 1985
- 3.^a impressão, 1990

Todos os direitos reservados na língua portuguesa
por Editora Vida, Deerfield, Florida 33442 — 8134 — E. U. A.

As citações bíblicas são extraídas da tradução de
Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil, da
Sociedade Bíblica do Brasil, exceto onde outra fonte
for indicada.

Capa: Gary Cameron

Impresso nas oficinas da
Editora Betânia S/C
Rua Padre Pedro Pinto, 2435
Belo Horizonte (Venda Nova), MG

Impresso no Brasil

ÍNDICE

Prefácio	5
Introdução	7
1 As Promessas de Deus e as Realidades de Deus	13
2 As Alianças de Deus	35
3 Observações Gerais Sobre a Nova Aliança ..	47
4 A Garantia da Nova Aliança	59
5 A Nova Aliança e o Novo Testamento	69
6 Características da Nova Aliança: (1) Purificação	77
7 Características da Nova Aliança: (2) Vida e Poder	91
8 Características da Nova Aliança: (3) Conhecimento Interior	149
Palavras Finais	185
Notas	188

Numa conferência realizada em Xangai, China, no ano de 1932, o autor proferiu uma série de mensagens sobre a Nova Aliança. Mais tarde elas foram redigidas e publicadas em chinês (em 1953), por Gospel Book Room, de Xangai. Agora, pela primeira vez estão sendo traduzidas para o inglês e para o português.

Prefácio

A Nova Aliança está cheia da graça de Deus. Para desfrutar tal graça, todo aquele que pertence ao Senhor deve saber o que é esta Nova Aliança. Quão triste é que muitos do povo do Senhor, em nossos dias, não prezam nem entendem a Nova Aliança. Por esse motivo pesa sobre nós a responsabilidade de liberar algumas mensagens sobre o assunto. Mesmo assim, a Nova Aliança é um tema tão abrangente que não podemos esgotar suas riquezas com nossas limitadas experiências, palavras e aprendizagem. Contudo, olhamos para a graça de Deus e nos dispomos a repartir com seus filhos o pouco que temos recebido. Nossa ardente oração é que Deus nos capacite a conhecer algo da Nova Aliança e nos conduza à sua realidade espiritual.

O Redator
Gospel Book Room
Xangai, China

Novembro de 1953

Introdução

Porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados (Mateus 26:28).

E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança, e eu não atentei para eles, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Nas suas mentes imprimirei as minhas leis, também sobre os seus corações as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior. Pois, para com as suas iniquidades usarei de misericórdia, e dos seus pecados jamais me lembrarei. Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer (Hebreus 8:8-13).

Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei nos seus corações as minhas leis, e sobre as suas mentes as inscreverei (Hebreus 10:16).

Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam

8 A Superior Aliança

a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor. Pois, perdorei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais me lembrarei (Jeremias 31:31-34).

O qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica (2 Coríntios 3:6).

Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém. (Hebreus 13:20-21).

Um

A Nova Aliança é o fundamento de toda a vida espiritual. É por causa da Nova Aliança que nosso pecado pode ser perdoado e nossa consciência pode readquirir paz. É devido à Nova Aliança que podemos obedecer a Deus e fazer as coisas que mais lhe agradam. Também, é pela Nova Aliança que podemos comungar diretamente com Deus e conhecê-lo no íntimo. Não fosse pela Nova Aliança, não teríamos garantia alguma de perdão, nenhum poder para

obedecer a Deus e fazer a sua vontade, nenhuma comunhão íntima com Deus e profundo conhecimento dele. Graças a Deus, há uma Nova Aliança. Ele aliou-se conosco, portanto podemos descansar em sua aliança.

*Descansando na fidelidade de Cristo, nosso Senhor,
Descansando na plenitude de sua palavra firme,
Descansando em sua sabedoria, em seu amor e poder,
Descansando em sua aliança de hora em hora.*

— Frances Ridley Havergal

A autora deste hino entendeu o que é a Nova Aliança, de modo que pôde descansar na aliança do Senhor.

Dois

O propósito eterno de Deus é revelado na Nova Aliança. Aquele que pertence ao Senhor deve conhecer esta aliança, pois doutra sorte não poderá captar o propósito eterno de Deus em sua experiência. A Bíblia diz-nos que “desde Adão até Moisés, . . . o pecado reinou pela morte. . .” (Romanos 5:14, 21). Ora, durante este período o propósito eterno de Deus ainda não fora revelado. Mas quando Deus “preanunciou o evangelho a Abraão [dizendo]: Em ti serão abençoados todos os povos” (Gálatas 3:8), foi-nos revelado algo da graça, porém a substância da graça era ainda invisível. “A lei foi dada por intermédio de Moisés” (João 1:17), mas “sobreveio a lei” (Romanos 5:20). Ela nunca está incluída no propósito eterno de Deus. “Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João” (Mateus 11:13), mas “a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (João 1:17). Portanto, com Cristo vem a dispensação da graça, a Nova Aliança, e a revelação do propósito eterno de Deus. Este propósito é revelado na Nova Aliança. Conhecendo esta, podemos esperar que aquele se realize em

nossas vidas. Se não fosse assim poderíamos apenas tocar a orla da salvação e não a sua substância. Se conhecermos alguma coisa concernente à Nova Aliança, então diremos que tocamos o maior tesouro do universo!

Qual é o propósito eterno de Deus? Em palavras simples, é Deus abrindo caminho para chegar ao homem que ele criou. Deus se compraz em unir-se com o homem para que este tenha a vida e a natureza divinas. Na eternidade, antes do início do tempo, antes que o céu, a terra e o homem fossem criados, Deus já havia concebido este propósito. Ele desejava que o homem fosse semelhante a ele, glorificado e conformado à imagem de seu Filho (Efésios 1:4, 5; Romanos 8:29, 30). Por este motivo, ele criou o homem à sua própria imagem (Gênesis 1:27) e o colocou no jardim do Éden onde estavam as árvores da vida e a do conhecimento do bem e do mal. Deus só proibiu o homem de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Em outras palavras, Deus estava indicando ao homem que ele deveria comer o fruto da árvore da vida, muito embora o próprio homem devesse fazer a escolha. Segundo a revelação bíblica, a árvore da vida aponta para Deus (Salmo 36:9; João 1:4, 11:25, 14:6; 1 João 5:12). Caso o homem comesse o fruto da árvore da vida, ele teria vida, e Deus entraria nele.

Sabemos como falhou o primeiro Adão—o primeiro homem que Deus criou. Em vez de receber a vida de Deus, Adão tomou do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e desse modo alienou-se do Deus doador de vida. Não obstante, louvamos a Deus e lhe damos graças porque, embora o primeiro homem tivesse sido derrotado e tivesse caído, o Segundo Homem—isto é, o último Adão (1 Coríntios 15:45, 47)—atingiu o propósito eterno de Deus. Há,

no universo inteiro, pelo menos um homem mesclado com Deus: Jesus de Nazaré, que é ao mesmo tempo Deus e homem, homem e Deus. O Senhor Jesus é "o Verbo [que] se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade" (João 1:14). Posto que "ninguém jamais viu a Deus: o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (João 1:18). O propósito eterno de Deus é introduzir-se no homem ao ponto de conformá-lo à imagem de seu Filho. Esta é a Nova Aliança.

Três

Que é que temos em mente ao dizer que hoje é a dispensação da Nova Aliança? Mencionaremos o ponto apenas brevemente agora, e mais adiante, no terceiro capítulo, explicá-lo-emos em maiores detalhes. Sabemos que Deus nunca fez nenhum pacto com os gentios. Nós, que somos gentios, não tivemos a Antiga Aliança; como, pois, podemos ter a Nova? Hebreus 8:8 informa-nos claramente que um dia Deus fará uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Estritamente falando, a Nova Aliança só virá depois desses dias (Hebreus 8:10); isto é, ela só será estabelecida no começo do milênio. Sendo assim, como podemos dizer que *hoje* é a dispensação da Nova Aliança? Isto se deve à única razão de que o Senhor trata a sua igreja de acordo com o princípio da Nova Aliança. Ele coloca a igreja sob o princípio da Nova Aliança para que ela se comunique e trate com ele de acordo com esta aliança até que ele realize tudo o que deseja. "Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança", diz o Senhor (Mateus 26:28). Ele inaugura a Nova Aliança com o seu sangue para que possamos antegozar as bênçãos da aliança. Dizer que hoje é a dispensação da Nova Aliança é, para nós, evidência da graça especial do Senhor. Devemos, pois, conhe-

cer experimentalmente o que é a Nova Aliança para que vivamos nesta nova dispensação.

Quatro

A fim de conhecermos a Nova Aliança precisamos, primeiro, entender o que é uma aliança; e para entendermos uma aliança devemos saber o que são as promessas de Deus e o que são as realidades de Deus. Falaremos, portanto, um pouco sobre as promessas de Deus e sobre as realidades de Deus antes de passarmos ao assunto da aliança de Deus—a Nova Aliança e seus característicos. Trataremos, em especial, dos seguintes assuntos importantes: de que modo a lei é colocada no interior do homem e inscrita no seu coração; como opera o poder da vida; de que maneira Deus se torna nosso Deus na lei da vida e como nos tornamos povo de Deus nesta lei da vida. Por último, veremos como conhecemos interiormente, de sorte que possamos chegar a um conhecimento mais profundo de Deus.

1

As Promessas de Deus e as Realidades de Deus

Na Palavra de Deus alguns escritores falam das responsabilidades que Deus exige dos homens, enquanto outros falam da graça que Deus deseja dar-lhes. Em outras palavras, alguns se referem às exigências de Deus enquanto outros se referem à sua graça. Muitos mandamentos, ensinamentos, estatutos, são expressões do que Deus exige dos homens; isto é, aquilo pelo qual Deus requer que os homens sejam responsáveis. Porém, toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo (Efésios 1:3)—tal como uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível (1 Pedro 1:4)—é indicativa da graça que Deus se compraz em realizar e conceder-nos.

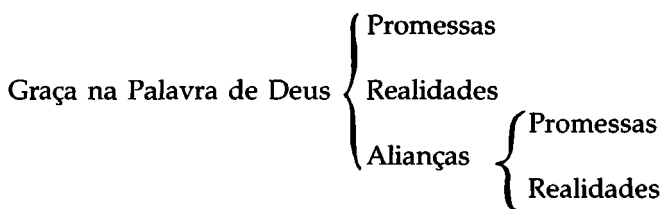
No que concerne à Palavra de Deus, sua graça pode ser classificada segundo três categorias:

- (1) As promessas que Deus nos dá.
- (2) O que Deus já realizou em nosso favor.
- (3) A aliança que Deus faz com o homem, mostrando o que ele está decidido a fazer.

Visto que as promessas de Deus e as suas realidades são diferentes, também a aliança de Deus difere

14 A Superior Aliança

de suas promessas e de suas realidades. A aliança de Deus, porém, inclui suas promessas e suas realidades. Podemos esboçá-lo da seguinte forma:



Examinemos primeiro o que são as promessas de Deus.

As Promessas de Deus

As promessas são diferentes das realidades. As promessas apontam para o futuro, ao passo que as realidades se referem ao passado. A promessa mostra o que se fará; a realidade revela o que já foi feito. A promessa fala do que Deus fará pelo homem; a realidade conta o que Deus já realizou por ele. A promessa indica o que Deus fará em resposta à ação do homem; a realidade atesta o que Deus já realizou por nós por nos amar e conhecer nossa incapacidade. Há muitas promessas condicionais; isto quer dizer que se cumprirmos determinadas condições receberemos o que foi prometido. As realidades, porém, não exigem que roguemos ou imploremos; requerem apenas que vejamos e creiamos.

Apresentemos algumas ilustrações para explicar a diferença entre promessa e realidade.

O Senhor Jesus consolou os discípulos, dizendo: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. . . Pois vou preparar-vos lugar. E. . . voltarei e vos receberei para mim mesmo" (João 14:1-3). Esta é uma promessa que se tornará realidade no dia em que o Senhor voltar.

Também ele disse aos discípulos: "Convém-vos que eu vá, porque se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei" (João 16:7). Esta, também, é uma promessa que se transformou em realidade no dia da ressurreição do Senhor, quando ele "soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo" (veja João 20:19-22).

Outra vez ele disse aos discípulos: "Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneço, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder" (Lucas 24:49). Esta é a promessa das promessas, que também se transformou em realidade no dia de Pentecoste quando o Espírito Santo veio sobre eles (veja Atos 2:1-4). Mas esta promessa era condicional: os discípulos deviam esperar na cidade.

Podemos, ainda, usar uma parábola para analisar a diferença entre promessa e realidade. Suponhamos que "A" e "B" sejam amigos. "A" está doente de cama; não tem forças para trabalhar nem dinheiro para comprar o de que precisa. "B" ama a "A" e diz a este: "Amanhã de manhã vou trabalhar para você e lhe trarei o dinheiro para comprar as coisas mais necessárias." Esta é a promessa de "B" para "A". Com efeito, "B" sai na manhã seguinte e trabalha para "A" e em seguida lhe traz o dinheiro de que ele precisa para comprar o que lhe falta. Isto mostra que a promessa de "B" para "A" tornou-se agora uma realidade. Se "A" acredita na promessa de "B", e tem a palavra de "B" como digna de crédito, ele terá esperança e descanso no primeiro dia, embora ele só entre no real desfrute do prometido no segundo.

Vários Princípios Concernentes às Promessas de Deus

A Bíblia mostra-nos diversos princípios concernentes às promessas de Deus, tais como os seguintes:

- 1) "Honra a teu pai e a tua mãe (que é o primeiro

16 A Superior Aliança

mandamento com promessa), para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra" (Efésios 6:2-3). Esta promessa é condicional. Nem todas as pessoas são abençoadas e vivem longo tempo sobre a terra; só aquele que honra a seu pai e a sua mãe pode ir bem e viver vida longa na terra. Se a pessoa não cumprir a condição aí prescrita, não receberá a bênção nem a longevidade prometidas.

2) "Agora, pois, ó Senhor Deus, cumpra-se a tua promessa feita a meu pai Davi" (2 Crônicas 1:9). Isto mostra como é necessário orar ou *pedir* que a promessa se realize (veja também 1 Reis 8:56).

3) "Segundo o número dos dias em que espiastes a terra, quarenta dias, cada dia representando um ano, levareis sobre as vossas iniquidades quarenta anos, e tereis experiência do meu desagrado" (Números 14:34). Essas palavras revelam como uma promessa pode ser *revogada* se os homens forem infiéis à promessa de Deus e deixarem de cumprir sua condição. Dos israelitas que saíram do Egito, somente duas pessoas—Josué e Calebe—entraram em Canaã. O restante pereceu no deserto (veja Números 26:65). Evidentemente, Deus ab-rogou a promessa feita ao povo infiel. (Embora Jacó e José tenham morrido no Egito, não obstante foram sepultados em Canaã. Por terem sido fiéis a Deus até ao fim, o Senhor não revogou sua promessa a eles. (Veja Gênesis 46:3-4; 49:29-32; 50:12-13; e 24-25; Josué 24:32).

4) "Não foi por intermédio da lei que a Abraão, ou à sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo; e, sim, mediante a justiça da fé. Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa" (Romanos 4:13-14). Isto implica que se à parte de Deus o homem usa a força da carne e do sangue, ou lhe adiciona alguma coisa, a promessa pode ser invalidada.

5) "Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé, não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados" (Hebreus 11:39-40). Também, "tendes necessidade de perseverança, para que havendo feito a vontade de Deus, alcanceis a promessa" (Hebreus 10:36). Isto sugere que é preciso exercitar a *perseverança* para se receber a promessa de Deus no devido tempo.

Pelas passagens bíblicas acima citadas podemos perceber os quatro seguintes processos concernentes às promessas de Deus:

- 1) É preciso pedir a Deus que cumpra suas promessas.
- 2) Se uma promessa de Deus for condicional, ela será concedida somente se a condição for cumprida; caso contrário, pode ser revogada.
- 3) Se o homem, com suas forças naturais faz alguma coisa com relação à promessa, ou se lhe acrescenta algo, a promessa pode também ser declarada nula.
- 4) As promessas de Deus devem realizar-se no tempo de Deus.

A Realização das Promessas de Deus em Nós

Toda vez que notamos uma promessa na Palavra de Deus, devemos orar fervorosamente até que o Espírito de Deus se manifeste em nós e nos faça sentir que tal promessa é endereçada a nós. Se ela for incondicional, devemos de imediato exercitar a fé para recebê-la, confiando em que Deus fará o que prometeu; e começar a louvá-lo e a dar-lhe graças. Se, porém, a promessa for condicional, precisamos em primeiro lugar cumprir o requisito e então orar para que Deus realize o prometido segundo sua fidelidade

18 A Superior Aliança

e justiça. Temos de orar até que a fé jorre do interior; depois, cessemos a oração e comecemos a louvar a Deus. Não demorará muito tempo para vermos a realização da promessa divina.

Exemplifiquemos este ponto com algumas experiências reais.

1) Em determinado lugar havia algumas irmãs que costumeiramente pediam a Deus, no início de cada ano, uma promessa referente ao seu sustento anual. Uma delas, percebendo sua própria fraqueza, contou ao Senhor sua necessidade. A palavra que o Senhor lhe deu foi: "Cristo. . . não é fraco para convosco, antes é poderoso em vós" (2 Coríntios 13:3). Havendo recebido tal palavra, imediatamente ela se sentiu fortalecida.

Outra irmã era do tipo ansioso. Ela se atemorizava sempre que pensava no passado e olhava com ansiedade para o futuro. Ela, também, contou ao Senhor sua verdadeira condição. Por conseguinte, recebeu do Senhor uma promessa que dizia: "Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel" (Isaías 41:10). As afirmações tão categóricas desta passagem levaram a mulher a curvar a cabeça e adorar a Deus. Ela chorou de alegria e foi tocada pela plenitude das promessas. Daí para a frente, sempre que ela se defrontava com dificuldades ou tentações, lia estas palavras para si própria bem como para Deus. Dessa forma ela foi fortalecida, ajudada e sustentada durante muitos anos. Entre estas irmãs houve muitas experiências similares. As promessas que Deus lhes fazia ajustavam-se perfeitamente às suas necessidades. Buscavam ardentemente as promessas de Deus, e ao fim de cada ano, quando contavam a graça do Senhor, podiam comprovar a freqüência com que as promes-

sas divinas as haviam consolado e sustentado no decorrer do ano.

2) Certa filha de Deus pediu-lhe uma promessa concernente ao seu sustento material. Um dia ela leu estas palavras: "Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Hebreus 13:5). Ela ficou ao mesmo tempo surpresa e alegre com estas palavras. Este tipo de promessa é condicional: primeiro a pessoa deve livrar-se da avareza e contentar-se com o que já tem, antes que possa experimentar o constante sustento e suprimento do Senhor. Ela disse amém a esta promessa. Em seus últimos vinte anos, por um lado ela manteve o princípio de que "se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2 Tessalonicenses 3:10), e por outro lado experimentou a ação do Senhor não deixando acabar-se a farinha da panela nem faltar o azeite da botija (veja 1 Reis 17:8-16). O Senhor não a deixou nem a desamparou.

3) Outra filha de Deus havia muito tempo que se encontrava enferma. Em desespero quase total, lembrou-se das palavras de Romanos 8:13: "Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se pelo Espírito mortificardes os feitos do corpo, certamente vivereis." Foi o ponto decisivo de sua vida. Ela começou a tratar todas as coisas de acordo com a luz que o Senhor lhe dera. Mesmo assim, sua saúde ainda não apresentava melhoras. Portanto, um dia ela orou nestes termos: "Senhor, se as palavras de Romanos 8:13 são para mim, dá-me então outra promessa." Ela confessou sua indignidade e reconheceu quão pequena era a sua fé. Nesse exato momento, vieram ao seu íntimo estas palavras: "Deus não é homem, para que minta." Ela não estava ciente de que tais palavras existiam na Bíblia. Ao consultar uma

20 A Superior Aliança

concordância, verificou que de fato estavam registradas em Números 23:19:

“Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? ou tendo falado, não o cumprirá?”

O coração da mulher se encheu de júbilo e a sua boca de louvor. A seu tempo, Deus tirou-lhe a enfermidade.

4) Em certa fase de sua peregrinação espiritual, diversos filhos de Deus entraram numa situação semelhante àquela descrita no Salmo 66: “Tu nos deixaste cair na armadilha; oprimiste as nossas costas; fizeste que os homens cavalgassem sobre as nossas cabeças” (vv. 11. 12a). Não obstante, Deus lhes fez também a seguinte promessa: “Passamos pelo fogo e pela água: porém, afinal, nos trouxeste para um lugar espaçoso” (v. 12b). Esta promessa deu-lhes forças e também os consolou.

5) Diversos filhos de Deus enfrentavam grande provação. Toda vez que oravam, eram consolados e fortalecidos por esta promessa: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1 Coríntios 10:13).

6) Um servo do Senhor enfrentava severa provação. Parecia que uma alta montanha se levantava em seu caminho. Ele subiu até ficar totalmente exausto e profundamente desanimado, até que não lhe restou senão uma pequenina ponta de esperança refletida nestas palavras: “Até à presente hora”; “até agora” (1 Coríntios 4:11, 13). Isto foi suficiente, porém, para levar este servo do Senhor a transpor a montanha. “Até agora” ele era considerado lixo do mundo e

escória de todos; não obstante, "até agora" ele pôde agüentar. Como o tempo prova o homem! Mesmo assim, a promessa de Deus capacita-o a resistir à prova do tempo e resistir "até agora".

7) Vários discípulos estavam amedrontados pelas ondas e clamaram ao Senhor. "Tende bom ânimo", disse o Senhor, "sou eu. Não temais!" (Mateus 14:24-27). Ouvida esta promessa, seus corações se acalmaram, e as ondas perderam a força de enviá-los ao fundo do mar.

As Realidades de Deus

Muito embora não encontremos na Bíblia a palavra "realidade", descobrimos, sim, muitos fatos realizados. Por "realidade" entendemos uma obra concluída de Deus.

No Antigo Testamento Deus fez a promessa de que o Senhor Jesus nasceria de uma virgem (veja Isaías 7:14). De modo que, "vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos" (Gálatas 4:4-5). A promessa que encontramos em Isaías de que "a virgem conceberá, e dará à luz um filho", já se cumpriu. Tornou-se uma realidade. Do mesmo modo a crucificação do Senhor Jesus é uma realidade. Pois ele se ofereceu uma vez e obteve para nós a redenção eterna (veja Hebreus 9:12). Uma vez que esta obra já foi realizada, ninguém pode pedir ao Senhor que venha e morra para sua redenção. Igualmente a vinda do Espírito Santo é uma realidade; porque foi realizada de uma vez para sempre. Sendo uma realidade, não há, absolutamente, motivo para orarmos pedindo que venha o Espírito Santo, nem há necessidade de tal oração. (Esta observação, é claro, refere-se à realidade da vinda do Espírito Santo, e não

à experiência pessoal da vinda do Espírito Santo sobre nós.)

Além destes fatos, Deus realizou muito mais em Cristo. Diz-nos a Bíblia que todas as coisas pertencentes à vida e à piedade foram realizadas em Cristo. Por exemplo, diz Efésios 1:3: "Deus. . . nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo." O versículo 4 continua, dizendo "assim como. . .", e por aí vai num longo parágrafo que termina no v. 14, indicando desse modo que todos esses versículos aludem às bênçãos espirituais nas regiões celestiais. Tudo isso serve para explicar o que Pedro quis dizer ao declarar que "pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade" (2 Pedro 1:3). Todas elas estão em Cristo como realidades cumpridas.

No que concerne às promessas de Deus, existe a possibilidade de que não se realizem—ou mesmo sejam abolidas—se não as reivindicarmos ou não preenchermos a condição estabelecida. Mas as realidades de Deus não deixarão de ser cumpridas em nós por nossa falta em pedir. Visto que se trata de realidade não há necessidade de pedir. (Isto, igualmente, aponta para a própria realidade de Deus, e não para nossa experiência individual dessa realidade.) Nem uma vez sequer Deus exige que façamos algo especial a fim de obtermos suas realidades. Precisamos apenas crer nelas, e serão nossas. As promessas de Deus podem tardar, mas a realidade divina nunca se detém. É-nos de todo impossível aceitar uma realidade de Deus e esperar alguns anos antes que ele no-la conceda. Tudo quanto Deus já realizou e nos concedeu em Cristo não pode ser adiado. Pois se Deus hesitasse em conceder-nos, essa indecisão seria contraditória à realidade. Podemos esclarecer este ponto citando dois casos.

Primeiro Caso

Efésios 2:5-6 fala-nos do grande amor com que Deus nos amou: "Estando nós mortos em nossos delitos, [Deus] nos deu vida juntamente com Cristo,—pela graça sois salvos, e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus." O que aqui está dito é promessa de Deus ou realidade? As Escrituras mostram-nos que todas essas coisas são realidades. Foi Deus quem nos deu vida juntamente com Cristo, quem nos ressuscitou juntamente com ele e quem nos fez assentar nos lugares celestiais juntamente com Cristo. Todas estas são realidades cumpridas. Sendo realidades cumpridas, é necessário que demos graças a Deus e o louvemos, e deixemos claro a Satanás que já ressuscitamos com Cristo e com ele ascendemos. Isto não se dá porque assumimos determinada atitude a fim de *sermos* ressuscitados e assentos, mas por tomarmos a posição de havermos *sido* ressuscitados e assentos com Cristo.

Precisamos compreender com clareza que a vida recebida por todos os que pertencem ao Senhor outra coisa não é senão a vida ressurreta e assenta ao céu. Se alguém imagina que esta vida não é dada a não ser que primeiro seja pedida, sem dúvida tal pessoa não conhece a realidade cumprida de Deus. Para dizer a verdade, Deus já nos concedeu todas as coisas pertencentes à vida e à piedade. Não precisamos pedir; precisamos apenas receber. Aleluia! Louvado seja o Senhor por essas realidades gloriosas, estas obras que já foram terminadas, realizadas por Cristo e a nós concedidas por Deus.

Segundo Caso

Romanos 6:6 diz: "Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do

pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos.” Este versículo menciona três coisas: o pecado, o velho homem, e o corpo do pecado. Aqui a palavra *pecado* refere-se à natureza pecaminosa que reina no homem (Romanos 6:14; 7:17). O *velho homem* fala do ego que se deleita em dar ouvidos ao pecado. E o *corpo do pecado* significa nosso corpo, fantoche do pecado e que realmente peca. Dessa forma o pecado reina em nós como senhor. Ele leva o velho homem a fazer o corpo pecar. O velho homem representa tudo aquilo que vem de Adão; o velho homem inclina-se naturalmente para o pecado. Ele é que leva o corpo a pecar. Para que não pequemos, alguns têm sugerido que é necessário arrancar de nosso interior a raiz do pecado; outros, porém, expressam a idéia de que devemos subjugar sem dó nem piedade o corpo exterior. Todavia, o método de Deus difere totalmente do método dos homens. Deus não arranca a raiz do pecado nem maltrata o corpo. Sua atuação concentra-se no velho homem.

“Foi crucificado com ele o nosso velho homem.” Visto que o Senhor Jesus já foi crucificado, assim também foi crucificado nosso velho homem. Esta é uma realidade que Deus levou a cabo mediante Cristo.

“Para que o corpo do pecado seja destruído” pode ser traduzido mais precisamente, segundo o original, como: “Para que o corpo do pecado não seja empregado.” Visto que Deus já crucificou nosso velho homem com Cristo na cruz, este corpo do pecado está, por conseguinte, desempregado. Conquanto nossa natureza pecaminosa ainda exista e ainda esteja ativamente a tentar-nos, o velho homem que outrora era usado pelo pecado foi crucificado com Cristo. De sorte que o pecado já não pode reinar sobre nós, e estamos livres dele.

Não obstante, quando o homem olha para si mesmo e nota quanto é imperfeito e propenso ao pecado—muito provavelmente pedirá ao Senhor uma segunda graça ou alguma obra renovada, tal como a erradicação do pecado de modo que se veja livre dele. Ou admitirá que muito embora Cristo tenha sido crucificado, não o foi o velho homem que nele habita; portanto, pede a Deus que lhe crucifique o velho homem. Todavia, quanto mais pede a Deus que crucifique o velho homem, tanto mais ativo e opressivo parece que ele se torna.

Por que isto é assim? Porque o homem só conhece as promessas de Deus sem conhecer suas realidades, ou, tomando por promessa o que é realidade de Deus, ele a vê por uma perspectiva errada. Deus declarou, terminantemente, que o velho homem *foi* crucificado com Cristo, mas o homem interpreta mal, entendendo que Deus *promete* crucificar-lhe o velho homem. Daí pedir a Deus que o faça. Sempre que peca, considera que o velho homem ainda não foi crucificado, e assim uma vez mais pede a Deus que crucifique o velho homem. Toda vez que é tentado a pecar, considera o velho homem como não tendo sido destruído por completo, como consequência, acha que deve pedir de novo a Deus que acabe com o velho homem. Ignora que estando seu velho homem crucificado com Cristo, a realidade foi cumprida. Como isto é diferente de uma promessa! A despeito de sua persistente oração, nunca conseguirá nenhum progresso. Tudo o que pode fazer é clamar: “Desventurado homem que sou!”

Devemos saber que Romanos 6:6 é uma experiência fundamental para todo aquele que pertence ao Senhor. É-nos imperativo pedir a revelação do Espírito do Senhor para que vejamos como nosso velho homem *foi* crucificado com Cristo. Desse modo pode-

remos crer segundo a Palavra de Deus que deveras morremos para o pecado (Romanos 6:10-11). Seja qual for a forma que a tentação tome para fazer-nos crer que nosso velho homem ainda não foi morto, é necessário cremos no que Deus fez, mais que em nossos sentimentos e experiências. Quando, verdadeiramente, virmos isto como uma realidade, verificaremos que nossa experiência pessoal a esse respeito surgirá de maneira mais natural. Notemos que as realidades de Deus não se realizam porque assim cremos; antes, cremos assim porque já são realidades.

Que é crença? Deus disse que nosso velho homem foi crucificado com Cristo; por isso nós também dizemos que nosso velho homem *foi* crucificado com Cristo. Que nosso velho homem está morto é uma realidade. Esta realidade Deus a cumpriu mediante Cristo, e já nada mais pode fazer. O homem, por sua vez, nada pode fazer, exceto crer na veracidade da Palavra de Deus. O que precisamos fazer com relação às realidades de Deus, não é orar para que ele as cumpra, mas crer que já foram cumpridas. Tão-logo creiamos em uma realidade de Deus, começaremos a experimentá-la. A ordem indicada por Deus é: realidade, fé e experiência. Este é um grande princípio da vida espiritual que deve ser lembrado.

Alguns Princípios Concernentes às Realidades de Deus

Dos casos que acabamos de apresentar, podemos derivar certos princípios relativos às realidades de Deus:

- 1) Primeiro, descobrir o que é a realidade de Deus. Para isto precisamos da revelação do Espírito Santo.
- 2) Depois, sabendo que determinada coisa é, deveras, uma realidade de Deus, devemos apegar-nos à palavra divina e crer que já nos tornamos naquilo que

a Palavra de Deus pronunciou. Devemos confiar em que somos o que a realidade de Deus afirma.

3) Mediante uma fé desta natureza, devemos, por um lado, dar graças a Deus pelo que já somos, por outro, atuar sobre o fundamento dessa realidade, demonstrando, assim, o que realmente somos.

4) Sempre que formos tentados ou provados, devemos crer que a Palavra e as realidades de Deus são mais dignas de confiança do que nossos próprios sentimentos. Se crermos plenamente na Palavra de Deus, ele se fará responsável por dar-nos a experiência. Caso voltemos à nossa própria experiência negativa passada, seremos derrotados e não teremos nenhuma experiência positiva futura. Crer nas realidades de Deus é responsabilidade *nossa*; dar-nos a experiência própria, é responsabilidade de *Deus*. Se crermos nas realidades de Deus, nossa vida espiritual progredirá diariamente.

5) As realidades de Deus exigem fé da parte do homem, pois a fé é o único meio de dar substância a uma realidade e traduzi-la em experiência. As realidades de Deus estão em Cristo. O homem deve estar em Cristo antes que possa usufruir as realidades de Deus em Cristo. Devemos estar unidos com Cristo para que experimentemos as realidades de Deus cumpridas nele. Guardemos bem em mente que no momento em que fomos salvos, fomos unidos com Cristo; portanto já estamos em Cristo (veja 1 Coríntios 1:30; Gálatas 3:27; Romanos 6:3). O que acontece é que muitos que estão "em Cristo" não "permanecem" nele. Não permanecem pela fé na posição que Deus lhes concedeu em Cristo, faltando assim em suas vidas a eficácia das realidades de Deus. Devemos, pois, *permanecer* em Cristo e *estar* nele para que as realidades de Deus se convertam em nossa experiência.

Necessidade de Ver

Temos, repetidamente, declarado que as realidades de Deus são o que ele já fez. Não devemos pedir-lhe que faça mais nada. Se, porém, não vemos a autenticidade de uma realidade de Deus, então devemos pedir-lhe que nos conceda revelação e luz para que possamos ver. É pelo espírito de sabedoria e de revelação que podemos verdadeiramente conhecer (Efésios 1:17-18). Isto é algo que devemos pedir; pedir que *vejamos*. Não pedimos a Deus que *faça* isto; pedimos, sim, que nos *faça* ver o que ele *já fez*. Que esta distinção nos seja muito clara. Com o intuito de explicá-la melhor, usaremos algumas ilustrações.

Ilustração A

Certa irmã, antes de compreender a realidade de que estava “em Cristo”, achava que devia aplicar seus próprios esforços para obtê-la; ela não sabia, porém, como fazê-lo. Um dia ouviu estas palavras: “Mas vós que sois dele [de Deus], em Cristo Jesus” (1 Coríntios 1:30). No íntimo ela percebeu então que Deus já a havia colocado em Cristo, não havendo, portanto, necessidade de ela aplicar seus próprios esforços para isso.

Ilustração B

Antes que pudessem dizer que “foi crucificado com ele [Cristo] o nosso velho homem”, uns poucos filhos de Deus se esforçavam por crucificar seu velho homem, ou pediam a Deus que o fizesse. O resultado era previsível. Como pode alguém crucificar seu velho homem? Quanto mais tentavam crucificar o velho homem, tanto mais ativo ele se tornava. Quanto mais pediam a Deus que o fizesse, tanto mais confusos ficavam. Até que um dia Deus abriu-lhes os olhos para verem que ele já havia crucificado com Cristo seu velho homem, e então compreenderam

quão tolos foram seus esforços e suas orações no passado.

Ilustração C

Uma irmã nunca pôde entender com clareza a realidade do derramamento do Espírito Santo. Certa noite ela se trancou no quarto e leu o capítulo 2 de Atos, pedindo a Deus que lhe desse revelação enquanto lia. Deus abriu-lhe os olhos para ver três pontos neste capítulo:

- 1) Cristo foi exaltado à destra de Deus e recebeu do Pai a promessa do Espírito Santo o qual Cristo derramou (v. 33).
- 2) Deus o fez Senhor e Cristo (v. 36).
- 3) Esta promessa (do Espírito Santo o qual Cristo recebeu e derramou) é feita aos israelitas e seus filhos, e a todos os que ainda estão longe (v. 39).

Ela viu que o derramamento do Espírito Santo é uma realidade. Havendo-se arrependido e sendo batizada em nome de Jesus Cristo, ela foi incluída entre os que ainda estavam longe. Portanto, tinha parte na promessa do Espírito Santo. Vendo isto, ela encheu-se de alegria e louvava ao Senhor incessantemente.

Desejo reiterar que com referência às realidades de Deus, não temos de pedir-lhe que as faça; tudo o que necessitamos pedir é que possamos ver o que ele já realizou. Não lhe pedimos que agora nos coloque em Cristo; só lhe pedimos que nos mostre que ele já o fez. Do mesmo modo, não pedimos que Deus agora crucifique nosso velho homem; pedimos, antes, que nos faça ver que ele já o crucificou com Cristo. De semelhante modo, não pedimos a Deus que derrame agora do céu o Espírito Santo; antes, pedimos que possamos ver que o Espírito Santo já foi derramado.

Atos 1:13-14 diz que os apóstolos, juntamente com

as mulheres, encontrando-se entre eles Maria, mãe de Jesus, e os irmãos dele, perseveravam unânimes em oração. Atos 2:1 indica que o dia de Pentecoste havia-se cumprido, e os discípulos estavam reunidos no mesmo lugar, pois o Espírito Santo ainda não tinha sido derramado. Contudo, 8:15-17 diz-nos que Pedro e João oravam pelos crentes em Samaria e impunham as mãos sobre eles para que recebessem o Espírito Santo. Os apóstolos não oravam pedindo o derramamento do Espírito Santo dos céus. Esse derramamento dos céus é uma realidade ao passo que a vinda do Espírito Santo sobre uma pessoa é uma experiência.

O que temos de pedir é que Deus nos mostre a sua realidade. E tão-logo vejamos isto no íntimo, naturalmente creremos e desse modo a experimentaremos.

Resumamos agora as diferenças básicas entre as promessas de Deus e as realidades de Deus. Na Bíblia, as promessas indicam as palavras que Deus proferiu antes de realizar o prometido, enquanto as realidades são a palavras de Deus depois que ele as cumpriu.

Quanto às promessas de Deus, necessitamos aceitá-las pela fé; mas quanto às realidades de Deus, devemos não só aceitá-las pela fé mas também começar a desfrutá-las como já cumpridas. É, por conseguinte, de grande importância distinguirmos entre as realidades de Deus e as suas promessas enquanto lemos sua Palavra. Sempre que lermos a respeito da graça de Deus—isto é, do que Deus realizou por nós—devemos formular a pergunta: Trata-se aqui de uma promessa ou de uma realidade? Se for uma promessa condicional, devemos primeiro cumprir a condição, e depois orar até que Deus nos dê certeza interior de que é uma promessa para nós. Desse modo teremos fé que ele nos ouviu, e é muitíssimo natural que comecemos a louvá-lo. Embo-

ra o que Deus prometeu esteja ainda por efetuar-se, temos fé para aceitá-lo como se já o tivéssemos em mãos. Se, porém, a matéria é uma realidade, devemos de imediato exercitar a fé para dar graças a Deus, dizendo: "Ó Deus, deveras isto já se concretizou." Cremos que somos realmente assim, e assim atuemos. Desse modo provaremos nossa fé.

Eis aqui mais alguns lembretes:

1) Antes de buscarmos a promessa do Senhor devemos, primeiro, tratar da fé impura, visto que uma pessoa com a mente confusa ou emoção aquecida pode, com facilidade, tomar isto ou aquilo como promessa de Deus para ela. Parece que assim ela obtém uma promessa para hoje como pensou ter uma para ontem. Ela as escolhe como num sorteio e tais promessas lhe são muito convenientes. Não obstante, essas assim chamadas promessas de Deus são, nove em dez casos, enganadoras e indignas de confiança.

Isto não quer dizer que não se pode confiar nas promessas de Deus; significa, simplesmente, que elas são o que a pessoa julga ser promessas de Deus; são, em realidade, apenas desejos de sua mente (isto é, aquilo que a pessoa deseja crer) em vez de promessas feitas por Deus.

Além do mais, uma pessoa preconceituosa, voluntariosa, ou muito subjetiva, tende a compreender como promessa de Deus aquela parte de sua Palavra que retém na mente, e que se ajusta ao seu desejo, ou que interpreta de maneira subjetiva. Isto, amiúde, não merece confiança, e assim causa muito desapontamento e até mesmo dúvidas concernentes à Palavra de Deus. Por esse motivo, antes de buscarmos as promessas de Deus, devemos pedir-lhe que nos ilumine o coração a fim de que conheçamos a nós mesmos. Precisamos pedir-lhe que nos purifique o coração e nos dê graça de sorte que nos disponhamos

a abrir mão de nós mesmos e esperarmos silenciosamente em Deus. Só então suas promessas se imprimirão espontânea e claramente no mais profundo receso de nosso coração.

2) Havendo recebido a promessa de Deus, devemos começar a usá-la. Charles Spurgeon disse certa vez: "Crentes, rogo-vos que não trateis as promessas do Senhor como antigüidades numa exposição. Deveis, antes, usá-las diariamente como fonte de consolação, e de confiança contínua no Senhor em tempos de provação." Estas palavras de Spurgeon foram, sem a menor dúvida, extraídas de muita experiência.

3) Aquele que em realidade recebeu uma promessa de Deus, geralmente tem procedimento calmo e tranqüilo, porque, para ele, a promessa vale como se já tivesse sido realizada. Quando Paulo, em Corinto, se viu constrangido pelo Senhor, foi-lhe dada uma visão na qual o Senhor lhe disse: "Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo e ninguém ousará fazer-te mal." Assim ele permaneceu ali um ano e seis meses (Atos 18:9-11). Doutra feita, quando se viu em perigo do mar, na viagem para Roma, ele se pôs em pé no meio dos companheiros de viagem e declarou: "Senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito." Ele não só acreditava na promessa de Deus mas passou-a adiante e usou-a para consolar os outros. Observemos mais que, "Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de Todos e, depois de o partir, começou a comer". Foi esta a atitude de Paulo para com as promessas de Deus. Isto criou uma impressão tão profunda em seus companheiros de viagem que "Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer" (Atos 27:23-25, 35-36).

Um santo disse certa vez que todas as promessas

de Deus estão edificadas sobre quatro fundamentos, a saber: a justiça, a santidade, a graça e a verdade de Deus. A justiça de Deus guarda-o de ser infiel a suas promessas, a santidade de Deus impede-o de ser enganoso; a graça de Deus, impede-o de ser esquecido e a verdade de Deus não deixa que ele mude de idéia. Outro santo proclamava que uma promessa de Deus, embora retarde, não o será por muito tempo. O salmista também declara ao seu Senhor: "Lembra-te da promessa que fizeste ao teu servo, na qual me tens feito esperar" (Salmo 119:49). Esta é uma oração muitíssimo poderosa. As promessas de Deus dão-nos esperança viva. Aleluia!

4) Uma vez que vejamos as realidades de Deus, a fé as continua mirando e considerando-as como as realidades que são. Sempre que experimentarmos fracasso, devemos descobrir sua causa e condenar a ação desta. Se a causa for nossas dúvidas até o ponto de chegar a negar a realidade de Deus por causa de nossos fracassos, isto demonstrará que temos um perverso coração de incredulidade (veja Hebreus 3:12). Devemos pedir a Deus que o tire de nós.

Portanto, compreendamos que somos "participantes de Cristo, se de fato guardarmos firme até ao fim a confiança que desde o princípio tivemos" (Hebreus 3:14).

2

As Alianças de Deus

As palavras da graça de Deus compreendem três coisas diferentes: as promessas de Deus, as realidades de Deus e as alianças de Deus. No primeiro capítulo falamos das promessas de Deus e das suas realidades; passaremos agora a estudar as alianças divinas. Todos aqueles cujos corações foram ensinados pela graça, louvá-lo-ão, dizendo: Quão grande e precioso é que Deus faça aliança com o homem!

As promessas de Deus são, na verdade, de valor incalculável. Em tempos de enfermidade, dor e problemas, suas promessas são para nós como "torrentes de águas em lugares secos, e de sombra de grande rocha em terra sedenta" (Isaías 32:2).

Não obstante, é-nos mais fácil possuir as realidades de Deus do que as suas promessas porque ele nos dá não somente as promessas que logo se cumprirão mas também as realidades que já foram cumpridas. Em verdade, ele pôs este tesouro em vasos de barro, "para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2 Coríntios 4:7).

Hoje, porém, Deus não só nos concede as promessas e as realidades que já foram cumpridas em Cristo,

mas também faz aliança conosco. Sua aliança é até mais gloriosa do que suas promessas e suas realidades. Em fazendo aliança com o homem, Deus condescende em sujeitar-se e restringir-se por meio de um acordo. Ele está disposto a privar-se de sua liberdade na aliança a fim de facilitar-nos a posse da coisa que ele deseja que possuamos. O Altíssimo, o Criador dos céus e da terra, condescende em fazer aliança com o homem. Tal graça foge a qualquer comparação. Só podemos inclinar-nos para adorar o Deus da graça.

O Significado da Palavra "Aliança"

Que significa a palavra "aliança"? É uma palavra que fala de fidelidade e de legalidade. Em seu sentido mais elementar ela não se relaciona com o prazer e a graça. Uma aliança deve ser executada de acordo com a fidelidade, com a justiça e com a lei. Se estabelecermos uma aliança com alguém, estipulando nela as coisas que iremos fazer, estaremos quebrando nossa palavra e sendo infiéis caso não executemos o que consta do acordo. Seremos considerados injustos e desonestos. Rebaixaremos instantaneamente nosso padrão de moral; e, além do mais, seremos julgados pela lei como violadores da aliança.

Do que ficou dito podemos prontamente ver que quando Deus faz uma aliança com o homem ele se limita a si mesmo. De início ele poderia tratar-nos como bem lhe aprouvesse. Ele poderia tratar conosco em graça ou sem ela. Ele poderia salvar-nos ou deixar de salvar-nos. Antes de fazer uma aliança, Deus tem o soberano direito de fazer o que lhe apraz. Mas, depois de fazê-la, ele deve atuar segundo os termos da aliança, pois encontra-se sujeito a ela.

Quanto à aliança em si agora ela passa a ser uma questão de fidelidade, e não de graça. Vendo-a da

perspectiva da disposição divina de sujeitar-se em aliança com o homem, não há dúvida de que ela é a mais sublime expressão da graça de Deus. Como ele condescendeu em ficar no mesmo nível do homem e assim colocar-se numa aliança! E uma vez que Deus fez aliança, daí para a frente ele está sob suas limitações. Quer goste, quer não, Deus não pode violar sua própria aliança. Oh! quão grande e quão nobre é a realidade de que Deus tenha-se dignado a fazer aliança com o homem!

Por Que Deus Faz Aliança Com o Homem?

Por que faz Deus aliança com o homem? Para entendermos esta pergunta, devemos remontar à primeira vez em que Deus fez tal trato com o ser humano. Estritamente falando, a primeira ocasião em que vemos Deus fazendo aliança com o homem no Antigo Testamento ocorreu nos dias de Noé. Daí que a aliança com Noé pode ser considerada como a mais antiga.

Deus Expressa seu Pensamento nas Alianças

Ao observarmos a Deus fazendo aliança com Noé, compreendemos quão difícil é para Deus fazer que o homem conheça o que ele pensa. Nos dias de Noé a humanidade pecou tão terrivelmente que se poderia dizer que a iniquidade chegou à sua plenitude. Como conseqüência, Deus destruiu os homens por meio de um dilúvio. Mas Deus estava atento não só a Noé e sua família mas também a muitas criaturas vivas. Ele desejava preservar-lhes a vida. De modo que fez uma aliança com Noé, dizendo:

Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos. De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e

fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo. Das aves segundo as suas espécies, do gado segundo as suas espécies, de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida. Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo; ser-te-á para alimento, a ti e a eles (Gênesis 6:18-21).

A fim de preservar-lhes a vida, Deus pensou até na alimentação deles. E assim esta aliança revela quão amoroso e sensível é o coração de Deus para com o homem.

Conforme profetizado, o dilúvio inundou a terra. Todas as aves, gado, feras e répteis que havia na terra, juntamente com todos os homens, morreram afogados, salvo a família de Noé e as criaturas viventes que ele levou na arca. Deus havia executado segundo a palavra de sua aliança.

Estando encerrados na arca por mais de um ano, Noé e sua família nada viam senão água, e nada ouviam senão o barulho das ondas. Quando as águas baixaram e eles saíram da arca, estavam sobremodo assustados, desejando saber se Deus visitaria de novo a humanidade com um dilúvio. Embora fossem salvos, estavam com o coração cheio de medo.

Sabemos que Deus foi obrigado a enviar o dilúvio para julgar a humanidade: "Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe *pesou* no coração" (Gênesis 6:5-6). Desse modo se revelou o coração de Deus. A fim de remover a impressão medonha do dilúvio que ficou na mente das pessoas e de assegurar-lhes que ele não se deleitava em destruí-las, Deus as consolou

e fez-lhes conhecer o pensamento divino dando-lhes uma prova especial em forma de aliança.

Disse também Deus a Noé e a seus filhos: Eis que estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência, e com todos os seres viventes que estão convosco: assim as aves, os animais domésticos e os animais selváticos que saíram da arca, como todos os animais da terra. Estabeleço a minha aliança convosco: *não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra.* Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós, e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações. Porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra. Sucederá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e neles aparecer o arco, então me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e *as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne.* O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres viventes de toda carne que há sobre a terra. Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra (Gênesis 9:8-17).

Três vezes, nesta aliança, Deus, para afastar o temor da família de Noé e incentivá-los a apegar-se às palavras da aliança para que pudessem nelas descansar, declarou que não mais haveria dilúvio.

Nesta circunstância podemos ver o motivo das alianças. Em vista de faltar ao homem entendimento da boa vontade de Deus, ele faz com o homem uma aliança como uma promessa à qual agarrar-se. Ao

fazer um aliança, ele informa claramente ao homem qual o intento do coração divino. É como se ele abrisse o coração ao homem para que este visse o seu interior. Oh, o Senhor Criador dos céus e da terra interessa-se tanto pelo homem que até as pedras serão movidas a louvá-lo!

*Mediante Alianças Com o Homem
Deus lhe Aumenta a Fé*

Examinemos a seguir o relato da aliança que Deus faz com Abraão.

Abraão demonstrou amor, coragem e pureza no duplo incidente de receber de volta seu sobrinho Ló e rejeitar as riquezas de Sodoma (veja Gênesis 14:14-23). Mais tarde, porém, Deus lhe disse: "Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande" (Gênesis 15:1). Desse modo foram revelados os sentimentos íntimos de Abraão: por um lado, ele não podia deixar de preocupar-se com os quatro reis que poderiam, algum dia, voltar por vingança; e, por outro, secretamente lamentou a partida de Ló, visto que ele não tinha filho. Portanto, Deus chegou no momento oportuno para consolá-lo e fortalecê-lo.

Não obstante, a resposta de Abraão dá a entender que ele não estava satisfeito com a promessa de Deus. Disse ele: "Senhor Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos, e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliezer?" (15:2). Ele não compreendeu que a promessa de Deus era cheia de graça. Abraão era muito pessimista; ele tinha sua própria idéia e sua própria solução. Como reagiu Deus? "A isto respondeu logo o Senhor, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti, será o teu herdeiro. Então conduziu-o até fora, e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E

lhe disse: Será assim a tua posteridade" (vv. 4-5). Que foram estas palavras de Deus? Uma promessa, não uma realidade. Mas Abraão creu na promessa de Deus, e isso lhe foi imputado para justiça (veja v. 6). Ao crer, ele tornou-se o pai da fé.

Depois que Abraão creu na primeira promessa, Deus fez-lhe a segunda: "Disse-lhe mais: Eu sou o Senhor que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te por herança esta terra" (v. 7). Creu Abraão nesta promessa? Sua capacidade era pequena demais. Ele expressou sua dúvida, perguntando: "Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la?" (v. 8). Esta promessa era grande demais para que a fé de Abraão a apreendesse, de modo que ele pediu a Deus uma prova à qual agarrar-se.

Tem Deus algum meio de remediar a pequena fé de Abraão? Que fez Deus? Fez uma aliança com ele (veja v. 18). Por isso, fazer uma aliança é *suplementar* o que é insuficiente só com a promessa. É o melhor meio de *lidar* com a descrença, e *aumentar* a medida da fé no homem. Abraão podia não crer na promessa divina, mas Deus não podia alterar o prometido. Para a descrença de Abraão, Deus fez com ele uma aliança a fim de ajudá-lo a crer. Deus disse a Abraão:

Toma-me uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, uma rola e um pombinho. Ele, tomando todos estes animais, partiu-os pelo meio, e lhes pôs em ordem as metades, uma defronte das outras; e não partiu as aves. . . . E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante, e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços (Gênesis 15:9-10, 17).

Que significa tudo isto? Era Deus fazendo aliança com Abraão. Mostrava que a aliança que ele estabele-

cia chegava até às entranhas e ao sangue. Os corpos dos animais foram divididos e o sangue derramado. Deus passou entre aqueles pedaços para assegurar que a aliança que ele fazia era eternamente imutável e jamais seria invalidada.

Deus sabia quão limitada era a fé de Abraão. A menos que ele ampliasse a capacidade de crer de seu servo, nada se realizaria. Fazer aliança era, portanto, o modo de Deus aumentar a fé de Abraão. Ele não somente prometeu mas também fez aliança com Abraão quanto ao que ele, Deus, faria. Desse modo o Senhor levou Abraão a crer. Por haver estabelecido uma aliança, Deus não tinha outra saída senão agir de acordo com ela; de outra maneira, ele seria infiel, injusto e ilegal. Mediante a garantia de tal aliança, a capacidade da fé de Abraão foi naturalmente aumentada.

*Deus Faz Aliança Com o Homem
Para Dar-lhe Garantia*

Vejamos agora a aliança que Deus fez com Davi.

Em 2 Samuel 7:4-16 e Salmo 89:19-36 temos o relato do mesmo incidente; exceto que 2 Samuel 7 não nos informa que Deus estava estabelecendo uma aliança com Davi, ao passo que o Salmo 89 declara com clareza que a palavra que o Senhor disse a Davi por meio do profeta Natã era uma aliança. Deus deu sua palavra a Davi e a seus descendentes como garantia. Ele se compraz em ver os homens apegar-se à sua palavra e solicitar-lhe que proceda de acordo com ela. Este é o motivo primordial de suas alianças com os homens.

A palavra de Deus a Davi era muito clara:

Se os seus filhos desprezarem a minha lei, e não andarem nos meus juízos, se violarem os meus preceitos, e não guardarem os meus manda-

mentos, então punirei com vara as suas transgressões, e com açoites, a sua iniquidade. Mas *jámais* retirarei dele a minha bondade, nem *desmentirei* a minha fidelidade. Não *violarei* a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como o sol perante mim (Salmo 89:30-36).

Todas essas palavras referem-se à aliança de Deus com Davi. Caso os filhos de Davi não guardassem os mandamentos de Deus, eles seriam punidos com vara; mas Deus não poderia quebrar sua aliança com Davi.

Quando foi escrito o Salmo 89? Foi escrito quando a nação de Judá foi destruída e o povo levado ao desterro na Babilônia. Durante esse período particular era como se Deus se houvesse esquecido de sua aliança com Davi. O Salmista viu a queda trágica da nação, de modo que se dirigiu a Deus nestes termos: "Tu, porém, o repudiaste e o rejeitaste; e te indignaste com o teu ungido. Aborreceste a aliança com o teu servo: profanaste-lhe a coroa, arrojando-a para a terra" (vv. 38-39). Aqui ele mencionou a Deus sua aliança com Davi. Valendo-se da aliança, o Salmista indagou de Deus: "Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora, juradas a Davi por tua fidelidade?" (v. 49). Notemos o que o Salmista disse aqui. Ele apegou-se à aliança e orou. O Espírito Santo, de propósito registra tal oração inquiridora a fim de mostrar-nos o quanto Deus se compraz com as pessoas que se valem de suas garantias e oram de acordo com elas. Deus será assim glorificado. Ele deleita-se em que as pessoas se aproximem dele segundo as termos das alianças, para orar ou mesmo

44 A Superior Aliança

inquirir. Ele se alegra quando lhe solicitam que proceda segundo as promessas contidas nas suas alianças.

Como Utilizar as Alianças

Havendo estabelecido uma aliança com o homem, Deus seria infiel e injusto se não executasse tudo o que nela está escrito. Sabemos que ele faz aliança conosco para que sejamos incentivados a pedir-lhe, exigindo que ele cumpra o que disse na aliança segundo a justiça. Agora ele está sujeito pela aliança; deve, portanto, atuar retamente. Por este motivo, todos os que sabem o que é uma aliança, sabem como orar—podem pedir a Deus com ousadia. Esclareçamos este ponto com os seguintes casos:

Primeiro Caso

“Atende, Senhor, à minha oração, dá ouvidos às minhas súplicas. Responde-me, segundo a tua fidelidade, segundo a tua justiça” (Salmo 143:1). Aqui Davi pediu a Deus que lhe desse ouvidos, não segundo à misericórdia ou graça; antes, apelou para a fidelidade e justiça de Deus. Ele não suplicou; orou com ousadia. Sabia o que era uma aliança e sabia como valer-se dela.

Segundo Caso

Ao término da construção do santo templo, Salomão disse: “Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, que falou pessoalmente a Davi, meu pai, e pelo seu poder o cumpriu” (2 Crônicas 6:4; veja 2 Samuel 7:12-13). Depois, ajoelhando-se perante toda a congregação de Israel, estendeu as mãos para o céu e orou: “. . .que guardas a aliança e a misericórdia a teus servos que de todo o coração andam diante de ti. . . Agora, pois, ó Senhor Deus de Israel, faze a teu servo Davi, meu pai, o que lhe declaraste . . . Agora,

também, ó Senhor Deus de Israel, cumpra-se a tua palavra que disseste a teu servo Davi" (2 Crônicas 6:14-17). Salomão entendeu que algumas das coisas contidas na aliança de Deus com seu pai Davi já se haviam cumprido, ao passo que outras deviam cumprir-se continuamente; por conseguinte, ele pediu a Deus que realizasse tudo o que havia prometido, segundo sua aliança. Isto é orar de acordo com a aliança, apegar-se em oração à garantia ou aliança que Deus concedeu.

Terceiro Caso

Conforme observamos anteriormente, o Salmo 89 foi escrito depois que o povo de Israel fora levado cativo para a Babilônia. Durante esse período, pelo que parece, era como se tudo estivesse acabado, que a promessa de Deus tivesse fracassado e que ele tivesse traído sua aliança com Davi. Daí que o Salmista parece estar lembrando a Deus, quando pergunta: "Que é feito, Senhor, das tuas benignidades de outrora, juradas a Davi por tua fidelidade?" (v. 49). Repetimos: isto é orar segundo a aliança, valer-se da palavra que Deus empenhou em sua aliança.

Como Conhecer as Alianças de Deus

Como podemos, em realidade, conhecer as alianças de Deus? "A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança" (Salmo 25:14). A não ser que o próprio Deus nos revele sua aliança, não há meio de conhecê-la. Podemos ouvir as pessoas falarem a respeito das alianças de Deus, podemos até entender algo a respeito, mas se não houver revelação de Deus, não temos força para lançar mão de suas palavras. Daí a necessidade que temos de que o Senhor a imprima em nosso espírito.

Que tipo de pessoas podem receber a direção de

Deus? Aquelas que temem a Deus; porque "A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança". Que significa "temer a Deus"? Temê-lo é santificar-lhe o nome—isto é, exaltá-lo. Os que buscam a vontade de Deus com singeleza de coração e a ele obedecem de maneira absoluta, esses são os que o temem. Para os tais, ele contará o seu segredo e mostrará sua aliança. Os indolentes, descuidados, inclinados à dúvida ou arrogantes não precisam esperar que Deus lhes revele sua intimidade ou aliança. Ele só faz conhecido seu segredo e desvenda sua aliança aos que o temem. Isto pode ser atestado por todos os que temem ao Senhor. Para que conheçamos verdadeiramente as alianças de Deus, devemos aprender a temê-lo.

Observações Gerais Sobre a Nova Aliança

Deus fez diversas alianças com o homem. As mais notáveis são as estabelecidas com Noé, com Abraão, com os israelitas que saíram do Egito, e com Davi. Há outra que ele fez com os filhos de Israel na terra de Moabe, além daquela feita com eles em Horebe (veja Deuteronômio 29:1). Mas, acima de todas essas está a aliança que Deus estabeleceu por intermédio de Jesus Cristo—geralmente conhecida como a Nova Aliança. Conquanto haja muitas alianças, as mais significativas são a Aliança Abraâmica e a Nova Aliança.

A Nova Aliança Sucede a Aliança Abraâmica

A Nova Aliança supera e sucede a Aliança Abraâmica. Em Gálatas 3 vemos que essas duas alianças correm na mesma linha de pensamento. Embora a Aliança Mosaica da Lei, que Deus estabeleceu com Israel, esteja entre a Abraâmica e a Nova (veja Gálatas 3:15-17), não obstante a Lei é acrescentada por causa das transgressões (veja Gálatas 3:19; Romanos 5:20). Só a Aliança Abraâmica e a Nova Aliança são promul-

gadas sobre uma promessa, e, portanto, sobre o fundamento da fé (veja Gálatas 3:7, 9, 16-17; Hebreus 8:6). Pertencem ao mesmo sistema. Entre as Alianças Abraâmica e a Nova está a Aliança da Lei que Deus estabeleceu com o povo de Israel. Esta é aquela “primeira aliança” mencionada em Hebreus 8:7, que também geralmente chamamos de Antiga Aliança. A Antiga Aliança (ou Testamento) não se refere aos trinta e nove livros do Antigo Testamento (Gênesis a Malaquias). Estritamente falando, a Antiga Aliança cobre o período de Êxodo 19 até à morte do Senhor Jesus. As condições da Antiga Aliança têm natureza recíprocas: se os filhos de Israel guardarem a Lei, Deus os abençoará; se, porém, a violarem, ele os castigará. Esta é a Antiga Aliança. Não obstante, há uma aliança anterior à Antiga: é a que Deus estabeleceu com Abraão. Pois bem, a Nova Aliança é uma continuação da Abraâmica, e não da Antiga.

A Primeira Aliança Tem Defeito

“Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para a segunda” (Hebreus 8:7). Isto quer dizer que a primeira foi considerada defeituosa. No que concerne à aliança *em si*, “a lei é santa” (Romanos 7:12), “a lei é espiritual” (Romanos 7:14), “a lei é boa” (1 Timóteo 1:8). Mas quanto à *função* da primeira aliança, “pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Romanos 3:20), e “a lei não procede de fé, mas: [citando de Levítico 18:5] Aquele que observar os seus preceitos, por eles viverá” (Gálatas 3:12). Por isso aqui se está afirmando que a Lei exige que se faça o bem, mas falha em dar vida e poder para fazê-lo. Por quê? Porque “fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne” (Romanos 8:3); e portanto “ninguém será justificado diante dele por obras da lei”

(Romanos 3:20). Em resumo, "a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma" (Hebreus 7:19). Assim, a Antiga Aliança foi achada falha.

Sabemos que todas as palavras escritas desde Êxodo 19 até 24 estão incluídas na aliança que Deus fez com Israel. No terceiro mês depois que os filhos de Israel saíram da terra do Egito, entraram no deserto do Sinai, e aí acamparam diante do Monte. Moisés apareceu perante o Senhor e foi-lhe ordenado que dissesse ao povo: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha." Ao ouvir estas palavras, o povo respondeu à uma: "Tudo o que o Senhor falou, faremos" (veja 19:1-8). Depois de Moisés haver proclamado todas as palavras da aliança, "tomou Moisés aquele sangue e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras" (24:8).

Ora, na aliança estão incluídas palavras tais como estas: "Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há. . . Não as adorarás. . ." (20:3-5). Guardou o povo estas palavras? Sabemos que mesmo antes de Moisés trazer do Monte Sinai as tábuas do testemunho, o povo de Israel já tinha feito um bezerro de ouro e o havia adorado na planície (veja 32:1-8). Em outras palavras, antes mesmo que as tábuas do testemunho chegassem a eles, o povo já havia quebrado a aliança. Esta é a falha da primeira aliança.

Foi o povo de Israel, mais tarde, capaz de guardar a aliança de Deus? Não, não foi. Pelo contrário, provocaram a Deus tentando-o e provando-o, muito embora tivessem continuamente testemunhado a obra de

50 *A Superior Aliança*

Deus, mas não conheceram seus caminhos. Esta, também, é a falha da primeira aliança.

E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não segundo a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os conduzir até fora da terra do Egito; pois eles não continuaram na minha aliança. . . (Hebreus 8:8, 9).

Como Deus esperava que continuassem fiéis à sua aliança! Mas não podiam continuar. A despeito de sua determinação outrora feita de seguir ao Senhor, não o fizeram diariamente com fidelidade. Embora tenham revivido uma vez, não continuaram assim todos os dias. Esta é, também, a falha da primeira aliança.

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. . . . Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum: pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuar-lo” (Romanos 7:14, 18). A experiência de Paulo prova que a Lei em si é espiritual, porém é fraca através da carne (Romanos 8:3). Uma vez mais, esta é a falha da primeira aliança.

A Nova Aliança é a Superior Aliança

Se a primeira aliança é falha, que dizer da segunda? A segunda é a Nova Aliança (Hebreus 8:7, 13), que foi promulgada tendo por base uma superior promessa (Hebreus 8:6), escrita não sobre tábuas de pedra mas sobre tábuas que são corações de carne (2 Coríntios 3:3). Nesta Nova Aliança, Deus imprime suas leis na mente do homem e as inscreve em seu coração (Hebreus 8:10b). Em outras palavras, com a Nova

Aliança é Deus quem ao mesmo tempo dá a incumbência e capacita o homem a fazer a vontade divina. A Nova Aliança proporciona-nos, a nós que cremos, vida e poder para fazer o bem que desejamos fazer, de sorte que Deus seja nosso Deus e nós sejamos seu povo (Hebreus 8:10c; Tito 2:14). Ela ajuda-nos a conhecer a Deus mais profundamente em nosso íntimo, sem a necessidade de sermos instruídos por homens (Hebreus 8:11). Como consequência, ela é o sangue da aliança com o qual somos santificados (Hebreus 10:29), ela é a “superior aliança” (Hebreus 7:22; 8:6) e a “eterna aliança” (Hebreus 13:20). Desejamos gritar: Aleluia! Quão doce, quão gloriosa, e quão cheia de graça é a Nova Aliança!

A Nova Aliança Contém as Promessas de Deus e as Realidades de Deus

Já dissemos anteriormente que a graciosa palavra que Deus nos dá inclui suas promessas, suas realidades e suas alianças. Destas três coisas a terceira abarca a primeira e a segunda. Tencionamos agora examinar de mais perto tanto as promessas como as realidades contidas nesta aliança de Deus. As Escrituras mostram-nos que a aliança de Deus é também promessa. A diferença entre ambas está em que na promessa é o que ele diz, ao passo que na aliança ele se interpôs com juramento (Hebreus 6:17). Se a promessa sujeita a Deus, muito mais a aliança. Quando Deus fez aliança com Abraão, ele jurou por si mesmo (Hebreus 6:13-14). Diz mais que “Deus, quando quis mostrar mais firmemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do seu propósito, se interpôs com juramento” (6:17). Mais ainda, “O Senhor jurou e não se arrependerá” (7:21b). Portanto, essa aliança sujeita e restringe mais a Deus.

Das palavras de Hebreus 9:15-18 devemos entender

claramente que há realidade bem como promessa na Nova Aliança: "onde há testamento é necessário que intervenha a morte do testador" (v. 16). De modo que, nas Escrituras, uma aliança tem dois significados—um é "acordo" e o outro é "vontade" ou "testamento". Podemos, pois, descrever a Nova Aliança como aliança ou como testamento.

As Promessas de Deus

Nenhuma aliança pode ser instituída sem promessas. Há promessas em todas as alianças, mas as promessas comuns não dão nenhuma garantia, ao passo que as promessas contidas numa aliança passam por um procedimento legal, e assim é protegida pela lei, que exige o seu cumprimento. Para os que aprenderam profundamente da graça de Deus e conhecem bem o Senhor, as promessas de Deus e suas alianças não diferem muito, porque sabem que ele é tão fiel quanto justo. Crêem que uma vez que Deus prometeu algo, ele o cumprirá. Para eles não há necessidade de que suas promessas sejam postas em forma legal. Consideram as promessas de Deus como sendo tão boas quanto suas alianças. Mas para aqueles cuja fé é fraca, as alianças de Deus são muito diferentes de suas promessas; a diferença consiste em que as alianças parecem garantir o cumprimento das promessas. Embora não possamos dizer que todas as promessas de Deus sejam alianças, atrevemo-nos a dizer que todas as alianças de Deus contêm promessas.

"Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também mediador de superior aliança instituída com base em *superiores promessas*" (Hebreus 8:6). Isto quer dizer que a Nova Aliança é uma superior aliança porque foi promulgada com base em superiores promessas.

As Realidades de Deus

As alianças de Deus contêm não apenas promessas mas também herança e testamento. O versículo 15 do capítulo 9 de Hebreus fala da “promessa da eterna herança”; o versículo 16 apresenta um “testamento”. A palavra “testamento” traz a idéia de que algo é deixado por herança, seja uma propriedade, seja um objeto. O que é deixado por herança é a realidade. Por exemplo, um pai declara em seu testamento como as propriedades devem ser distribuídas, tanto para os filhos como para outras pessoas. Os que herdaram seus bens desfrutam as coisas que ele deixou. Por conseguinte, um testamento não é um conjunto de palavras vazias; tem que ver com uma realidade. Posto que o testamento é, também, uma aliança, é lógico concluirmos que há realidades nas alianças.

Contudo, as alianças de Deus diferem das suas promessas e das suas realidades, embora contenham ambas. Sem promessas e sem realidades as alianças se tornariam vazias e sem sentido. Damos graças a Deus por ter ele reunido muitas promessas e muitas realidades na Nova Aliança. Louvado seja o Senhor, porque a Nova Aliança é tão rica e perfeita!

A Dispensação da Nova Aliança

Antes de passarmos ao estudo da dispensação da Nova Aliança vejamos primeiro com quem Deus a estabelece. Mais ainda: quando ele a estabelece?

Com Quem Deus Faz Aliança?

Segundo a Bíblia, Deus nunca fez aliança com os gentios. A Nova Aliança não é, portanto, feita com eles. Visto que Deus anteriormente não estabeleceu nenhuma aliança com a Igreja, como pode ele vir a fazer uma *segunda* (ou Nova) Aliança com ela se não houve a primeira (ou Antiga)? Com quem, então, estabelece ele a Nova Aliança? “Eis aí vêm dias, diz o

54 *A Superior Aliança*

Senhor, e firmarei nova aliança com *a casa de Israel* e com *a casa de Judá*. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito. . .” (Jeremias 31:31-32a). Quando os filhos de Israel saíram do Egito, Deus fez uma aliança com eles. Agora ele declara que fará com eles uma nova aliança. Isto nos informa, com toda clareza, que Deus estabelece a Nova Aliança, não com os gentios, mas com a casa de Israel e com a casa de Judá.

Quando é Feita a Nova Aliança?

“Eis aí vêm dias” (Jeremias 31:31). Isto indica que na ocasião em que estas palavras foram proferidas os dias ainda não haviam chegado. O Senhor continua: “Esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor” (v. 33a). De acordo com o conteúdo desta aliança, cremos que os dias do versículo 31 se refere ao começo do milênio. É durante esse tempo que Deus estabelecerá uma Nova Aliança com a casa de Israel.

Como é que o Tempo Presente se Chama de a Dispensação da Nova Aliança?

Se Deus estabelecerá a Nova Aliança com a casa de Israel em dias futuros, como podemos dizer que nossa época é a dispensação da Nova Aliança? Isto é, em verdade, muitíssimo maravilhoso e deixa patente a graça divina! Na noite em que foi traído, o Senhor Jesus “tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança. . .” (Mateus 26:27-28a). A Nova Aliança—oh, quão musical, quão maravilhosa, quão atraente! Conquanto leiamos acerca da Nova Aliança no livro de Jeremias que está no Antigo Testamento, durante centenas de anos nada mais se ouviu dela, como se fosse um

tesouro esquecido. Durante os trinta e tantos anos da vida terrena de nosso Senhor ele nunca mencionou a Nova Aliança. Dia após dia, ano após ano, ele não fez referência alguma a ela. Como aconteceu, pois, que ao tomar ele a ceia com os discípulos, nesse momento particular ele tomou o cálice, abençoou-o, e o deu aos discípulos, dizendo: "Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança"? Ele não só mencionou a Nova Aliança mas até declarou que "isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança".

Ó santo e gracioso Senhor, adoramos-te com lágrimas de gratidão e louvamos-te com lágrimas de alegria! Quão plena de vida e de riquezas é a Nova Aliança! Para os que te não conhecem, ela é apenas letra. Mas tu, Senhor, sabes o que ela significa, e hoje a desvendaste. Tu abriste a celestial casa do tesouro espiritual e distribuístes seus tesouros aos teus amados. Senhor, isto é deveras maravilhoso e muitíssimo gracioso! Desejamos, uma vez mais, dar-te graças e louvor.

Devido à excelente grandeza da graça do Senhor, esta Nova Aliança é agora aplicável a todos os remidos. Embora seja depois daqueles dias que Deus fará uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá, não obstante todos os remidos podem desfrutá-la de antemão, visto que o Senhor pagou o preço com o seu sangue. Isto é a mesma coisa que sermos justificados pela fé, como o foi Abraão, muito embora Deus tenha feito aliança com ele e não conosco.

Hoje estamos sendo colocados sob a Nova Aliança que Deus prometeu a Israel desfrutar algum dia porque o Senhor Jesus já derramou seu sangue—o sangue da Nova Aliança. O Senhor nos está edificando com o princípio da Nova Aliança. Ele nos abençoa com as bênçãos da Nova Aliança. Sabemos que o

Senhor Jesus verteu o seu sangue não só para a remissão dos pecados mas também para o estabelecimento da Nova Aliança. Porque a remissão dos pecados é apenas um processo, um meio de atingir o alvo. O propósito do derramamento do sangue é estabelecer a Nova Aliança. A expiação relaciona-se com a instituição da Nova Aliança no sentido em que, sem a solução do problema do pecado, as bênçãos da Nova Aliança não podem vir sobre nós. Graças ao Senhor, seu sangue soluciona o problema do pecado e inaugura a Nova Aliança. Por este motivo, esta era é, na verdade, a dispensação da Nova Aliança. Como louvamos ao Senhor por ela!

O Conteúdo da Nova Aliança

Qual é o conteúdo da Nova Aliança? Daremos por ora um esboço geral, mais tarde desenvolveremos seus vários aspectos.

Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Nas suas mentes imprimirei as minhas leis, também sobre os seus corações as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior. Pois, para com as suas iniquidades usarei de misericórdia, e dos seus pecados jamais me lembrarei (Hebreus 8:10-12).

Esta passagem bíblica diz-nos claramente que a Nova Aliança contém três partes principais:

1) Deus imprimirá suas leis em nossas mentes e as inscreverá sobre nossos corações de sorte que ele possa ser nosso Deus e nós possamos ser seu povo. Isto é, Deus entra nos homens e se une com eles em vida.

2) Estando em nós, esta lei nos capacitará a conhecer a Deus sem necessidade de que outros nos ensinem. Isto é conhecer a Deus no íntimo.

3) Deus terá misericórdia para com as nossas iniquidades e não se lembrará de nossos pecados. Isto é perdão de pecados.

Hebreus 8:10-11 forma uma unidade, enquanto o versículo 12 marca um novo começo. A conjunção “pois”, que introduz o versículo 12, dá a entender que o perdão de pecados é algo já realizado. Falando da perspectiva de Deus, os versículos 10 e 11 revelam seu propósito, daí serem eles declarados em primeiro lugar. O versículo 12, porém, vem em segundo lugar porque se relaciona com o processo que Deus emprega para chegar a esse propósito. Mas, falando do ponto de vista de nossa experiência espiritual, Deus, para que ele possa ser nosso Deus e nós seu povo, que o conhecemos de um modo mais profundo, perdoa as nossas iniquidades e não se lembra de nossos pecados mesmo antes de imprimir suas leis em nossa mente e inscrevê-las em nosso coração.

Podemos resumir essas partes principais da Nova Aliança, da seguinte maneira:

Nova Aliança	{ Purificação Vida e Poder Conhecimento Interior
--------------	--

A Nova Aliança satisfaz perfeitamente às nossas necessidades. Não é preciso adicionar-lhe coisa alguma, nem existe a possibilidade de subtrair dela alguma coisa. O que Deus fez é de todo perfeito. Ao salvar-nos, ele nos concede no Senhor Jesus essas três magníficas bênçãos. Tendo a Nova Aliança, dispomos de purificação, vida e poder, e também conhecimento interior de Deus. Que possamos todos dizer: Quão perfeita e gloriosa é a Nova Aliança! Quão graciosamente Deus nos tem tratado!

A Garantia da Nova Aliança

“Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados” (Mateus 26:28). Este versículo diz que o sangue de Cristo é o sangue da Nova Aliança. Este sangue é derramado especialmente para o estabelecimento da aliança. Em outras palavras, a Nova Aliança é inaugurada pelo sangue; por conseguinte, ela é digna de confiança, é segura.

A Necessidade do Sangue

Por que deve a Nova Aliança iniciar-se pelo sangue? Por que esta aliança é eficaz somente se for inaugurada com sangue? Para entender isto, precisamos remontar à história do jardim do Éden a fim de reconhecermos as exigências da Lei.

Sabemos que ao ser expulso do jardim do Éden, Adão perdeu a vida e a herança, bem como a comunhão com Deus. A morte reinou desde Adão até Moisés (Romanos 5:14). Pecado e morte reinaram desde Moisés até Cristo (Romanos 5:21), o que não quer dizer que desde Adão até Moisés não houve pecado. A Bíblia diz que “até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em

conta quando não há lei" (Romanos 5:13). No Monte Sinai, Moisés recebeu de Deus a aliança da lei. Essa aliança era condicional: se o povo guardasse suas palavras, seria abençoado; se não, seria amaldiçoado (Gálatas 3:10, 12). Por que, então lhes foi dada a Lei? Porque "pela lei vem o pleno conhecimento do pecado" (Romanos 3:20); para que pudessem estar "sob a tutela da lei, e nela encerrados" (Gálatas 3:23). Segundo este versículo estavam sob o domínio do pecado como outrora estiveram sob o domínio da morte.

Antes de Cristo vir ao mundo os seres humanos sofreram duas grandes perdas: a primeira, a que veio do fato de Adão haver pecado; a segunda, a oriunda de nossa incapacidade de guardar a lei de Deus. Com a morte e o pecado dominando, estamos separados de Deus e não podemos gozar de sua presença. Tornamo-nos loucos e não conhecemos a Deus. Não possuímos a vida e o poder espirituais para fazer a vontade divina. Ai de nós! pois em Adão e sob a Lei não temos nada de que vangloriar-nos, exceto clamar: "Desventurado homem que sou! quem me livrará do corpo desta morte?" Não há jeito de solucionar os problemas do pecado e da morte? Há, sim: no derramamento de seu sangue, o Senhor Jesus solucionou a ambos. Por causa do seu sangue derramado, não precisamos morrer e recebemos a purificação de nossos pecados.

O plano original de Deus era dar-nos sua própria vida e todas as coisas pertencentes à piedade. Devido ao nosso pecado e à morte que dele procede, alienamo-nos de Deus, incapazes de obter dele aquilo que a ele pertence. Perdemos o que Deus já nos havia dado e o que ainda tencionava dar-nos. Mas agora o sangue do Senhor Jesus nos purifica do pecado e restaura nosso relacionamento com Deus (Efésios

2:13). De sorte que tudo quanto ele nos tenha dado ou ainda nos venha a dar, pode chegar-nos sem nenhum impedimento. Daí que o sangue do Senhor Jesus não só nos reconcilia com Deus (Colossenses 1:20), mas também nos dá o próprio Deus (Romanos 8:32).

O sangue de Cristo realizou a obra da redenção eterna. O sangue de touros e de bodes, do qual dependia o povo na dispensação da Antiga Aliança, só os fazia lembrar-se de seus pecados de ano em ano (Hebreus 10:3, 4); mas Cristo, que com seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no Santo dos Santos, obteve eterna redenção (Hebreus 9:12). De tal modo seu sangue nos purificou a consciência (Hebreus 9:14) que não temos mais consciência de pecados (Hebreus 10:2). Graças a Deus, o sangue de Cristo solucionou perfeitamente o problema do pecado para todo o sempre.

Pelo derramamento do sangue de Cristo temos agora remissão dos pecados (Hebreus 9:22; Mateus 26:28; Efésios 1:7). É deveras glorioso conhecer este fato. Todos os que são sensíveis à vergonha e à hediondez do pecado sentem-se agradecidos. Quão gratos somos a Deus porque o sangue do Senhor Jesus não somente solucionou os problemas do pecado e da morte mas também restaurou tudo aquilo que havíamos perdido, e ainda nos acrescentou o que nunca tivemos antes! A obra que o sangue realizou é muitíssimo maravilhosa, porque ela nos dá o próprio Deus.

Daí que o sangue do Senhor Jesus expia nossos pecados para que não sofremos a pena, restaura por completo tudo o que foi perdido no jardim do Éden, e ainda nos dá muitas coisas novas. "Este é o cálice da nova aliança no meu sangue" disse o Senhor (Lucas 22:20). Portanto, de um lado, o sangue do Senhor é derramado para a remissão de pecados—que, negati-

vamente falando, remove tudo quanto nos prejudica; de outro lado, é derramado para a inauguração da Nova Aliança—que, positivamente falando, restaura nossa herança perdida e também nos dá coisas novas. O sangue do Senhor é tanto para expiação como para restauração.

Relação Entre o Sangue e a Aliança

Que relação há entre o sangue e a aliança? Podemos dizer que o sangue é a base, o alicerce, enquanto a aliança é o documento. O sangue lança o fundamento da aliança e esta revela o documento firmado no sangue. Sem sangue não se pode inaugurar a aliança, nem será ela eficaz. Deus enumera na aliança toda a herança que ele nos está dando, e sela esta aliança com o sangue do Senhor Jesus. Em razão desta Nova Aliança do sangue do Senhor Jesus é que entramos na posse de nossa herança espiritual.

Por isto a Nova Aliança é um documento absolutamente legal. Ela é feita inteiramente de acordo com o justo procedimento de Deus. Não se trata apenas da palavra falada de Deus, mas de um tipo de documento que ele redigiu com o sangue de Cristo. Como já sabemos concernente à salvação de Deus, tudo o que foi feito antes da crucificação do Senhor Jesus, pela graça de Deus foi feito; mas qualquer coisa feita após a crucificação do Senhor Jesus é feita por sua justiça.

Isto não significa que depois da crucificação do Senhor não mais existe a graça; simplesmente sugere que como a água é conduzida pelo cano, assim a graça de Deus flui agora para nós através do canal da justiça: “a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor” (Romanos 5:21). A graça reina pela justiça. Deus não só nos dá graça, ele também a dá pela

justiça. Esta é a graça de Deus, que ele nos amou e enviou seu Filho, o Senhor Jesus, para morrer por nós. Se ele não nos amasse, não seria gracioso, nem o Senhor Jesus viria para realizar a obra de expiação. Depois que o Senhor Jesus morreu por nós e a obra da redenção foi concluída, é a justiça de Deus que nos salva se crermos no Senhor.

Nunca podemos dizer que Deus não possui graça. Pois se ele não a possuísse, não haveria Nova Aliança. Não obstante, se tudo o que Deus nos dá estivesse baseado exclusivamente na graça, nossa fé poderia vacilar, porque a graça pode cessar um dia, visto não ter passado por nenhum processo legal. Graças a Deus, ele não somente possui graça, mas também a expressa numa aliança. A fim de ser-nos gracioso, Deus limita-se a si mesmo com uma aliança. Podemos dizer que a graça aparece sob o disfarce da justiça. Tal justiça não elimina a graça; pelo contrário, é a sua mais elevada expressão.

O que recebemos é graça de Deus; não obstante, Deus estabeleceu sua aliança conosco mediante o sangue, de sorte que na base dessa aliança podemos pedir-lhe que nos trate segundo sua justiça. Estamos agora, deveras, pisando no terreno da graça, que nos é comunicada pela justiça. O sangue de Cristo tornou-se o justo fundamento pelo qual a aliança de Deus conosco *nunca* pode falhar. Assim, quando nos aproximamos de Deus na base do sangue e da justiça, ele não pode deixar de cumprir para conosco tudo quanto está na aliança.

Aquele que tem boa experiência nas coisas do Senhor já observou que a aliança de Deus é um "tratamento" para a incredulidade; ele usa a aliança para curar a descrença. Por exemplo, a fim de obter o perdão de pecados alguém pode orar até obter paz, como evidência de que foi perdoado. Em verdade a

Palavra de Deus declara: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1:9). É preciso, porém, observar se realmente *confessamos* nossos pecados. A confissão da qual aqui se fala não se aplica, é claro, ao que é feito descuidadamente e destituído de qualquer sentimento repugnante para com o pecado. Absolutamente, não. Trata-se, aqui, de uma confissão que surge de ver e condenar o pecado exposto à luz e abertamente reconhecido diante de Deus. Nós confessamos; Deus perdoa. Se confessamos nossos pecados, devemos crer que ele no-los perdoou, e assim temos perfeita paz no coração.

Um irmão disse-o deste modo: “Se fizemos a nossa parte, não fará Deus a dele?” Estas palavras têm, em verdade, muita significação. A pergunta é: Temos nós confessado nossos pecados? Se realmente o fizemos, só precisamos crer na Palavra de Deus, sem levar em conta os nossos sentimentos, o que os outros possam dizer, ou que pensamentos Satanás possa injetar-nos na mente.

Por este motivo, a vida cristã é vivida apegando-nos à palavra de Deus, crendo que ele é fiel e justo. O que ele disser, assim será. Se permanecermos inteiramente na aliança que o Senhor Jesus firmou, Deus cuidará de nós. Ele executará tudo o que está na aliança, pois ele já aceitou o sangue do Senhor Jesus. Visto que Deus anexou sua vontade à aliança, ele só pode mover-se dentro dela. Se Deus não tivesse feito aliança conosco, ele estaria livre para tratar-nos conforme lhe aprouvesse; uma vez, porém, que estabeleceu aliança conosco, Deus deve proceder segundo as palavras da aliança, porque ele não pode ser injusto. Damos graças a Deus por amar-nos e ser compassivo para conosco, a tal ponto de tratar-nos segundo a

justiça. Pode haver graça maior do que esta?

Podemos dizer que sem o sangue do Senhor Jesus nada merecemos; mediante seu sangue, porém, teremos tudo. Por seu sangue temos agora o direito de usufruir tudo quanto consta da aliança. Quando nos aproximamos pelo sangue do Senhor Jesus e pedimos a Deus que nos abençoe segundo sua aliança, é certo que ele o fará, porque ele não pode ser injusto. A Nova Aliança foi firmada no sangue do Senhor. Ele já pagou o preço. Cabe-nos apenas pedir a Deus que nos conceda o que está na aliança, segundo o valor do sangue aos seus olhos. Um irmão disse-o bem. "Ninguém sabe exatamente o quanto significa o sangue." Não compreendemos o valor do sangue; mesmo assim, não precisamos avaliá-lo segundo nosso juízo. Só precisamos pedir a Deus que nos trate de acordo com o valor do sangue à sua vista, e de acordo com a aliança selada por esse sangue. Podemos aproximar-nos dele, dizendo: "Desejo isto porque tu és o Deus da aliança." Nosso Deus nunca falhará, nem jamais violará sua aliança.

O sangue da Nova Aliança resolveu o problema dos nossos pecados, removeu o obstáculo que se interpunha entre nós e Deus, restaurou-nos a herança perdida, e nos concedeu todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais concernentes à vida e à piedade (Efésios 2:12, 13, 18, 19; 1:3; 2 Pedro 1:3). Tudo quanto está registrado na Nova Aliança é nossa porção bendita mediante o sangue. De acordo com Hebreus 8:10-12, a Nova Aliança contém três preciosas partes: purificação, vida, poder e conhecimento interior (que estudaremos detalhadamente nos capítulos 6 a 8). O motivo de não sabermos como lidar com Deus segundo as palavras da aliança reside em nossa falta de entendimento no tocante à soma de bênçãos que o sangue conquistou para nós. Lem-

bremo-nos sempre de que toda bênção espiritual e toda herança espiritual vêm-nos da aliança do sangue. O sangue é o fundamento desta Nova Aliança.

Por isso, quando pedimos de acordo com a aliança, não estamos pedindo coisas que não nos pertencem; pelo contrário, estamos reivindicando o que nos foi reservado em Deus (1 Pedro 1:3, 4). Orar de acordo com a aliança não é orar sem base; é, antes, reclamar para nós o que já é nosso na aliança. Quando pedimos de acordo com a aliança, Deus deve ficar do nosso lado por causa da aliança. Por este motivo, quando nos achegamos a Deus segundo a Nova Aliança do sangue, "reivindicamos" em vez de "pedirmos". Isto, por certo, não sugere que não necessitamos de orar hoje. O que realmente queremos dizer é que na oração que fazemos hoje a "reivindicação" deve exceder à petição".

Um irmão que conhece bem a Deus declarou, certa vez, que "a partir do Calvário, todo o 'pedir' na Bíblia deveria ser mudado para 'receber'." A isto, todos os que conhecem a Deus—que conhecem o Calvário e o sangue—responderão com um amém. Lembremo-nos sempre de que mediante o sangue reivindicamos o que por direito é nosso. Persistiremos em afirmar que o princípio corrente do trato de Deus conosco é segundo sua justiça bem como segundo sua graça. Tudo o que nos foi concedido na Nova Aliança é agora nosso direito. De pleno acordo com sua justiça, Deus não pode deixar de dar-nos tudo quanto está registrado na aliança, se o reivindicarmos.

Pode, às vezes, parecer que Deus se esqueceu de sua aliança. Em tais ocasiões, podemos lembrá-lo dela. "Desperta-me a memória", diz o Senhor (Isaías 43:26). Ele quer que lhe lembremos. Há momentos em que podemos, reverentemente, dizer-lhe: "Ó Deus, por favor, lembra-te de tua aliança; lembra-te

das palavras que prometeste. Faze de acordo com tuas promessas, cumpre em mim a tua aliança." Se assim pedirmos e crermos, por certo o receberemos.

Uma Importante Oração

Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue da *eterna aliança*, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém. (Hebreus 13:20, 21).

Esta é uma importante oração de fé contida na Bíblia. O escritor de Hebreus ora a Deus para que, segundo o sangue da eterna aliança, Jesus Cristo, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, habite em nós a fim de fazermos a sua vontade e andarmos como lhe agrada. Isto mostra-nos, ainda, como esta grande oração de fé é feita na base da aliança estabelecida pelo sangue vertido do Senhor. Devemos ter fé para lançar mão da aliança e orar de acordo com ela. Deveríamos pedir-lhe: "Ó Deus, peço-te de acordo com tua aliança." Tal oração é poderosa; tal fé é eficaz. A confiança na aliança aumenta nossa coragem de aproximar-nos de Deus.

Lembremo-nos de que temos o direito de orar segundo a aliança. Podemos pedir a Deus que proceda de acordo com ela. Se, porém, não houver fé, nossa oração de nada vale. Deus reservou todas as coisas na Nova Aliança do mesmo modo que uma pessoa deposita seu dinheiro num banco. Se a pessoa crê, ela pode sacá-lo sempre.

Uma vez que a Nova Aliança é inaugurada pelo sangue do Senhor Jesus, ela é de inteira confiança.

Nosso Deus restringiu-se pela aliança. De tal maneira ele condescende em fazer aliança conosco que podemos crer nele e aproximar-nos dele. Ele nos dá um documento tangível no qual podemos apoiar-nos ao orar. Cantemos, portanto, com ousadia:

Firme nas promessas não irei falhar,
Vindo as tempestades a me consternar;
Pelo Verbo eterno eu hei de trabalhar,
Firme nas promessas de Jesus.

Firme, firme,
Firme nas promessas de Jesus, meu Mestre.
Firme, firme,
Sim, firme nas promessas de Jesus.
— R. Kelso Carter

Além do mais, declararemos com alegria:
Que grande alicerce é dos santos de Deus,
Firmado em sua Palavra de amor!
Que mais pode ele ao livro acrescentar,
Se tudo a seus filhos já disse o Senhor?
— G. Keith

A Nova Aliança e o Novo Testamento

No terceiro capítulo, estudando as promessas e as realidades da Nova Aliança, dissemos que a palavra "testamento", em Hebreus 9:16, corresponde à palavra grega também traduzida por "aliança". Nesta epístola há diversas referências à aliança. Podemos dizer que um dos objetivos de Hebreus é dizer-nos o que é, realmente, a Nova Aliança. Por ora descreveremos a relação que existe entre a Nova Aliança e o Novo Testamento.

Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados. Porque onde há testamento é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos; visto que de maneira nenhuma tem força de lei enquanto vive o testador (Hebreus 9:15-17).

Além de seu fundamental e muitíssimo óbvio

significado, a palavra “mediador”, no versículo 15, também significa, no original grego, “aquele que atua como garantia de modo que assegure algo que de outra maneira não seria obtido”. Por isso ela pode, do mesmo modo, ser traduzida como “testamenteiro”. A palavra “testamento”, nos versículos 16 e 17 é, no original grego, a mesma palavra traduzida por “aliança”. Assim, esta passagem da Escritura fala de quatro coisas importantes: 1) que a aliança é também um testamento; 2) o testador; 3) o testamenteiro, e 4) o testamento em vigor.

A Aliança é Também um Testamento

Por que a aliança é também um testamento? Quem faz aliança conosco, o Senhor Jesus ou Deus? Segundo a Palavra divina, é Deus e não o Senhor Jesus quem faz aliança conosco. Deus é a outra parte da aliança; não obstante, o Senhor Jesus é quem a conclui, visto como ele a inaugurou por seu sangue.

Da perspectiva divina é uma aliança, porque ele se alia ou entra em acordo conosco. Mas da perspectiva do Senhor Jesus é um testamento, porque ele morreu para que possamos receber a promessa da eterna herança (Hebreus 9:15). Uma aliança é válida sem que seja necessária a morte do pactuante, ao passo que um testamento não pode vigorar senão após a morte do testador. Portanto, Deus é quem faz aliança conosco, e mediante a morte do Senhor Jesus recebemos a herança prometida no testamento.

Quanto ao conteúdo, a Nova Aliança e o Testamento são exatamente a mesma coisa. São iguais, também, com vistas à nossa herança. A única diferença reside no método de enfoque da perspectiva de Deus ou do Senhor Jesus. De acordo com a aliança que Deus fez conosco, ele é quem nos perdoa os pecados para que possamos ser purificados, quem nos dá vida

e poder, e quem nos comunica um conhecimento interior de modo que possamos conhecê-lo mais intimamente. De acordo com o testamento que o Senhor Jesus nos deixou, ele é quem deixa conosco a purificação, vida, poder e o conhecimento de Deus.

O Senhor Jesus é o Testador

Conforme já mencionamos, a Nova Aliança foi profetizada no tempo de Jeremias. Mas decorridas algumas centenas de anos, parecia estar totalmente esquecida. Subitamente um dia, isto é, na noite em que foi traído, o Senhor Jesus "tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós. . . Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue" (1 Coríntios 11:23-25). Esta Nova Aliança é aquela gloriosíssima nova aliança mencionada no livro de Jeremias. Agora, mediante o sangue do Senhor Jesus, ela se tornou nossa herança, a qual podemos usufruir livremente. Isto quer dizer que a Nova Aliança é o testamento de nosso Senhor, e que ele é o testador. Conforme Hebreus 8:10-12, em seu testamento ele nos deu a herança espiritual da Nova Aliança. Tudo quanto for obtido mediante o testamento o crente não tinha originalmente, nem o teria por seu próprio esforço, porque tudo lhe foi deixado pelo Senhor Jesus.

O Senhor Jesus é o Testamenteiro

Nosso Senhor não é apenas o testador; ele é também o testamenteiro. Conforme dissemos antes, ser ele o mediador da Nova Aliança significa que ele é também o testamenteiro. Ao redigir-se um testamento é importante que haja testemunhas; mais importante ainda é que haja um testamenteiro. De nada adianta o testamento sem quem o faça cumprir.

Damos graças a Deus, porque o Senhor Jesus é ao

mesmo tempo testador e testamentário. Ele é o testador pela morte e o testamentário pela ressurreição. Ele trouxe o sangue para o Santo dos Santos (Hebreus 9:12), significando com isso a morte do testador. Ele está no céu, agindo como o mediador da Nova Aliança, provando que tem a autoridade de executor. Digno é nosso Senhor de ser louvado! "Agora, com efeito, obteve Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também mediador de superior aliança" (Hebreus 8:6).

Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador de Nova Aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel (Hebreus 12:22-24).

Não chegamos a um monte que se possa tocar (v. 18); antes, chegamos ao monte Sião—o lugar onde Deus, os anjos, os justos que ressuscitaram, e a igreja dos primogênitos estão todos congregados. Aqui está também o Senhor Jesus, mediador da Nova Aliança. Ele está no céu, não só como sumo sacerdote mas também como mediador. Ele serve como executor que faz cumprir a Nova Aliança. Ele verá o fruto da aliança do seu sangue no fato de termos a vida e o poder de obedecer a Deus, a capacidade de conhecê-lo de modo mais íntimo, e paz de consciência pelo perdão de pecados. Ele é o fiador de todas essas coisas. De acordo com a fidelidade e justiça de Deus, esta aliança nunca falhará nem será quebrada. Segundo o poder da ressurreição do Senhor ela é eficaz para todo o sempre. Aleluia! O Senhor deixa-nos uma rica

herança, e ele tem o poder de fazer cumprir seu testamento!

O Testamento em Vigor

“Porque onde há testamento é necessário que intervenha a morte do testador; pois um testamento só é confirmado no caso de mortos. . ” (Hebreus 9:16, 17a). Um dia nosso Senhor disse: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue” (Lucas 22:20). Isto é uma afirmativa da morte do testador, e, portanto, a aliança começa a vigorar. Havendo trazido seu sangue para o Santo dos Santos (Hebreus 9:12), o Senhor Jesus declara a Deus que o testador morreu. Nós, os vivos, também sabemos que o testador morreu. Porque todas as vezes que comermos o pão e bebermos o cálice, anunciamos a morte do Senhor (1 Coríntios 11:26). Morto o testador, o testamento entra em vigor.

Cabe ao testamenteiro a responsabilidade de fazer cumprir o testamento. Cada item do testamento é nosso. Se o testamenteiro for fiel, possuiremos todos eles. Se for infiel, seremos privados de tudo o que nos cabe. Uma vez que nosso Senhor é o testamenteiro, não há dúvida de que teremos tudo quanto está no testamento. O que ele nos deixou contém três partes, a saber, purificação, vida, poder e conhecimento mais íntimo de Deus—e estes fatores suprem todas as nossas necessidades espirituais. Havendo morrido e ressuscitado por nós, o Senhor Jesus se torna testamenteiro bem como testador. Por conseguinte, já não vivemos uma vida de pobreza, de esterilidade e de fraqueza. Devemos reivindicar tudo quanto consta do testamento.

Já consideramos por que o batismo é realizado uma vez por todas, ao passo que o partir do pão em memória do Senhor deve ser feito com freqüência?

Por que, na era apostólica, os crentes lembravam-se do Senhor no partir do pão no primeiro dia da semana? Porque o cálice é o cálice da Nova Aliança (Lucas 22:20; 1 Coríntios 11:25). Todas as vezes que bebemos o cálice no dia do Senhor, proclamamos nosso relacionamento com a aliança. "Este cálice é a nova aliança no meu sangue." Todas as vezes que dele bebemos não é o produto físico da videira que contemplamos, mas, sim, a nova aliança do sangue de nosso Senhor. Ele quer que bebamos tudo o que ele nos deu. No dia do Senhor rememoramos esta Nova Aliança para, uma vez mais, lembrar-nos do Senhor e tomar tudo o que está incluído no cálice.

Como o Senhor deseja que nos lembremos de que Deus, sujeito pela aliança, quer muitíssimo dar-nos tudo o que nela está prometido! Ele espera que sempre nos lembremos de que todas as coisas contidas na Nova Aliança são para nosso desfrute permanente. Todas as vezes que comparecemos perante Deus para memória do Senhor, somos lembrados dessas coisas. O pão é para lembrar-nos do Senhor; também o é o cálice. Ele sempre nos trata de acordo com as condições estipuladas na aliança. Por este motivo, quando nos lembramos do Senhor, lembramo-nos dele na aliança.

É certo que a eficácia do testamento não depende de nosso esforço. Não obstante, o conhecermos ou não as riquezas contidas nele, determina as suas conseqüências. Também o crermos ou não na força do testamento, e o confiarmos ou não no Senhor Jesus como testamenteiro. Ilustremos este ponto com os seguintes exemplos.

Exemplo Nº 1 *Perdão de Pecados*

Na questão de perdão de pecados, a pessoa imagina que tem de tentar o máximo de esforço para fazer o

bem a fim de obtê-lo; mas não tem a mínima idéia de quantos anos deve passar realizando boas obras. Outra pessoa calcula que precisa continuar orando até que um dia julgue ter conseguido paz. Devemos dizer, contudo, que esses esforços são feitos privadamente e por conta própria, e não estão entre as coisas que nos são dadas no testamento.

Sabemos que não podemos compensar nossos pecados com boas obras, já que temos o dever de fazer o bem. Nem podemos pedir a Deus que se esqueça de nossos pecados, porque tal pedido não pode cancelar os nossos crimes. Nem podemos orar até esquecer-nos de nossos pecados e assim readquirirmos paz. O único meio de tê-los perdoados e purificados é mediante o *sangue*. "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22). É o sangue do Senhor Jesus que resolve o problema de nossos pecados. Seu sangue é que nos purifica de todas as nossas iniquidades (1 João 1:7). "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 João 1:9). Este é o testamento, esta é a Nova aliança. Cremos nisto?

Exemplo Nº 2 *Livramento do Pecado*

"O pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça" (Romanos 6:14). Alguém alegará que a despeito do que a Bíblia diz, ele ainda é fraco e cai sempre que tentado. Tal pessoa, sem dúvida, estará lutando todo o tempo, porque é ela própria quem está se esforçando. Esta não é a Nova Aliança nem a herança do testamento. Se ela visse o que realmente é o testamento, diria: "Graças a Deus, o poder não vem de mim, mas é dado pelo Senhor." Este é o testamento, esta é a Nova Aliança. Cremos nisto?

Exemplo Nº 3 *Conhecendo e Fazendo a Vontade de Deus*

Perguntará alguém como pode conhecer e realizar a vontade de Deus. Respondemos que o conhecimento da vontade divina e o poder de realizá-la foram-nos dados através do testamento do Senhor Jesus. Todo aquele que pertence ao Senhor deve conhecer bem a vontade de Deus e saber como realizá-la, pois o testamento do Senhor concedeu-nos ambos (Hebreus 13:20, 21). Este é o testamento, esta é a Nova Aliança. cremos nisto?

A herança eterna que nosso Senhor nos deixou é espiritual. É inexaurível. Podemos usufruí-la interminavelmente. Mas, como é que muitos do povo do Senhor, hoje, têm a consciência purificada e portanto não têm mais consciência de pecados (Hebreus 10:2)? Quantos podem dizer que tendo as leis do Senhor impressas em suas mentes e inscritas em seus corações podem eles fazer a vontade de Deus e agradá-lo pela vida e poder que neles há? Quantos podem testificar de que com a unção do Senhor eles o conhecem, sem a necessidade de que outros os instruam? Devemos saber que o Senhor fez a Nova Aliança em seu sangue. Ele não só nos deixou rica herança mas também serve de executor dela. Se a reclamarmos pela fé, teremos abundância e liberdade.

Senhor, faze-nos ver teu testamento e tua Nova Aliança para que teu coração se alegre com o efeito da aliança do sangue.

Características da Nova Aliança:

(1) Purificação

Concentraremos nossa atenção agora na análise das características da Nova Aliança. Conforme ficou dito, a Nova Aliança, de acordo com Hebreus 8:10-12, compõe-se de três partes principais. Do ponto de vista do eterno propósito de Deus, primeiro ele nos concede sua vida e poder para que possa ser nosso Deus e nós seu povo na lei da vida, capacitando-nos assim a conhecê-lo de um modo mais íntimo e a viver sua vida em nosso caminhar diário. O perdão de pecados é apenas um procedimento pelo qual podemos alcançar o alvo divino; está, portanto, colocado em último lugar na Escritura. Mas, do ponto de vista de nossa experiência espiritual, sempre temos primeiro a purificação que vem do perdão de pecados, tornando-nos assim povo de Deus na lei da vida, conhecendo-o mais intimamente. Começaremos nossa presente análise com o perdão de pecados.

Os versículos 10 a 11 de Hebreus 8 formam uma unidade, ao passo que o versículo 12 forma outra. De acordo com o texto original grego, o versículo 12 começa com a palavra "Pois" — "Pois, para com as

suas iniquidades usarei de misericórdia, e dos seus pecados jamais me lembrarei” —indicando que Deus nos perdoa os pecados e se esquece deles antes de dar-nos vida. Em outras palavras, o que se menciona no v. 12 ocorre antes das coisas citadas nos versículos 10 e 11. Assim, examinaremos primeiro como nossos pecados são perdoados e purificados segundo a Nova Aliança.

Os Dois Aspectos do Pecado

Do ponto de vista bíblico, o pecado reveste-se de dois aspectos: natureza pecaminosa e ato pecaminoso. Natureza pecaminosa é o pecado que mora no homem, que reina dentro dele, controlando-o e levando-o à praticá-lo (Romanos 6:17; 7:20, 21). Ato pecaminoso é a manifestação externa do pecado que o homem comete diariamente. Todos os nossos atos pecaminosos—sejam eles pequenos ou grandes, ocultos ou ostensivos—constituem casos de culpa diante de Deus e é por ele condenados da mesma forma (Romanos 1:32; 6:23). Isto leva a nossa consciência a sentir-se perturbada todas as vezes que deles nos lembramos. À medida que lutamos em vão contra o pecado que nos domina, sentimo-nos frustrados e desventurados (Romanos 7:23, 24). O ato pecaminoso precisa, portanto, ser perdoado e purificado; a natureza pecaminosa precisa ser liberta e emancipada (Romanos 6:7, 22).

Graças a Deus, o sangue do Senhor Jesus já resolveu nossa culpa diante de Deus e purificou-nos a consciência (Mateus 26:28; Apocalipse 1:5; Hebreus 9:14), e a cruz do Senhor Jesus já acertou as contas com o nosso velho homem para que possamos ser libertos do poder do pecado (Romanos 6:6, 18). Romanos 1 — 5:11 refere-se aos nossos pecados diante de Deus, daí a menção do sangue. Romanos

5:12 — 8:39 se concentra no pecado que há em nós e, por conseguinte, o que aí se acentua é a cruz sobre a qual foi crucificado com Cristo nosso velho homem, para que o corpo de pecado fique livre de sorte que já não seja escravo do pecado.

Os Pecados Precisam Ser Perdoados

Ninguém que esteja, em realidade, acordado espiritualmente, está inconsciente de seus pecados. À semelhança do filho pródigo de Lucas 15, ele se torna cômico, no momento em que cai em si, de que pecou contra o Pai e contra o céu. Uma pessoa iluminada pelo Espírito Santo não deixará de reprovar-se por seus pecados (João 16:8). Este é o momento em que ela precisa do perdão de Deus. Se ela não vir seu pecado, não buscará perdão. Mas uma vez que o nota, espontaneamente pensará em sua culpa perante Deus, na pena do pecado, no sofrimento incessante do inferno e na esperança de salvação. Nesse momento nos é pregado o evangelho, proclamando que o Senhor Jesus morreu na cruz e seu sangue foi vertido para a remissão de pecados (Mateus 26-28). Por seu sangue nossos pecados são lavados (Apocalipse 1:5). Ouvindo o evangelho e nele crendo, recebemos a remissão de pecados (Atos 10:43; 26:18) e a purificação de nossa consciência (Hebreus 9:14).

Em Lucas 7:36-50 vemos que o perdão de Deus significava pouco para um Simão farisaico, enquanto era grandemente prezado por uma pecadora que foi criticada com a observação, "bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou"! Esta pecadora havia de contínuo incorrido na zombaria e desdém dos homens, mergulhando-a em sua própria vergonha. Mas aqui estava Jesus—tão santo e tão acessível—que lhe permitiu ficar atrás dele e chorar aos seus pés. O seu pranto era uma forma de derramar sua agonia devida

ao pecado; chorava para aliviar o que lhe ia oculto no coração; chorava para queixar-se de que não havia livramento; e chorava para expressar sua esperança de um Salvador. Contudo, seu choro não conquistou a simpatia de Simão; pelo contrário, precipitou a crítica silenciosa (v. 39). As lágrimas de tristeza pelo pecado eram, deveras, algo que um Simão farisaico nunca poderia entender. Mas este Jesus entendia! Primeiro ele corrigiu a Simão, depois testificou a favor do choro da mulher, dizendo: "Perdoados lhe são os seus muitos pecados" (v. 47a). Depois ele disse à mulher: "Perdoados são os teus pecados. . . . A tua fé te salvou; vai-te em paz" (vv. 48-50). Para ela, este perdão é um grande evangelho! Porque este perdão retira-lhe a tristeza secreta e lhe dá paz. Este perdão tornou-se um evangelho (boas-novas) para muitos grandes pecadores a partir daí.

Em Marcos 2:1-12 lemos que para os escribas farisaicos o perdão de Deus era apenas arrazoado vazio, pois julgavam erroneamente o Filho de Deus por sua autoridade de perdoar (vv. 6-7). Não obstante, foi cura real para o paralítico trazido pelos amigos. Com que freqüência o pecado danifica o corpo do homem e causa sofrimento ao coração! Reconhecemos prontamente que muitas enfermidades são atribuíveis a causas naturais, como uma infecção ou esgotamento. Mas a Bíblia também revela que algumas enfermidades são conseqüências do pecado (Marcos 2:5; João 5:14). Se uma enfermidade é devida ao pecado, oculto ou manifesto, certamente o pecador o sabe. Que pode ele dizer e fazer, senão lamentar e chorar? No caso do paralítico, o Senhor conhecia a causa da enfermidade. De sorte que, primeiro ele disse ao paralítico: "Filho, os teus pecados estão perdoados" (v. 5), e depois falou-lhe uma vez mais, e disse: "Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua

casa" (v. 11). Que tremendo evangelho é este! Perdão como este, daí para a frente, tornou-se para sempre um grande evangelho a todos os enfermos do pecado.

A Fidelidade do Perdão

De acordo com a experiência dos que servem ao Senhor, quanto mais as pessoas vêem o pecado mediante a iluminação de Deus, tanto mais elas se entristecem por ele, e tanto mais prezam a graça do perdão. Mas há os que sempre temem que Deus não lhes perdoe por causa da magnitude de seus pecados, tanto em número como em gravidade. Alguns podem ter recebido o perdão, mas sua consciência foi tão enfraquecida pelo pecado que a simples lembrança dele traz o medo de não serem perdoados. Mais ainda, chegam ao ponto de supor que o perdão é coisa barata demais, caso Deus realmente lhes perdoe. Os que alimentam atitudes tão erradas precisam conhecer a fidelidade do perdão, pois este tem firme fundamento. Precisam reconhecer a validade dos dois pontos seguintes.

O Perdão Baseia-se na Justiça de Deus

Nosso Deus é um Deus santo (1 Pedro 1:16). Ele ama a justiça e odeia a iniquidade (Hebreus 1:9). Sua natureza santa não pode tolerar o pecado; sua atitude reta não pode deixar de julgar a iniquidade. Sua Palavra afirma com clareza: "O salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23); e "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9:22b). Uma vez que pecamos, Deus terá de condenar-nos. Segundo sua natureza, ele é santo; não pode, pois, tolerar o pecado. De acordo com sua maneira de proceder, ele é justo; por isso não pode deixar de punir o pecado. Segundo seu próprio Ser, ele é glorioso; por isso, os pecadores que ousam aproximar-se dele devem mor-

rer. Deus tem de tratar-nos de acordo com o princípio de sua santidade, justiça e glória. Desse modo, nossos pecados não serão perdoados sem passar pelo julgamento de Deus. Deus não ignorará nosso crime. Ele nos perdoa os pecados e não se lembra de nossas iniquidades só por causa do sangue do Senhor Jesus (Mateus 26:28; Efésios 1:7).

A graça nunca reina sozinha; ela reina pela justiça (Romanos 5:21). A graça não nos vem diretamente; ela nos chega mediante a cruz. Deus não nos perdoa os pecados porque se compadece de nós ao ver que nos arrependemos, que expressamos pesar, que manifestamos tristeza e choramos. Não, Deus nunca perdoa nessa base. Primeiro ele deve julgar nossos pecados para depois perdoar-nos (Isaías 53:5, 10, 12).

Uma idéia comum que muitas pessoas têm é que “graça e justiça não podem, ambas, ser preservadas”. Não obstante, todos os que foram ensinados pela graça declararão que ao perdoar-nos os pecados, Deus manteve intactas tanto a graça como a justiça. Isto não se verifica apenas em relação a Deus; até seus redimidos às vezes refletirão, levemente, esta maravilhosa harmonia. Certa vez uma ginásiana contou esta história: Sua diretora pertencia ao Senhor. Certo dia alguém quebrou um móvel da escola. A diretora investigou o caso, mas ninguém confessou a falta. Portanto ela conversou com as alunas sobre a injustiça de destruir os móveis escolares, porém acentuou mais ainda a covardia de não confessar. Ela chorava enquanto falava. Finalmente, uma aluna levantou-se e confessou; todavia, ela não tinha recursos com que pagar o prejuízo. De modo que a diretora pagou-o de seu próprio bolso e ao mesmo tempo perdoou à aluna. Tal ato de graça através da justiça levou esta aluna a conhecer a graça e a justiça bem como o pecado.

Como o santo Senhor, no dia em que levou os pecados do mundo sobre a cruz, clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46b)! Isto lhe foi muito mais doloroso do que a coroa de espinhos na cabeça e as feridas dos açoites no corpo. "Ele foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades" (Isaías 53:5a). Quem pode dizer que o perdão é barato? Todos os que aprenderam da graça poderão compreender, ainda que parcialmente e com lágrimas de gratidão a profundidade inconcebível do sofrimento de Jesus e a forma em que recebeu a taça transbordante da ira divina totalmente abandonado no madeiro maldito.

O Perdão é Característica da Nova Aliança

Leiamos de novo Hebreus 8:12: "Pois, para com as suas iniquidades usarei de misericórdia, e dos seus pecados jamais me lembrarei." Esta é uma das porções mais benditas de quantas se relacionam com a Nova Aliança. Ela fala de Deus em Cristo perdoadando nossos pecados. Porque Cristo verteu o seu sangue por nós, Deus pode ter misericórdia de nossas iniquidades. Ele não só as perdoa mas também não mais se lembra delas. Ele pode esquecer-se de nossos pecados não porque os menosprezou, nem porque tentou não lembrar-se deles, mas porque o sangue de Cristo apagou nossas transgressões e lavou nossos pecados (Isaías 44:22; Hebreus 1:3; Apocalipse 1:5). Deus hoje sujeitou-se numa aliança, e alegremente se restringiu por ela. Quando ele diz que será misericordioso para com as nossas iniquidades, indiscutivelmente ele o será. Quando ele diz que jamais se lembrará dos nossos pecados, certamente não se lembrará. Esta é a Nova Aliança. Este é o evangelho.

Quão lamentável é que muitas vezes nos esqueçamos do que Deus se lembra e nos lembramos do que

Deus se esquece. Alguns estão sempre a conjecturar: Deus realmente me perdoa depois de eu haver cometido tantos pecados cruéis? Deveras ele não se lembrará mais de meus pecados? Outros, porém, podem pensar que muito embora Deus tenha apagado seus pecados, as cicatrizes que sem dúvida permanecem lembrarão a Deus, para sempre, quão pecaminosos eles são. Os que alimentam tais pensamentos nada sabem da Nova Aliança e são, portanto, incapazes de usufruir seus privilégios.

Lembremo-nos bem de que em perdoando nossos pecados e esquecendo-se de nossas iniquidades, Deus simplesmente está cumprindo o primeiro artigo da Nova Aliança. No estabelecimento da aliança Deus declara: "Pois, para com as suas iniquidades usarei de misericórdia, e dos seus pecados jamais me lembrarei." No caso de ele deixar de perdoar-nos os pecados, podemos reclamar dizendo: "Ó Deus, tu fizeste aliança conosco; tu te obrigaste a perdoar-nos os pecados; procede então de acordo com a tua aliança." Uma vez que ele estabeleceu a aliança, certamente agirá de acordo com ela. Ele já não é livre para perdoar ou não perdoar conforme lhe apraz, porque deliberadamente nos deu a garantia de uma aliança.

Ora, visto que a lei tem sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas, nunca jamais pode tornar perfeitos os ofertantes, com os mesmos sacrifícios que, ano após ano, perpetuamente, eles oferecem. Doutra sorte, não teriam cessado de ser oferecidos, porquanto os que prestam culto, tendo sido purificados uma vez por todas, não mais teriam consciência de pecados? (Hebreus 10:1-2).

Isto significa que pelo oferecimento dos mesmos sacrifícios de sangue de touros e de bodes os adoradores eram incapazes de obter a paz de consciência; pois esta só é alcançável mediante o sangue do Senhor Jesus. Vendo *esse* sangue, Deus nos perdoa os pecados e deles não se lembra jamais. Isto é característica da Nova Aliança. A Palavra de Deus é muito clara com respeito a este ponto. Se alguém ainda está preocupado com seus pecados passados e não tem paz de consciência, é bem que chegue ao ponto de poder dizer amém em seu coração a tudo o que foi explicado até agora. Então passará a desfrutar da bênção que é a remissão dos pecados, de acordo com o estabelecido na Nova Aliança.

Confissão e Perdão

Sem dúvida alguma, nossos pecados são perdoados quando reconhecemos que somos pecadores e cremos no Senhor Jesus. Mas resta a pergunta: precisamos de novo perdão depois de havermos crido no Senhor e termos sido perdoados? Para responder a esta pergunta, mencionemos primeiro os três pontos seguintes:

1) Ao sermos salvos, não devemos continuar em pecado (Romanos 6:1, 2), nem devemos mais pecar (João 5:14; 8:11).

2) Não obstante, é possível que os crentes pequem (1 João 1:8, 10) e sejam surpreendidos em transgressões quando tentados (Gálatas 6:1; 1 Coríntios 10:12). As dissimulações de Pedro e de Barnabé (Gálatas 2:11-13), e o incesto de um crente de Corinto (1 Coríntios 5:1, 2, 5, 11—cujo pecado teve consequência muitíssimo terrível por causa da destruição da carne, por um lado, e da excomunhão da igreja, por outro) são todos fatos.

3) Contudo, “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece

nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus" (1 João 3:9). Isto refere-se ao *hábito* e à *natureza* da pessoa regenerada.

Agora que aclaramos estes três pontos, desejamos observar que quanto mais essas pessoas têm comunhão com Deus na luz, tanto mais necessitam de perdão e purificação. Isto o ensina com clareza a passagem de 1 João 1:5-7. Vejamos o que as Escrituras dizem acerca do caminho para o perdão.

"Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 João 1:9). O crente que pecar deve *confessar* a fim de ser perdoado. "*Se confessarmos os nossos pecados*", Deus nos perdoará os pecados e nos purificará de toda injustiça porque ele é fiel e justo. Que é a fidelidade de Deus? Que é a justiça de Deus? A primeira aponta para sua Palavra enquanto a segunda se refere à sua ação. A Palavra de Deus é fiel e sua ação é justa. Visto que ele disse que nos perdoará os pecados, definitivamente ele o fará. Visto que ele disse que nos purificará de toda injustiça, certamente é isso que ele fará. Em vista de ter ele enviado seu Filho para morrer por nossos pecados, ele não pode deixar de nos perdoar os pecados e purificar-nos de toda injustiça. Portanto, pela confissão dos pecados valemo-nos da aliança que ele fez conosco e lhe pedimos que nos perdoe e purifique.

Havia uma irmã em Swatow cuja consciência estava inquieta por causa de constante acusação. Sempre que ela se encontrava com um pregador, dizia-lhe: "Meus pecados são tão grandes que não sei se Deus nos perdoou." Um dia encontrou-se com um pregador e fez-lhe a declaração de costume. Em face do que o pregador leu com ela 1 João 1:9 e depois lhe perguntou se havia confessado seus pecados diante de Deus.

— Sim, tenho confessado e os confesso com frequência.

— Que é que Deus diz então?

— Deus diz que se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.

— Que é que a senhora diz a este respeito?

— Não sei se Deus me perdoou.

Leram e conversaram, conversaram e leram, até que, finalmente, oraram juntos. Uma vez mais ela confessou seus pecados diante de Deus. Após a oração, o pregador perguntou-lhe de novo.

— Deus já lhe perdoou os pecados?

— Não sei.

Então o pregador exortou-a solenemente:

— A senhora acha que Deus mente?

— Como me atreveria a tanto?

— Então, que diz Deus que fará “se confessarmos os nossos pecados”? Não disse ele que “é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”?

Nesse instante ela começou a entender, e sua consciência encontrou descanso. Daí para a frente, até ao dia em que ela dormiu no Senhor, viveu cheia de alegria. A Palavra do Senhor iluminou-a e a consolou.

Em face disto, devemos lembrar-nos de que o perdão encontra-se na aliança. Se confessarmos nossos pecados de acordo com a Palavra de Deus, também ele, de acordo com sua Palavra, nos perdoará. Permita-me, portanto, perguntar-lhe: Você ousa lançar mão da Palavra de Deus, e orar, “Ó Deus, disseste que se confessarmos os nossos pecados tu nos perdoarás e nos purificarás”? Deveríamos entender que o motivo por que Deus faz aliança conosco é para que falemos com ele de acordo com os termos

dessa aliança. Ele deseja que lhe peçamos com fé. Desta forma estamos-lhe pedindo que cumpra a palavra empenhada na aliança, e não implorando-lhe misericórdia. Estamos reivindicando por nossa porção o que foi definido na aliança. Graças a Deus, o perdão é parte da Nova Aliança.

Podem alguns presumir que se pudessem aborrecer o pecado mais profundamente ou entristecer-se pelo pecado com maior persistência, seriam perdoados também mais facilmente. Tal presunção é errônea porque não encontra apoio na Palavra de Deus. Desgosto e tristeza pelo pecado são resultados naturais da iluminação, e não condições a serem satisfeitas em troca de perdão. Há uma história no livro "O Segredo de uma Vida Feliz", que em essência é a seguinte: Uma irmã perguntou certa vez a uma menina: "Que fará você se pecar? Como o Senhor Jesus a tratará?" A resposta veio: "Confessarei meu pecado ao Senhor, e depois de fazer-me sofrer por um pouco, ele me perdoará."

Não pense você que trata apenas de palavras de uma criança, pois muitos adultos têm a mesma atitude. Muitos estão fazendo exatamente a mesma coisa. Pensam que após a confissão haverá necessidade de um período de sofrimento antes de serem perdoados. Esperam até que seus corações não doam mais—e tomam isto como certeza de perdão. Todos os que pensam e agem de tal maneira não conhecem as características da Nova Aliança.

Precisamos compreender que o perdão é parte da Nova Aliança. Por causa do sangue derramado do Senhor Jesus, Deus não pode deixar de perdoar-nos os pecados e purificar-nos de toda injustiça. No momento em que aceitarmos o Senhor, Deus nos perdoará segundo o que estipula a aliança. Sempre que confessarmos os nossos pecados, ele nos perdoa-

rá, exatamente como diz a sua aliança. Pois ele está sujeito pela aliança que ele próprio fez conosco. Se lhe pedirmos de acordo com a palavra da aliança, Deus não deixará de executá-la.

Naturalmente, desejamos lembrar a todos que a confissão aqui considerada é resultado de ver o pecado à luz de Deus. A luz de Deus não poupa um pecado sequer. Se a pessoa vir o pecado sob a iluminação divina; se condená-lo como tal, e o confessar diante de Deus, receberá o perdão e a purificação. Não permita Deus que alguém tome o perdão como um talismã e passe a mentir ou a enfurecer-se, pensando que o precioso sangue de Cristo o protege. Se assim for, então essa pessoa trata a confissão meramente como uma fórmula, como uma técnica. Pecar, por um lado, e confessar como rotina, por outro, não é aceito como confissão à luz de Deus. Este tipo de confissão rotineira deve ser cuidadosamente evitado. O que dizemos é que as pessoas que têm comunhão com Deus e andam na luz da vida vêem o pecado mais prontamente; portanto, elas precisam muito mais do perdão de Deus e da purificação do sangue. Este é o tipo de confissão que realmente tem valor. E com tal confissão vem o descanso do perdão da Nova Aliança.

“Ao redor do trono há um arco-íris” (Apocalipse 4:3b). Que indica o arco-íris? Ele é o sinal da aliança de Deus com Noé. O arco-íris ao redor do trono indica que Deus nunca se esqueceu de sua aliança. Também atesta o fato de que ele não deixará de ouvir nenhuma oração feita de acordo com a aliança. Enquanto o arco-íris rodear o trono, Deus ouvirá a oração da aliança. Por certo é uma graça muitíssimo admirável que Deus nos conceda tal segurança de modo que nos capacite a orar de acordo com a aliança.

Existe alguém que ainda não resolveu o problema de seus pecados? Lance-os diante de Deus, apegue-se à Palavra divina e creia em Deus segundo a sua aliança. Esse alguém pode, então, descansar na aliança de Deus. Temos perdido muitas bênçãos espirituais porque não sabemos que Deus fez aliança conosco. Nosso Deus fez uma aliança conosco. Sua intenção é incentivar-nos a falar com ele segundo essa aliança para que ele também possa, por sua vez, agir de acordo com ela.

Características da Nova Aliança:

(2) Vida e Poder

Já vimos que o perdão da Nova Aliança é um evangelho da graça. Se alguém crê nesta graça perdoadora, sua consciência descansa. Conhecemos muitos dentre o povo do Senhor que aceitaram esta graça perdoadora. Não somente creram, mas também testificaram do perdão de seus pecados e da purificação de toda a sua injustiça. Mas além do perdão de pecados, a Nova Aliança inclui dois outros mui gloriosos e preciosos elementos: vida, poder e conhecimento interior. Muitos menosprezam, não dão valor a estes dois aspectos e não crêem neles. Este é um dos principais motivos por que muitos filhos de Deus são tão pobres e fracos espiritualmente.

Ora, é bom termos os nossos pecados perdoados por Deus; não obstante, se nós, depois de perdoados, não mudarmos—não permitindo que Deus obtenha o que ele deseja em nós nem conhecendo e fazendo a vontade dele—então que diferença há entre nós e o povo de Israel que outrora peregrinou no deserto? Onde estará a glória da Nova Aliança?

Devemos, pois, ver as excelências da Nova Aliança.

Nos dias da Antiga Aliança Deus tomou os israelitas pela mão e os conduziu para fora da terra do Egito (Hebreus 8:9). Na Nova Aliança ele afasta nossos corações do Egito, isto é, do mundo. Na Antiga Aliança Deus colocou suas leis diante do povo; na Nova Aliança ele as imprime em nossas mentes e as inscreve sobre nossos corações. Debaixo da Antiga Aliança, embora os filhos de Israel fossem exteriormente instruídos por homens e vissem as obras de Deus durante quarenta anos, ainda assim erraram no coração e não conheceram os caminhos de Deus. Sob a Nova Aliança não precisaremos de nenhuma instrução exterior, porque desde o menor até ao maior de nós, todos conheceremos o Senhor interiormente.

Vejamos primeiro como Deus imprime suas leis em nossa mente e as inscreve sobre nosso coração. Por que esta é uma parte muitíssimo gloriosa e preciosa da Nova Aliança? Leiamos alguns textos bíblicos relativos ao assunto:

“Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor. Nas suas mentes imprimirei as minhas leis, também sobre os seus corações as inscreverei; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Hebreus 8:10). “Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei nos seus corações as minhas leis, e sobre as suas mentes as inscreverei” (Hebreus 10:16).

Ambas as passagens mencionam primeiro “imprimir” ou “pôr” e depois “inscrever”. Observe, porém, que no capítulo 8, primeiro está “nas suas mentes” e depois “sobre os seus corações”, enquanto no capítulo 10 a ordem é inversa. Ambas as passagens falam praticamente da mesma coisa.

Estes dois versículos de Hebreus citam Jeremias 31:33, que diz: “Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o

Senhor, na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.”

Ezequiel 36:25-28 também fala do mesmo tema que encontramos em Jeremias 31:31-34. Algumas palavras são mais claras em Ezequiel enquanto outras são mais claras em Jeremias. Leiamos agora a passagem de Ezequiel: “Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo, e porei dentro em vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro em vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. . . .vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.” Nestes versículos Deus fala pelo menos de cinco coisas: 1) de purificar-nos com água; 2) de dar-nos coração novo; 3) de dar-nos espírito novo; 4) de tirar-nos o coração de pedra e dar-nos coração de carne, e 5) pôr dentro em nós o seu Espírito. O resultado combinado desses cinco temas é: “farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. . . .vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.”

Regeneração

A fim de entendermos como Deus põe as suas leis em nós e as inscreve sobre nossos corações, é necessário que comecemos com a regeneração. Na regeneração o Espírito Santo põe a vida incriada de Deus em nosso espírito humano. A regeneração é uma coisa nova que acontece no espírito do homem. Não é uma questão de comportamento, mas de vida.

A Criação do Homem

Para saber o que é a regeneração, devemos voltar ao relato da criação do homem. “Então formou o

Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente" (Gênesis 2:7). Aqui o "fôlego de vida" refere-se ao Espírito—a fonte de vida; pois o Senhor diz noutro lugar que "O Espírito é o que vivifica" (João 6:63a). Isto se confirma também em Jó: "o sopro do Todo-poderoso me dá vida" (33:4b). A palavra hebraica traduzida por "vida" na frase "fôlego de vida" é *chay* e está no plural. Deus soprou de tal modo que se produziu uma vida dupla: a espiritual e a da alma. Ao entrar o fôlego de Deus no corpo do homem, ele se tornou espírito humano e ao reagir o espírito humano com o corpo, teve origem a alma. Isto explica o começo da vida do espírito e da alma. Mostra também, com clareza, que o homem é um ser tripartido: espírito, alma e corpo. O Novo Testamento divide o homem em três partes: "e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros" (1 Tessalonicenses 5:23b); "até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas. . ." (Hebreus 4:12b).

O corpo é a sede das faculdades que nos dão "consciência do mundo"; a alma, da "consciência do ser"; e o espírito, da "consciência de Deus". Com seus cinco sentidos, o corpo dá ao homem os vários tipos de sensações físicas. Através do corpo físico o homem pode comunicar-se com o mundo exterior. Por conseguinte, o corpo é o lugar da "consciência do mundo". A alma compreende a mente, as emoções, a vontade, e assim por diante; tudo isso pertence ao homem, sendo expressões de sua personalidade. Daí que ela é o lugar da "consciência do ser". O espírito tem as funções de consciência, intuição e comunhão; e por esses fatores o homem chega a conhecer seu relacionamento com Deus e aprende a adorá-lo e a servi-lo. É, pois, o lugar da "consciência de Deus".

O espírito controla todo o ser por meio da alma. Se o

espírito deseja agir, ele comunica sua intenção à alma; esta por sua vez moverá o corpo para que obedeça ao comando do espírito. De acordo com a ordem de Deus, sendo o espírito a parte mais importante do homem, deve controlar todo o ser. Não obstante, sendo a vontade o principal suporte da personalidade, ela pertence à alma. A vontade da alma humana tem o direito soberano de escolher entre o governo do espírito, o do corpo, ou mesmo o do ser. Em vista de tal poder pertencer à alma—que também é a sede da personalidade—a Bíblia chama ao homem de “alma vivente”.

O Propósito de Deus em Criar o Homem

Repetidas vezes temos encarecido que o propósito eterno de Deus é dar-se ao homem. Ele tem prazer em entrar no homem e unir-se com ele de sorte que o homem possa ter a vida e a natureza de Deus. Depois de criar Adão, Deus o colocou no jardim do Éden. No meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2:9). Essas duas árvores eram muitíssimo notáveis; podiam com facilidade atrair a atenção do homem. Deus deu ordem ao homem, dizendo: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:16-17). Em outras palavras, esta declaração significava que o fruto da árvore da vida podia ser comido. Se o homem tivesse comido o fruto da árvore da vida ele teria escolhido Deus, porque a árvore da vida apontava para Deus. Quão grandiosos e belos são os propósitos do Criador para com o homem!

Assim como foi Deus quem criou o homem, foi ele também quem lhe deu sua vida original. Falando da vida originalmente criada do homem, a Bíblia diz que

ela era reta (Eclesiastes 7:29) e “muito boa” (Gênesis 1:31). Mas, no que concerne ao propósito eterno de Deus, o homem ainda não tinha a vida incriada do próprio Deus. Daí sua necessidade de escolher Deus e a vida de Deus. [O grego usa três palavras diferentes para “vida”: (1) *Bios*—esta indica a vida da carne. O Senhor Jesus usou esta palavra quando disse que a pobre viúva deu tudo o que possuía, todo o seu *sustento* (Lucas 21:4). (2) *Psyché*—esta aponta para a vida animada do homem, a sua vida natural—que é a vida da alma. Sempre que a Bíblia menciona a vida do homem como tal, esta é a palavra empregada (Mateus 16:26; Lucas 9:24). (3) *Zoé*—indica a vida mais elevada, a vida do Espírito, a vida incriada de Deus. A Bíblia emprega esta palavra quando fala de “vida eterna” (João 3:16).]

A Queda do Homem

A raça humana caiu e pecou. Isto ocorreu quando o homem Adão rejeitou a vida e comeu o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. Antes disso o espírito do homem era livre para comunicar-se com Deus, mas agora ele se alienou de Deus (Efésios 4:18) e está morto para ele por causa das transgressões (Colossenses 2:13; Efésios 2:1). Logo no começo Deus havia prevenido a Adão, dizendo: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gênesis 2:17). No tocante à vida física, Adão viveu algumas centenas de anos mais depois de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 5:3-5). Por conseguinte, a morte mencionada aqui não podia ser unicamente a morte do corpo; o espírito do homem deve ter morrido primeiro.

A morte é definida como alienação da vida. Deus é o Deus da vida. Alienando-se dele, Adão alienou-se da vida. Ao dizer que o espírito de Adão tinha

morrido não tencionamos sugerir que ele já não tinha espírito; significa, meramente, que seu espírito havia perdido a comunicação com Deus, havendo perdido sua sensibilidade espiritual. O espírito de Adão—conquanto ainda existisse—estava morto para Deus. Adão perdeu a capacidade fundamental do espírito. Porque tão-logo o homem cai em pecado ele se torna carnal (Romanos 7:14) e é controlado por sua alma. Ele não pode conhecer as coisas de Deus (1 Coríntios 2:14); nem está sujeito à lei de Deus, nem pode deveras estar, porque quem está na carne não pode agradar a Deus (Romanos 8:7, 8).

Deixou o propósito de Deus de ser alcançado? Absolutamente, não; pois Deus ainda é Deus, a não ser que ele não tenha vontade ou propósito. Se, porém, ele *tiver* uma excelente vontade e um plano eterno, certamente Deus o levará a cabo. Como se fará isto? Deus resolverá o problema do pecado, resgatará o homem caído, liberará sua vida por meio do Filho, e regenerará o homem pelo Espírito Santo.

A Salvação de Deus

A fim de solucionar o problema do pecado e salvar o homem caído, Deus enviou Cristo ao mundo. Na cruz, Cristo levou sobre seu corpo os nossos pecados, “Para que nós, mortos aos pecados, vivamos para a justiça” (1 Pedro 2:24). Isto está tipificado no período do Antigo Testamento ao levantar Moisés a serpente no deserto (Números 21:4-9). Por causa do pecado, o povo de Israel merecia a morte; mas Deus ordenou a Moisés que levantasse a serpente de bronze no deserto, de sorte que todos os que fossem mordidos por alguma serpente pudessem olhar para ela e viver. De semelhante modo, Cristo foi levantado para levar nossos pecados e morrer por nós para que todos quantos estivessem mortos em transgressões pudes-

sem receber a vida de Deus e viver (João 3:14, 15).

Deus ia comunicar-nos sua vida e assim ele pôs sua vida em Cristo (João 1:4; 1 João 5:11), que ao morrer na cruz liberou a vida de Deus oculta nele. Cristo foi o grão de trigo que caiu no solo e morreu para liberar a vida de Deus (João 12:24). Daí, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, Deus nos regenera (1 Pedro 1:3).

Regeneração é ser nascido “de Deus” (João 1:13), nascido “do céu” (1 Coríntios 15:47).

Regeneração é ser nascido “da água e do Espírito” (João 3:5). Isto precisa de uma pequena explicação. Quando João Batista começou a pregar e a batizar, ele anunciou: “Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo” (Marcos 1:8). Assim como João Batista reuniu em Marcos 1 a água e o Espírito Santo, o Senhor Jesus também o fez em João 3. Ora, visto que a água a que João se referiu era a do batismo, então a água que o Senhor Jesus mencionou deve também ser a água do batismo. As palavras com as quais o Senhor respondeu a Nicodemos deviam ser algo que este pudesse compreender prontamente. Naquele tempo muitas pessoas sabiam que João batizava com água. Era natural que Nicodemos entendesse a água que o Senhor Jesus mencionou como sendo o batismo de João. Se o Senhor tivesse em mente outra idéia concernente à água, Nicodemos não a teria compreendido facilmente. Podemos, pois, concluir que “água”, aqui, indica a água do batismo.

O batismo de João era o “batismo de arrependimento, dizendo ao povo que *cressem naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus*” (Atos 19:4). O batismo de arrependimento no qual João batizava com água não podia regenerar as pessoas. Se alguém não nascer “da água e do Espírito”, não nasceu de novo.

O batismo de arrependimento anuncia que não somente o comportamento do homem—sendo mortalmente mau—precisa de arrependimento, mas também o próprio homem—sendo corrupto e morto—deve ser sepultado no batismo. Quando alguém entra na água para ser batizado, está confessando diante de Deus quão mau é seu comportamento e quão corrupto e morto está em suas transgressões, que outra coisa não merece senão morte e sepultamento.

Mas o homem não nasce de novo somente “da água”; ele deve nascer “da água e do Espírito”. Ele precisa receber da parte do Senhor Jesus o dom do Espírito Santo antes que possa ter a vida de Deus. João Batista apareceu primeiro pregando “arrependimento” (Marcos 1:4). Logo a seguir veio o Senhor Jesus e acrescentou a palavra “crede” à mensagem de João (Marcos 1:15). O arrependimento livra-nos de tudo aquilo que nos pertence. Crer introduz-nos a tudo quanto pertence a Deus. Entramos na água mediante arrependimento; recebemos o Espírito Santo pela fé. Entrar na água e receber o Espírito Santo deste modo é nascer “da água e do Espírito”. Arrepende-se e entrar na água põe termo à vida do velho homem; crer e unir-se ao Espírito Santo é receber a vida de Deus. Isto é regeneração.

Conquanto a regeneração seja nascer da água e do Espírito Santo, o aspecto subjetivo da obra da regeneração é totalmente realizado pelo Espírito Santo. (O aspecto objetivo da obra da regeneração é totalmente realizado por Cristo.) É por este motivo que em João 3 o Senhor Jesus mencionou uma vez “nascer da água”, mas três vezes “Nascer do Espírito” (vv. 5, 6, 8).

Regeneração é ser “nascido do Espírito”. O Espírito Santo vem para induzir as pessoas a arrepender-se. Ele “convencerá o mundo do Pecado” (João 16:8). Ele

leva as pessoas a aceitarem pela fé o Senhor Jesus como Salvador; ele entra naqueles que assim se arrependeram e creram e lhes dá a vida de Deus, dessa maneira regenerando-os. O Espírito Santo ilumina as pessoas levando-as a arrepender-se e crer que podem receber a vida de Deus. Tudo isto está registrado nas Escrituras como verdade do evangelho. Daí a Bíblia dizer que Deus nos gera com o evangelho que é também a palavra da verdade (1 Coríntios 4:15; Tiago 1:18). Somos "regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pedro 1:23). Mediante o Espírito Santo, Deus usa sua Palavra para comunicar-nos sua vida e implantá-la em nós. Somos movidos pelo Espírito Santo a crer na Palavra de Deus e dessa forma receber a vida de Deus. Na Palavra de Deus está escondida a vida de Deus; na verdade, suas palavras "são vida" (João 6:63). Tão-logo aceitamos a palavra de Deus, recebemos sua vida.

A vida que nos é concedida na regeneração não é carnal, mas espiritual. É como o vento, invisível mas pode ser sentida, e é muitíssimo prática (João 3:8). Portanto, a regeneração outra coisa não é senão ter, além da própria vida humana, a vida de Deus.

Tão-logo somos regenerados, recebemos "o poder de sermos feitos filhos de Deus" (João 1:12). Isto dá início a um relacionamento de pai-filho com Deus na vida (Gálatas 4:6; Romanos 8:15, 16). A vida incriada de Deus, a "vida eterna" (João 17:3) que Adão deixou de receber e a qual não tínhamos, agora vem a nós. Este é o caráter e a glória da Nova Aliança. Aleluia!

A vida de Deus possui sua própria natureza; assim, nós que temos sua vida, somos feitos "co-participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4). Agora nos é possível conhecer a vontade de Deus, sentir prazer

em agradecer-lhe, e exteriorizar em nossa vida a sua imagem (Colossenses 3:10). Caso a pessoa professe haver recebido a vida do Filho de Deus mas não haja o mais leve indício desta nova natureza de vida em seu andar diário—nem em uma retidão amorosa nem em um odiar o pecado—a fé e a regeneração de tal pessoa são altamente questionáveis. Porque a vida de Deus tem sua natureza especial. Se a pessoa não exhibe essa natureza, como se atreve a professar que tem a vida de Deus?

“O espírito do homem é a lâmpada do Senhor”, diz Provérbios 20:27. Depois da queda de Adão este espírito foi obscurecido. Mas quando o Espírito Santo nos regenera e põe em nós a vida de Deus, ele nos aviva o espírito (Efésios 2:5) como se fosse uma lâmpada. Na morte do homem, causada pelo pecado original, o espírito morreu primeiro. Mesmo assim, na regeneração—quando o Espírito Santo implanta no espírito do homem a vida incriada de Deus—o Espírito divino primeiro vivifica o espírito do homem. A obra do Espírito Santo começa no interior do homem. Ele opera do centro para a periferia, do espírito para alma e depois para o corpo. A obra regeneradora do Espírito Santo realiza-se puramente no espírito. Antes nosso espírito estava morto em transgressões; agora está vivo (Colossenses 2:13). Agora ele conhece a Deus e é sensível ao pecado. Por este motivo, aquele que diz que nasceu de novo e ainda não conhece a Deus nem é sensível ao pecado, põe em dúvida sua experiência.

Quando o Espírito Santo nos gera, ele também nos dá “um coração novo” e põe em nós um “espírito novo” (Ezequiel 36:26). Ao dar-nos um coração novo, Deus não nos dá outro coração; ele simplesmente renova nosso coração corrompido. Do mesmo modo, ao conceder-nos um espírito novo Deus não nos dá

outro espírito; ele simplesmente vivifica e renova nosso espírito morto. Com um coração novo podemos agora pensar em Deus, desejá-lo e amá-lo. Com este coração novo desenvolvemos um novo deleite e inclinação para com as coisas celestiais e espirituais. E com um espírito novo não seremos fracos com relação às coisas espirituais nem obtusos quanto às coisas de Deus como éramos outrora. Pelo contrário, com o espírito novo seremos fortes nas coisas espirituais e teremos discernimento nas coisas de Deus (1 Coríntios 2:12). Poderemos ter comunhão com ele.

Outro fato glorioso é que, ao nascermos de novo, Deus também nos dá seu Espírito (Ezequiel 36:27). O Espírito Santo agora habita em nosso espírito renovado. Isto nunca acontecia na dispensação da Antiga Aliança. Em verdade, durante o tempo do Antigo Testamento o Espírito Santo operou no homem, mas a Bíblia nunca registra, de modo inconfundível, que naqueles dias o Espírito Santo habitava para sempre no homem.

Como sabemos que na dispensação da Nova Aliança o Espírito Santo habita para sempre em nós? O próprio nosso Senhor indicou-o claramente aos discípulos: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja *para sempre* convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não no vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará *em* vós" (João 14:16-17). A vinda deste Consolador não é outra coisa que a vinda do Senhor em outra forma, porque ele continua, dizendo: "Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros" (v. 18). O "ele" do versículo 17 é o "eu" do versículo 18. Daí que este "outro Consolador" é o próprio Senhor vindo em forma diferente.

Quando o Senhor esteve na terra, com freqüência

ele esteve com os discípulos, mas não poderia habitar neles. Desde sua ressurreição, porém, ele se revestiu do Espírito Santo e pode, por conseguinte, habitar neles. Como Deus vem entre os homens em Cristo e mediante Cristo, assim Cristo vem aos homens no Espírito Santo e mediante o Espírito Santo. O Espírito Santo em nós é o mesmo que Cristo em nós (Romanos 8:9; 2 Coríntios 13:5). Cristo em nós é a mesma coisa que Deus em nós (o "Cristo" de Efésios 3:17 é o "Deus" de Efésios 3:19). Quanta bênção há em que o Criador habite na criatura! Esta é a coisa mais maravilhosa, bem-aventurada e gloriosa de todo o universo.

O Senhor não nos deixará órfãos. Ele próprio cuidará de nós, nutrindo-nos, edificando-nos, e arcando por nós com a plena responsabilidade. Em outras palavras, o Espírito Santo que habita em nós deve traduzir em nossa experiência subjetiva a realidade objetiva do que Cristo realizou por nós na cruz. O Espírito da verdade deve guiar-nos à realidade. ("Consolador", no original grego, inclui duas noções: uma significa "Chamado para estar ao lado de alguém" —isto é, para auxiliar alguém. Isto quer dizer que o Espírito Santo é nossa ajuda presente. Sempre que necessitarmos de seu auxílio, ele estará ao nosso lado para ajudar-nos. A outra noção significa "aquele que pleiteia a causa de outrem" —um advogado. Cristo, pelo assim dizer, aparece perante Deus para pleitear por nós—isto é, pleitear pelo nosso bem.)

No momento em que somos regenerados, tornamo-nos salvos. Pois Deus "nos salvou mediante o lavar regenerador" (Tito 3:5). A regeneração não somente nos dá vida; ela também purifica nossa velha criação, pois ela é também um "lavar". Ela nos livra da velha criação.

Outrora éramos velha criatura; agora, porém, "me-

diante o lavar. . . renovador do Espírito Santo" (Tito 3:5), recebemos um coração novo, um espírito novo e uma vida incriada. "E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Coríntios 5:17).

Uma vez que a pessoa possui a vida de Deus, ela pode conhecer a Deus e as coisas espirituais. Espiritualmente encontra-se no reino de Deus; profeticamente entrará no reino de Deus no futuro (João 3:3, 5).

Com a regeneração a pessoa não somente entra na posse da vida de Deus hoje mas também é regenerada "para uma viva esperança. . . , para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus" (1 Pedro 1:3-4). No presente se torna uma pessoa do céu que está na terra; mais tarde desfrutará da porção celestial que lhe foi reservada no céu.

Louvado seja Deus, e graças lhe sejam dadas pelo quanto é maravilhosa a regeneração, pelo quanto é bendito e glorioso o seu fruto!

Visto que fomos regenerados, pertencemos à raça divina. Mas ainda devemos crescer em maturidade, isto é, crescer para nos assemelharmos ao Deus-Homem que está na glória. Sabemos que cada tipo de vida tem sua própria característica e instinto. Por exemplo, um pássaro, por ser pássaro, tem sua própria característica de vida e instinto. Ele gosta de voar, e possui essa capacidade. Um peixe, como tal, tem sua própria característica de vida e instinto. Ele gosta de viver na água e possui a capacidade de fazê-lo. Isto não se verifica apenas na vida animal, mas na vida das plantas também. "Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons" (Mateus 7:17-18). Esta é a lei natural da vida. Para nós que nascemos de novo e temos a vida de Deus, esta nova

vida também possui sua própria característica e instinto.

Precisamos entender, porém, que embora a vida que recebemos seja perfeita, ela não amadureceu. A vida em si é tão perfeita que tem o potencial de atingir o mais alto nível; mas ao tempo da regeneração somos como quem acaba de nascer, e necessitamos esperar para chegarmos à maturidade. Como uma planta recém-nascida, nossa vida é perfeita, mas ainda “verde”. A perfeição do recém-nascido está limitada à fonte de vida, mas a perfeição da maturidade aplica-se a todas as áreas do organismo. Isto explica por que a pessoa regenerada deve ser renovada continuamente pelo Espírito Santo de modo que esta nova vida possa ser aperfeiçoada em cada parte de seu ser. Nas páginas seguintes tentaremos mostrar como esta semente da vida manifesta sua própria característica e instinto.

A Lei da Vida

Leiamos outra vez Hebreus 8:10: “Nas suas mentes imprimirei as minhas leis, também sobre os seus corações as inscreverei.” Aqui reside a diferença entre a Nova Aliança e a Antiga. Na Antiga Aliança a lei era impressa fora do homem, tendo sido escrita sobre tábuas de pedra, na Nova Aliança ela é impressa em nossa mente e inscrita sobre nosso coração. O que está fora e escrito sobre tábuas de pedra pertence “à letra” (2 Coríntios 3:6). Qual, pois, é a lei que pode ser colocada dentro em nós e escrita sobre nosso coração? Qual é a natureza desta lei? Pela Palavra de Deus verificamos que a lei que pode ser impressa em nossa mente e inscrita sobre nosso coração não é da letra, mas da vida. Nem toda lei é da vida, mas toda vida tem sua lei. A lei que Deus põe em nós é a vida que ele nos dá.

Tão-logo alguém receba a vida de Deus, recebe dentro de si esta lei da vida. Deus vem aos homens em seu Filho, e o Filho de Deus vem a eles no Espírito Santo. O Espírito Santo é quem nos traz esta vida, e a operação desta vida em nós é o que aqui se chama a lei da vida. Em outras palavras, esta lei da vida vem do Espírito Santo. É isto que Romanos 8:2 define como “a lei do Espírito da vida”. Esta lei é singular em número. A lei da Antiga Aliança contém muitos artigos, ao passo que a lei da Nova Aliança tem apenas um que é a lei da vida. Esta é a Nova Aliança.

Qual é a natureza desta lei da vida? Tal natureza operará espontaneamente de determinada forma. Por exemplo, o ouvido ouvirá espontaneamente e o olho verá instintivamente, sem necessidade do controle pela força. Assim também a língua saboreará o alimento, engolindo naturalmente o que é bom e rejeitando o que é mau—tudo isso sem a necessidade de nenhum esforço consciente. Se o ouvido não ouve, se o olho não vê, e se a língua não distingue o gosto, a pessoa deve estar fisicamente mal ou está morta. O que Deus põe em nós é vida, e esta vida é uma lei em si mesma. Ele não colocou em nós uma mera forma exterior ou letra; antes, ele põe em nós uma lei viva da vida que opera espontaneamente.

Exemplifiquemos como segue: Suponhamos que alguém fale a um pessegueiro morto, dizendo: “Você deveria ter folhas verdes e flores vermelhas, e no devido tempo produzir pêssegos.” O indivíduo pode repetir essas palavras desde o começo do ano até ao fim e nada conseguirá, porque a árvore está morta. Se, porém, for um pessegueiro vivo, naturalmente ele brotará, florescerá e produzirá fruto sem que ninguém nada lhe peça. A isto se chama lei da vida, porque opera automaticamente.

Visto que o que Deus pôs em nós é vida, natural-

mente ela é uma lei que opera de modo espontâneo. Esta lei automaticamente regerá a vida. E esta vida espontaneamente regerá o conteúdo da vida que há em nós—as riquezas de Deus. Ela fluirá naturalmente se não for obstruída.

As Leis e a Mente

“Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei” (Jeremias 31:33b). A que se refere a palavra traduzida por “mente”? A fim de entender isto, temos de estudar o que é o “coração” (coração, aqui, não significa o órgão fisiológico). Examinaremos o tema do “coração” segundo o registro das Escrituras e as experiências de muitos filhos do Senhor. No que concerne ao registro bíblico, a palavra “coração” parece incluir as seguintes partes:

1) A consciência está ligada ao coração— “tendo os corações purificados de má consciência” (Hebreus 10:22); “se o nosso coração nos acusar” (1 João 3:20). Acusar é função da consciência, mostrando pois que a consciência está no reino do coração.

2) A mente também vincula-se ao coração—“Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que cogitais o mal nos vossos corações?” (Mateus 9:4); “arrazoavam em seus corações” (Marcos 2:6); “os que no coração alimentavam pensamentos soberbos” (Lucas 1:51); “por que sobem dúvidas aos vossos corações?” (Lucas 24:38). Todos esses casos tratam do coração. “Entendam com o coração” (Mateus 13:15); “meditando-as no coração” (Lucas 2:19); “discernir os pensamentos. . . do coração” (Hebreus 4:12). Todos esses versículos indicam que a mente está ligada ao coração.

3) A vontade também se relaciona com o coração— “com firmeza de coração, permanecessem no Senhor” (Atos 11:23); “viestes a obedecer de coração”

(Romanos 6:17); “proposto no coração” (2 Coríntios 9:7); “propósitos do coração” (Hebreus 4:12). Tudo isso revela que a vontade está definidamente vinculada ao coração.

4) As emoções estão unidas ao coração— “o coração lhe ficou como sem palpitar” (Gênesis 45:26); “Porventura não nos ardia o coração?” (Lucas 24:32); “Não se turbe o vosso coração” (João 14:27). Todas essas passagens confirmam que as emoções estão ligadas ao coração.

Na base das passagens acima—e embora não nos atrevamos a afirmar que a consciência é o coração, que a mente é o coração, que a vontade é o coração, ou que as emoções são o coração—ousamos afirmar que o coração tem ligadas a ele, pelo menos, consciência, mente, vontade e emoções. O coração pode exercer controle sobre a consciência, mente, vontade e emoção. Pode-se dizer que o coração é a soma total dessas quatro coisas. A consciência é a consciência do coração; a mente, a mente do coração; a vontade, a vontade do coração; e as emoções, as emoções do coração.

Daí que “mente” em Jeremias 31:33 inclui, pelo menos, consciência, mente, vontade e emoções.

Relação Entre Coração e Leis

Que significa “leis”, tanto em Hebreus 8:10 como em 10:16? Já mencionamos que a lei da vida é singular em número; não é plural. Por que, então, encontramos “leis” nesses lugares? Por que “leis” está no plural? Pode explicar-se do seguinte modo: A vida que recebemos na regeneração é uma lei. Isto refere-se à própria lei. Há, porém, mais do que uma operação desta lei em nós. A vida de Deus opera em todas as nossas partes interiores. Ela opera em nosso espírito, em nossa mente, em nossa vontade, em

nossas emoções. Por isso o que Jeremias registra—*“Na mente lhes imprimirei as minhas leis”*—aponta para a operação da lei da vida de Deus em cada segmento interior do homem.

No que concerne à lei em si mesma, ela é singular; mas no tocante à sua operação, ela é plural. Pode comparar-se à água que usamos. A fonte é uma, mas os canos são muitos. A vida em nós é uma, mas suas operações são muitas. Ela funciona em todas as partes interiores; não obstante, a fonte é uma só.

O Coração é a Passagem da Vida

Muito embora o espírito seja a mais importante parte do homem, o que realmente o representa não é seu espírito, mas o seu coração. *“Consultai no travesseiro o vosso coração”* (Salmo 4:4) é uma expressão que coincide com o provérbio chinês que diz que *“o coração e a boca consultam um ao outro”*. Podemos dizer que o coração é o verdadeiro *“eu”*; sem dúvida, ele é a coisa mais importante em nosso viver diário.

O coração situa-se entre o espírito e a alma. Tudo o que entra no espírito deve passar pelo coração; o mesmo se verifica com tudo o que procede do espírito. *“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida”* (Provérbios 4:23). Isto significa que o coração é a passagem da vida. Em outras palavras, todos os frutos que o homem produz exteriormente procedem do coração. Daí sua grande importância.

O coração é a passagem ou canal através do qual a vida opera. É por este motivo que Deus deve primeiro atuar sobre nosso coração antes que ele possa entrar em nós. Se não houvesse tristeza de coração ou arrependimento, a vida de Deus não poderia entrar. Deus tem de tocar-nos o coração—produzindo o

senso de dor do pecado ou o sabor da doçura de seu amor e da preciosidade de Cristo—a fim de levar-nos ao arrependimento. O pesar de coração é uma questão de consciência, enquanto o arrependimento é uma mudança de mente. Quando o coração é assim tocado, nossa vontade decidirá e nosso coração crerá. E assim a vida de Deus entrará em nós como uma semente plantada em nós (1 Pedro 1:23).

O Coração é a Chave da Vida

Uma semente viva semeada no solo pode crescer e crescer, mas o seu crescimento não é incondicional. Se uma semente não for regada, seu crescimento será retardado. Isto não se verifica apenas com a vida da planta; acontece também com as coisas físicas. Por exemplo, a força da eletricidade é enorme, mas se uma pequenina chave for desligada, a corrente se interrompe. A força da vida espiritual é deveras grande e espontânea, mas seu crescimento será limitado se as condições não forem satisfeitas.

Como pode, então, esta vida expandir-se? Devemos lembrar-nos de que a aceitação da vida e o seu crescimento devem partir do coração. O expandir de nossa vida espiritual depende de quão aberto está nosso coração para Deus. Se o coração estiver aberto a ele, nossa vida se expandirá; se, porém, estiver fechado, não há possibilidade de expansão. Assim, pois, voltamos ao coração. Não podemos dar-nos ao luxo de passar este ponto por alto.

Devemos reconhecer que o coração tem seu deleite e inclinação. Adorar e servir a Deus não é assunto do coração, mas do espírito. Por outro lado, buscar a Deus e amá-lo não é assunto do espírito, mas do coração. O coração pode amar a Deus mas não pode tocá-lo. Pode inclinar-se para Deus mas não pode ter

comunhão com ele. O que pode tocar a Deus e comunicar-se com ele é o espírito.

Alguns pensam que devemos usar o cérebro quando tratamos de coisas relacionadas com Deus do mesmo modo que o usamos para ouvir sons. Em verdade, o ouvir dos sons exige o uso do cérebro, mas também exige o uso dos ouvidos. Se uma pessoa estiver falando e você não tiver ouvidos, poderá acaso entender o significado de tais sons? É com os olhos que vemos as coisas e distinguimos cores tais como vermelho, branco, amarelo, azul. Suponhamos que a pessoa não tenha olhos; pode acaso distinguir as cores? Se ela desejar ver, terá de usar os olhos. Os sons são transmitidos ao cérebro pelos ouvidos. Do mesmo modo, é o espírito que entra em contato com as coisas espirituais.

Se, porém, a pessoa for alguém sem coração, Deus não poderá comunicar-se nem ter comunhão com ela. O coração é como a chave de uma lâmpada elétrica. Se a chave estiver ligada, a luz brilha; se estiver desligada, a luz desaparece. Se o coração estiver aberto a Deus, é fácil para ele ter comunhão e comunicar-se com a pessoa. Se, porém, o coração estiver fechado a ele, ser-lhe-á difícil tal comunhão e comunicação. A vida de Deus em nós é uma realidade; não obstante o coração é a chave ou interruptor dessa vida. A vida de Deus pode fluir de nosso espírito para nossa consciência, mente, vontade ou emoções, mas esse fluxo depende do coração que serve como chave. Com um coração aberto, a vida de Deus alcançará nossas partes interiores; com um coração fechado, a vida dele não poderá chegar a elas.

O Coração Pode Bloquear a Operação da Vida

Depois de regenerados pelo Espírito Santo, possuímos uma vida incriada, a vida de Deus. Esta vida é

cheia de poder, um poder infinito, que o tempo e o espaço não restringem. Mas se o nosso coração é um problema, a vida de Deus é seriamente bloqueada. Se houver algum problema em nossa consciência, em nossa mente ou emoções, ou em nossa vontade, a vida de Deus será obstruída. Sim, a vida de Deus é colocada em nosso espírito, mas ela tem de fluir para todo nosso interior. Ela será bloqueada se qualquer parte do nosso interior apresentar um problema.

É lógico que todo aquele que pela graça pertence ao Senhor tem em si a vida de Deus. Isto é certo e inegável. Também é certo e inegável que esta vida de Deus em nós é viva e operante. Tendo a vida de Deus em nós, devemos experimentar revelação, iluminação, uma voz interior, e uma sensação interior. Mesmo assim, muitos filhos de Deus perguntam por que não têm revelação, iluminação, voz interior e sensação interior. É por que realmente a vida de Deus não está neles? Ou será que a vida de Deus não vive neles? Evidentemente, a resposta é não. É certo e inegável que a vida de Deus está em nós viva e operante. Não temos revelação, iluminação, voz interior e sensação interior porque de nossa parte, o "coração" causa problemas. Ou nossa consciência se torna um problema porque não eliminamos o que ela condena, ou nossa mente está desnorteada por cuidados, maus pensamentos, discussões ou dúvidas. Se não for um problema da vontade tal como nossa teimosia ou desobediência, pode ser um problema emocional, como seja um desejo carnal ou alguma inclinação natural. Uma parte do coração deve ter-se tornado um problema ou impedimento.

A vida de Deus é posta em nós, e esta vida emanará de nosso espírito. Às vezes, porém, não permitimos que ela passe. Devido a um obstáculo levantado pela consciência, mente, vontade ou emoções, a vida de

Deus não pode fluir de nós como algo normal em nossa vida. Estejamos bem certos de que ao expandir-se exteriormente, a vida de Deus deve passar pelas várias partes do coração. Se houver algum problema em qualquer segmento do coração, este bloqueará seu funcionamento.

Temos a prova disto nas palavras de Efésios 4:17-19. "Isto, portanto, digo, e no Senhor testifico, que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade do seus próprios pensamentos [no original: *nous*], obscurecidos de entendimento [no original: *dianoia*], alheios à vida de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza dos seus corações, os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza."

[Nota: a palavra *nous* no versículo 17 é empregada mais de vinte vezes no Novo Testamento. *Nous*—isto é, mente—denota, geralmente falando, a sede da consciência reflexiva, compreendendo as faculdades da percepção e do entendimento, bem como as de sentir, julgar e determinar. Seu emprego pode ser analisado como segue. Denota (a) a faculdade de conhecer, a sede do entendimento: Lucas 24:45; Romanos 1:28 e 14:5; 1 Coríntios 14:15, 19; Efésios 4:17; Filipenses 4:7; Colossenses 2:18; 1 Timóteo 6:5; 2 Timóteo 3:8; Tito 1:15; Apocalipse 13:18 e 17:9; (b) conselhos, propósito: Romanos 11:34—isto é, o propósito da mente de Deus, 12:2; 1 Coríntios 1:10 e 2:16—empregado duas vezes em 2:16 para indicar primeiro os pensamentos e conselhos de Deus e, segundo, os pensamentos e conselhos de Cristo, que são um testemunho de sua divindade—e Efésios 4:23; (c) a nova natureza, que pertence ao crente por virtude do novo nascimento: Romanos 7:23, 25—onde se contrasta com a carne como o princípio do

mal que domina o homem caído.] *Nota do tradutor para o inglês, baseada quase completamente em um artigo da obra "An Expository Dictionary of New Testament Words", por W. E. Vine. A seguir voltamos ao texto de Watchman Nee.*

Nous inclui em seu significado tanto o entendimento como o pensamento. Embora não nos atrevamos a dizer que *nous* seja tudo o que é a mente, não obstante é, sem dúvida alguma, sua parte principal. Por este motivo a palavra é traduzida por "mente". Como seres humanos temos três órgãos de conhecimento. No domínio físico, o cérebro; no domínio do espírito, a intuição; no domínio da alma, o *nous*, que também é controlado pela intuição. Todos nós conhecemos o papel do cérebro. Quanto à intuição, nem sempre sentimos sua presença. Às vezes ela é algo que nos constrange; outras vezes, nos restringe. Esse algo dentro de nós é chamado intuição. *Nous* situa-se entre a intuição e o cérebro, revela o significado da intuição e faz o cérebro pensar. No caso de *nous* ser deficiente, não poderemos expressar nosso significado interior, mesmo que nossa intuição seja forte e nosso cérebro seja bom. Ora, o *nous* do versículo 17 é o órgão do pensamento—assim como o "olho" é o órgão da visão; ao passo que *dianoia*—entendimento—do versículo 18 é uma função deste órgão do pensamento, assim como "ver" pode ser considerada a função do olho.

A vaidade da mente (ou *nous*), já citada na passagem de Efésios 4:17-19, é o que comumente chamamos de construir castelos no ar. É o pensamento vão. A mente de tal pessoa está toda ocupada com um tipo de pensamento vão. Conta-se a história de um homem que foi solicitado a orar ao término do sermão. Enquanto o fazia, não pôde deixar de orar a respeito de suas cinquenta e duas fieiras de dinheiro (naquele tempo, as moedas na China eram amarradas

a cordões). A mente deste homem vivia preocupada com o vão pensamento do dinheiro. Como, pois, podia a vida de Deus ser liberada ao atingir aquela parte interior? Por este exemplo, podemos ver que uma pessoa, coisa ou acontecimento pode vir a ser um tipo de pensamento vão a ocupar nossa mente. Sempre que a mente for usurpada por qualquer pensamento vão, a vida de Deus é sufocada (Mateus 13:22).

Tão-logo a mente do homem seja ocupada pela vaidade, seu entendimento é obscurecido e sua capacidade de compreender se entorpece. Certa vez um jovem cristão viu-se às voltas com determinado problema. Ele ponderou a respeito até ficar com a cabeça zonz. Assim que pensava que fosse a vontade de Deus, concluía que *não* o era. Sua mente girava até que ele ficou completamente perplexo. Isto se deveu ao obscurecimento de sua *dianoia*—seu poder de compreensão foi obscurecido.

Como é que a mente se torna vã, o entendimento obscurecido, e a pessoa alheia à vida de Deus? Isso se deve à ignorância, ao endurecimento de seu coração que rejeita todos os sentimentos. Tudo isso se origina no coração.

Podemos dizer, pois, que se o coração estiver endurecido, a pessoa se alienará da vida de Deus. Ficará mais ignorante e menos capaz de entender. O crescimento da vida será, em consequência, impedido. Podemos concluir daí que a lei da vida opera em nós, esperando fluir através das partes interiores de nosso ser. O seu funcionamento, porém, será bloqueado se houver algum problema nos vários elementos do coração. A fim de permitir que a vida de Deus se expanda livremente, o coração deve estar acima de censura.

*O Amolecimento do Coração Empedernido
e a Questão da Vida*

Ezequiel 36:25-27 fala de, pelo menos, cinco coisas: 1) aspergir-nos com água pura; 2) dar-nos um coração novo; 3) pôr em nós um espírito novo; 4) tirar de nós o coração de pedra e dar-nos um coração de carne, e 5) pôr dentro de nós o Espírito do próprio Deus. O resultado combinado desses cinco elementos leva-nos a andar nos estatutos de Deus, guardar seus juízos e observá-los.

Já falamos do coração novo, do espírito novo e do Espírito Santo habitando em nós. Trataremos agora do modo como Deus nos tira o coração de pedra e nos dá um coração de carne. É preciso entender que a referência a um coração de pedra e a um de carne não significa que tenhamos dois corações; temos somente um. O coração de pedra refere-se à sua dureza, enquanto o coração de carne se refere à sua brandura ou ternura. O coração é ainda um só.

No momento em que somos salvos, Deus nos dá um coração de carne. Mesmo assim, nosso coração de pedra continua existindo. Pode-se dizer que, por um lado, temos um coração de carne, e por outro, um de pedra. A retirada do coração de pedra não é uma operação instantânea; ele é amolecido aos poucos. O progresso da vida de Deus em nós depende inteiramente do grau de amolecimento de nosso coração. Visto que nosso coração de pedra é transformado aos poucos num coração de carne, a vida de Deus é progressivamente capaz de operar sem impedimento.

Com referência a este assunto os filhos de Deus têm muitas experiências semelhantes. No dia em que a pessoa é salva, seu coração endurecido é abrandado, embora não ousemos dizer que o é totalmente. Pode ser que nesse momento o coração seja abrandado setenta por cento. Um pouco mais tarde, porém,

ele começa a endurecer de novo, parecendo voltar ao seu antigo estado. Este endurecimento do coração é um processo gradual. A pessoa pode ser afligida por algum problema, perturbada por alguma pessoa, ou emaranhada por alguma coisa especial ou mesmo magnetizada por algum trabalho. Ela cai devido a essas causas, e seu coração volta a ser o problema.

Daí que o progresso de nossa vida gira inteiramente em torno da transformação do coração—seja ele de pedra ou de carne. Se nosso coração for dominado por algo fora de Deus—seja um negócio, uma pessoa ou uma coisa—o funcionamento da vida, via de regra, estará impedido. Por este motivo Deus transformará nosso coração continuamente até que se torne carne por inteiro. Então o seu Espírito pode fazer que nossa vida interior se expanda com vigor.

Para que a vida de Deus se expanda a partir de nós, é preciso que ele nos toque o coração e abrande sua dureza. Alguns são tocados pelo amor de Deus; outros, alcançados por seu castigo. Em certa ocasião os filhos de Israel se rebelaram tanto contra Deus que ele teve de afligi-los a fim de trazê-los de volta. É possível que uma irmã dedique-se tanto a seu filho, ocupe-se tanto com ele, que Deus pode—após repetidas advertências—ter de levá-lo a fim de que o coração dela volte para Deus. Ou um irmão pode estar tão absorto em seus negócios que depois de adverti-lo dez vezes sem resultado, Deus tem de deixar que seu negócio fracasse. Só então ele voltará o coração para Deus. Ou alguém que serve ao Senhor pode estar tão magnetizado pelo trabalho, enterrando-se nele desde o amanhecer até ao anoitecer, que o coração põe o trabalho no lugar de Deus. Deus fala uma vez, até mesmo dez, mas o indivíduo não ouve. Então Deus o aflige. E quando cai, o coração começa a entender e ele se volta para Deus.

Alguns irmãos e algumas irmãs têm suas honras, especialidades e justiças. Porém essas honras, especialidades e justiças pelas quais velam cuidadosamente, tornam-se motivos de vanglórias e medidas com as quais medem os demais. Essas coisas têm-lhes, literalmente, sufocado o coração. Deus fala uma vez, duas, dez, vinte vezes, mas não lhe dão ouvidos. Finalmente, a mão divina cai sobre eles. Quando isso acontece, caem em si e se prostram perante Deus. Uma vez mais seus corações voltam-se inteiramente para ele.

Deus assim age a fim de transformar os corações de pedra em corações de carne para que sua vida possa funcionar sem impedimento. Se nosso coração for tocado por Deus, naturalmente lhe diremos: "Senhor, consagra-me a ti; quero voltar-me para ti de todo o coração." No momento em que nos prontificamos a deixar que ele opere um nós, ele começa a fazê-lo. À medida que ele opera, veremos, ouviremos e sentiremos alguma coisa dentro de nós. Simplesmente se disponha a obedecer a Deus, e a vida dele se encaminhará para sua consciência, mente, vontade e emoções. Ela continuará a encaminhar-se.

Duas Condições Para a Operação da Vida

A lei da vida procura atuar a partir de nosso espírito para que possa operar através de nossas várias partes interiores. Amiúde, porém, ela não consegue passar; parece estar golpeando uma parede. Assim acontece porque a bloqueamos. A fim de permitir que a vida opere livremente, devemos cumprir duas condições.

Obedecer ao Primeiro Impulso da Vida

Uma das condições é que obedeçamos ao primeiro impulso da vida. É preciso notar que a pessoa não regenerada não tem nenhum sentimento interior. Só

os que nasceram de novo possuem, pelo menos, algo dessa sensação interior.

Certa vez um médico cristão disse a um pastor: "O começo da vida espiritual e o seu crescimento procedem de fome e de sede. Muitos não sentem nem fome nem sede. Como podemos ajudá-los a senti-las?" Respondeu o pastor: "O senhor é médico. Sabe que há vida no homem. A não ser que ele esteja morto, desejará algum alimento. Como, pois, o senhor lhe aumentará o desejo de alimento? Receitando-lhe algum remédio para estimular-lhe o apetite até que o desejo de alimento se normalize. Do mesmo modo, aquele que tem algum sentimento interior deve aprender a obedecer a tal impulso. Se ele obedecer a este pequeno sentimento interior, a fome e a sede aumentarão. Mais obediência resulta em fome e sede mais fortes. À medida que o sentimento interior fica mais forte, a pessoa obedece um pouco mais; e à medida que ela obedece ainda mais, o sentimento interior aumenta. Assim, de imediato ela percebe que está viva interiormente."

Este é o modo de a vida operar em nós. Ela se volta para a parte emocional de nosso coração, fazendo-nos caminhar na direção de Deus. A seguir ela se volta para a parte mental do coração, atraindo-nos para Deus; depois se volta para a parte volitiva, motivando-nos ainda mais para Deus. Por esses ciclos de voltas, nossa vida espiritual aumenta, aprofunda-se e eleva-se. Portanto, precisamos começar *obedecendo ao mínimo sentimento interior*. Devemos aprender a obedecer ao seu pulso, tão logo o sintamos.

Pode alguém perguntar: Que acontece depois da obediência? Ao que respondemos: Antes de a pessoa obedecer ao primeiro sentimento interior é preciso que não se preocupe com o que vem depois. De acordo com a Bíblia, Deus nunca dá a uma pessoa

dois sentimentos ao mesmo tempo. Abraão é um bom exemplo. Quando ele partiu, não sabia para onde ia (Hebreus 11:8). Ele sabia apenas que Deus o chamara para sair de sua terra, do meio de sua parentela, para a terra que o Senhor lhe mostraria (Atos 7:3). Seu primeiro sentimento interior foi sair de Ur dos caldeus. A vida que nos guia nunca nos fará independentes; ela sempre nos leva a confiar naquele que nos dirige.

A experiência de Abraão afirma o fato de que uma pessoa, ao dar o primeiro passo, não sabe qual será o passo seguinte. Abraão simplesmente andou passo por passo, confiando sempre. Deus não só lhe deu fé, mas também incorporou sua vida e natureza em Abraão. Daí que após darmos um passo em obediência, devemos olhar para Deus e entregar-lhe nosso próximo passo. Desse modo ele nos guiará passo por passo. À medida que, pela graça de Deus, aprendemos a segui-lo íntima e progressivamente, teremos sensações em nosso ser interior.

Uma coisa muito preciosa é que se ultrapassarmos os limites fixados por Deus ou se nossa ação estiver em desacordo com a vida interior, imediatamente sentiremos ser “impedidos pelo Espírito Santo” (Atos 16:6), e que o “Espírito de Jesus não o permitiu” (Atos 16:7). Obedecendo à orientação interior em nossas andanças e paradas vez após vez, faremos progresso na vida. Repitamos: devemos obedecer ao primeiro impulso da vida—mesmo os mínimos sentimentos—visto que a obediência é uma condição importante para que a vida opere em nós.

Amar a Deus

A outra condição é amar a Deus: “Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua

força" (Marcos 12:30). A palavra "mente", aqui, é *dianoia* no grego. Segundo a Palavra de Deus, amar a Deus relaciona-se com o funcionamento da vida. De acordo com a experiência de muitos santos, Deus primeiro implanta sua vida neles, depois provoca as emoções de seus corações pelo amor. Se estudarmos o evangelho de João veremos que ele acentua o amor bem como a fé. Ele não somente declara que "quem crê no Filho de Deus tem a vida eterna" (3:36) mas também afirma: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (14:23). *Pela fé recebe-se a vida; pelo amor a vida é liberada.* Só a fé fará que a vida entre em nós; só o amor fará que ela saia de nós.

Devemos, portanto, permitir que este amor penetre o interior de nosso coração, abrindo caminho para as partes emocional, intelectual e volitiva de nosso ser. Elevemos o coração e digamos: "Meu Deus, amar-te-ei de toda a minha alma, amar-te-ei de todo o meu entendimento, amar-te-ei de toda a minha força." Quem quer que diga isto verdadeiramente, logo verá que seu pensamento é mudado, sua linguagem é mudada, sua conduta é transformada—tudo dentro e fora dele se transforma. Por quê? Porque dentro dele existe a "história de amor". O que Deus espera de nós hoje é que nosso coração, alma, entendimento e força sejam tocados por ele. "Quando, porém, algum deles [o coração] se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado" (2 Coríntios 3:16). Quando o coração se converte ao Senhor, virá esclarecimento, voz e sensação interiores.

Portanto, a questão não é saber o que é esclarecimento, ou voz, ou sentimento, mas onde está o coração? Se o coração estiver preso a uma pessoa, ou coisa, ou negócio, ou mesmo dom ou experiência espiritual, ou obra espiritual, nossa vida interior terá

seu crescimento impedido e não poderá fluir para fora porque ela não pode atravessar o coração. Por isso devemos *dar nosso coração ao Senhor!* O coração deve estar preso a ele. Se nosso coração estiver realmente voltado para Deus, teremos esclarecimento, voz interior e sensação interior. Como, pois, conheceremos a vontade de Deus? Não será primeiro pelo intelecto, mas pelo coração voltado para Deus. Nossa oração deve ser: "Senhor, só desejo a ti e nada mais." Se isto se verificar, conheceremos facilmente a vontade de Deus.

Romanos 12:1-2 confirma este fato. Paulo começa, dizendo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus." Isto significa tocar as emoções do coração. Depois ele diz: "que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo". Este é um ato da vontade. Finalmente ele diz: "mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus." Isto significa que nossa mente deve entender a vontade de Deus. Vemos, assim, como a vida interior do homem pode chegar à emoção, à vontade e à mente do coração. Deste modo a vida se expande e difunde. Quando o coração se volta inteiramente para Deus, ele nos dá sensação interior, nos guia e nos sustenta, de sorte que possamos ter força interior para obedecer-lhe. Desse modo se transforma o nosso estado interior bem como o exterior. Se desejamos que a vida cresça e se expanda, devemos amar ao Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de todo o nosso entendimento, e de toda a nossa força!

Dois Efeitos da Operação da Vida

Se permitirmos que a vida de Deus opere em nós mediante a obediência, o resultado natural será

crescimento e expansão. Deixando que esta vida funcione incessantemente em nós—em nossa consciência, nossa mente, nossa vontade e nossa emoção—ela removerá todas as coisas indesejáveis e depositará em nós o que vem de Deus. Este processo de subtrair um pouco e adicionar um pouco prossegue em nós de modo contínuo. Quanto maior a subtração, tanto maior a adição. Subtrai-se Adão; adiciona-se Cristo. O que é subtraído é o velho; o que é adicionado é o novo. O que é subtraído é o morto; o que é adicionado é o vivo. Passando por subtração e adição, pouco a pouco, nossa vida cresce.

Quando a vida de Deus opera em nós, há dois efeitos: um, o da morte; o outro, o da ressurreição. O efeito da morte desfaz a enfermidade; o da ressurreição restaura a saúde. O primeiro elemento da cruz do Senhor é a morte; o segundo é a ressurreição. Romanos 6 diz que esses dois são os mais fortes e os mais eficazes elementos da vida de Cristo. Ora, que é a cruz? Ela é isto: quando nosso coração é tocado por Deus, nos entregamos nas mãos dele a fim de que a sua vida possa operar em nós. E quando ela opera, há um elemento que nos leva à morte, retirando tudo quanto é indesejado—a rebelião contra Deus, tudo o que é contrário à vida, e ao Espírito Santo. Entrementes, há também um elemento vivo, que nos faz viver, cujo efeito capacita-nos a usufruir todas as riquezas da Divindade, enchendo-nos de luz, de alegria e de paz.

É assim que tanto a morte como a vida de Cristo operam em nós para livrar-nos do pecado—livrar-nos de tudo quanto Deus odeia e condena—e ao mesmo tempo dar-nos vigor, luz, alegria e paz. À medida que sai o subtraído, entra o adicionado. A vida de Deus operará e revirárá até que, de pouco em pouco, algo é removido e algo é deixado. À medida que a vida de

Deus opera a pessoa morre um pouco e também vive um pouco. A vida opera sem cessar, tirando mais do que é indesejado e deixando ficar mais do que é desejado. Quanto mais retira o que está morto, tanto mais aumenta o que está vivo. Que possamos seguir a operação da vida de Deus, permitindo que ela atravesse todas as partes do nosso interior e funcione sem obstáculo de sorte que sempre tenha algo que subtrair e algo que adicionar.

O Poder de Operação da Vida

“Se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para a segunda” (Hebreus 8:7). Já mencionamos que a falha da primeira aliança reside não na aliança em si mesma; antes, aponta para o que a primeira aliança, escrita sobre tábuas de pedra, estipulando artigo por artigo, não podia realizar nos homens. Ela exigia que as pessoas guardassem a lei de Deus, mas não lhes dava poder para tanto. A Nova Aliança é superior, porque a lei é impressa na mente das pessoas e inscrita sobre seus corações para que obedeçam à vontade de Deus. Além do mais, não precisam de outros que as ensinem porque conhecerão a Deus intimamente.

Portanto, declaramos que a Nova Aliança é muitíssimo preciosa e sobremaneira gloriosa. Todavia, conforme já ressaltamos, desde que as leis são postas na mente dos homens, a vida de Deus será bloqueada e não poderá expandir-se se não puder atravessar os componentes da mente humana.

Então a Nova Aliança está sujeita à mesma fraqueza que a primeira? De maneira nenhuma. A Nova Aliança pode realizar o que a primeira não podia: “Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus” (Lucas 18:27). A Nova Aliança tem poder, porque a

operação desta vida é sumamente poderosa. Ela tem "o poder de vida indissolúvel" (Hebreus 7:16). Ela é a força do poder que ressuscitou a Cristo dentre os mortos (Efésios 1:19, 20). É também o poder que opera em nós com infinita abundância acima de tudo o que pedimos ou pensamos (Efésios 3:20). Passemos à explicação deste ponto.

Convertendo o Coração a Deus

Diz 2 Coríntios 3:14-16 como a mente dos filhos de Israel foi embotada de sorte que até agora, na leitura da Antiga Aliança, o mesmo véu permanece sobre seus corações. Mas também diz que quando algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado. Daí ser esse véu o coração endurecido deles para com o Senhor. Aquele cujo coração se torna um problema, também tem um véu em seu interior.

Como, pois, nosso coração se converte ao Senhor? A Palavra de Deus declara que "Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina" (Provérbios 21:1). Se estivermos dispostos a colocar nosso coração nas mãos de Deus, ele pode converter-nos. Se fizermos a oração seguinte: "Inclina-me o coração aos teus testemunhos, e não à cobiça" (Salmo 119:36)—Deus realizará a mudança de nosso coração.

Quando uma pessoa é verdadeiramente salva, seu coração é renovado. Mesmo que venha a esfriar-se e desviar-se, no íntimo ela sabe o que aconteceu. Deus tem compaixão dela, e a vida dele opera nessa pessoa, até que um dia ela ore em voz audível ou em silêncio: "Senhor, inclina-me o coração para ti!" Dada esta pequena base, a vida de Deus opera ainda mais, intensifica mesmo, até que seu coração se levante e se volte para Deus.

Levando o Homem a Obedecer a Deus

"Como sempre obedecestes. . .porém muito mais agora" (Filipenses 2:12). Como podem obedecer a tal ponto? Porque "Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Com quanta freqüência não queremos obedecer a Deus ademais de *não o obedecermos*. Quando a pessoa é verdadeiramente salva, seu coração é tocado. Muito embora tenha recuado um pouco, e seu coração se tenha endurecido, ainda está cônica, no íntimo, do que aconteceu. Na misericórdia divina para com ela, a vida de Deus continua a operar no seu interior até que um dia o coração sente o desejo de obedecer a Deus. Então desejará obedecer e poderá fazê-lo. Isto não é outra coisa senão a vida de Deus operando na emoção e na vontade do coração. Ela continua a operar até que a pessoa chegue à obediência.

Havia uma irmã cuja consciência vivia sob tal acusação que ela se julgava incapaz de desejar a vontade de Deus nem jamais obedecer a ele. Sua angústia era tanta que era como se só estivesse aguardando ouvir sua sentença de Morte. Nesses momentos difíceis, porém, ela orou no íntimo. Sus-surrou a Deus: "Ó Deus, embora eu não consiga desejar a tua vontade, rogo-te que me dês esta obediência." De uma forma estranha, a palavra de Filipenses 2:13 sustentou-a naquele dia. Agora ela começava a entender que se Deus não tivesse trabalhado em seu coração, ela não poderia ter feito tal oração. Visto que Deus operou nela para orar nesses termos, certamente ele a levou a querer e realizar sua boa vontade. Ele a capacitara a obedecer à sua vontade porque tal é o propósito de sua operação. Ela o sentiu, levantou-se, e encheu-se de alegria.

*Realizando as Boas Obras que Deus Preparou
de Antemão*

“Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Efésios 2:10). Esta obra é realizada pessoalmente por Deus em Cristo Jesus. Pode ser chamada de “obra-prima de Deus”. Que é uma obra-prima? É a melhor produção, a que excede todas as demais. Deus salva as pessoas para criá-las de novo em Cristo Jesus, para o melhor. Esta é a operação do poder da vida em nós. Esta é a característica da Nova Aliança.

Cria-nos Deus em Cristo Jesus para que estejamos satisfeitos com nós mesmos? Não. Ele nos cria em Cristo Jesus “para boas obras”. Que são boas obras? Obras “que Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”. Quão alto é o padrão! As boas obras que Deus de antemão preparou para nós devem ser deveras “boas” aos seus olhos.

Ora, Deus só reconhecerá como bom aquilo que se origina do “amor” (veja Mateus 19:17). “E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1 Coríntios 13:3). As boas obras emanadas do amor são diferentes do tipo comum. Elas são o bem que flui da vida de amor, o bem feito em amor. Isso só pode ser realizado pela vida de Deus.

Graças a Deus por salvar-nos, por colocar em nós sua vida, por cujo poder ele pode realizar esta obra-prima de criar-nos em Cristo Jesus para as boas obras que de antemão preparou para que andássemos nelas. Este é o evangelho. Nisto também consiste a glória da Nova Aliança.

Lutando de Acordo Com a Sua Operação

“Sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã”, declarou o apóstolo Paulo. Como assim? Porque ele trabalhou muito mais do que todos os demais apóstolos. “Todavia”, apressou-se ele a acrescentar, “não eu, mas a graça de Deus comigo” (1 Coríntios 15:10). Ele trabalhou muito mais, não porque fosse mais saudável do que os outros, não porque fosse mais diligente do que todos eles, mas por causa da graça de Deus que estava com ele.

Paulo também escreveu: “O qual [Cristo] nós anunciamos, advertindo a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.” Mas como poderia ele realizar essa obra? Imediatamente ele explica: “Esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim” (Colossenses 1:28, 29). A palavra “eficientemente” pode também ser traduzida por “com poder explosivo”. Em outras palavras, o que Deus realizava em Paulo era poder explosivo, daí que aquilo que provinha de Paulo era igualmente poder explosivo. O apóstolo trabalhava não pela força de sua alma mas mediante este divino poder explosivo. Este poder explodia dentro dele de modo incessante, levando-o a esforçar-se por apresentar todo homem perfeito em Cristo. Este poder explosivo é a força operante da vida de Deus. É este poder da vida que nos capacita a trabalhar muito mais e esse “esforçar-se” são demonstrações da graça e do poder da vida interior.

Com isso vemos que Deus não nos concede graça para que nos tornemos admiradores espirituais ou criadores de divertimento espiritual, mas com o propósito de capacitar-nos a trabalhar muito mais e a esforçar-nos o mais possível. Se alguém se professa servo do Senhor e ainda se deleita no amor-próprio—

sendo preguiçoso e não querendo trabalhar—ele não só é indolente mas também mau (Mateus 25:26). Tal servo é condenado pelo Senhor. Portanto, não conversemos inutilmente sobre doutrina; antes, olhem para Deus, vivamos sua graça e demonstremos seu poder.

Servindo em Novidade de Espírito

Com respeito à forma como esta vida interior nos induz a servir amorosamente e com frescor, devemos notar três passagens bíblicas.

“Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Coríntios 3:5-6).

“Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra” (Romanos 7:6).

“Porque não é. . . quem o é apenas exteriormente. . . Porém. . . aquele que o é interiormente” (Romanos 2:28, 29).

Lendo essas três passagens, podemos perceber de imediato a grande diferença entre o serviço da Nova Aliança e o da Antiga. O da Antiga Aliança é da letra, enquanto o da Nova é do espírito. O primeiro é velho, o último é novo. Um mata, o outro vivifica. Em outras palavras, o serviço da Antiga Aliança é feito segundo os artigos da letra e é realizado como rotina, ao passo que o serviço da Nova Aliança é executado segundo o espírito—isto é, agimos, falamos e oramos conforme o Espírito em nós ordena. Podemos concluir, pois, que o serviço da Antiga Aliança é exterior, enquanto o da Nova é interior. O serviço da Antiga

Aliança, na letra, resulta em matar a vida, mas o da Nova, no espírito, dá vida.

Dizendo-o em outras palavras, o ministério da letra é morte, enquanto o ministério da vida de Cristo é vida. O primeiro é velho, o segundo é novo. Um é da letra; o outro, do espírito. Em resumo, tudo o que for feito exteriormente, na caducidade da letra, é serviço da Antiga Aliança; só o que é executado interiormente em novidade de espírito, é serviço da Nova. Tudo o que vem do exterior—cópia ou imitação—não pertence ao serviço da Nova Aliança, que está intimamente relacionado com Cristo e é resultado da operação interior da vida. O serviço da Nova Aliança é espiritual, apocalíptico, novo; pois é “dele [Deus] e por meio dele e para ele” (Romanos 11:36). A força do serviço é dele, o desempenho do serviço é por meio dele, e o resultado do serviço é para ele. Isso é servir em espírito e em vida. Esse é o serviço da Nova Aliança.

“Não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança. . .” (2 Coríntios 3:5, 6a). Deus é que assim opera em Paulo e nos outros habilitando-os a serem ministros da Nova Aliança.

Paulo continua alhures, dizendo: “Do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus, a mim concedida, segundo a *força operante do seu poder*” (Efésios 3:7). Paulo diz-nos com muita clareza que ele se torna ministro do evangelho conforme o dom da graça de Deus. Este dom não é línguas, visões, milagres e maravilhas, ou cura e expulsão de demônios (embora, indiscutivelmente, Paulo tenha todos esses dons; veja 1 Coríntios 14:18; Atos 13:9-10; 14:8-10; 16:9, 16-18; 18:9); nem é ostenta-

ção de linguagem nem de sabedoria (1 Coríntios 2:1). Não se trata de um dom que desce subitamente do céu, porém é dado por Deus "segundo a força operante do seu poder". Não é um dom miraculoso, mas um dom *da graça* concedido mediante a força operante do poder de Deus nele. Esse dom habilita-o a "pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo, e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos oculto em Deus, que criou todas as coisas" (Efésios 3:8, 9). Quão grande é este dom!

**"Ser Cristo Formado" e "Transformados"
e "Semelhantes a Ele"**

Quando a lei da vida opera livremente em nós, a vida aumenta até ao ponto de ser Cristo formado em nosso interior (Gálatas 4:19). Na proporção em que Cristo vai sendo formado em nós, vamos também sendo transformados cada vez mais (2 Coríntios 3:18); e o alvo da transformação é que sejamos semelhantes a ele (1 João 3:2). Cristo formado em nós é inseparável da operação da vida de Deus em nós. Na mesma medida em que a vida de Deus opera em nós, Cristo está sendo formado em nosso interior e nessa medida está a soma de nossa transformação. Quando nosso interior se enche da vida de Cristo, nosso exterior pode vivê-lo e manifestá-lo. É isto que diz Romanos 8:29: "para serem conformes à imagem de seu Filho." Esta é ao mesmo tempo a busca e a experiência de Paulo (Filipenses 3:10; 1:20). Deveria ser a vocação bem como a experiência prática de todos os filhos de Deus hoje. Para que sejamos inteiramente semelhantes a ele teremos, é claro, de esperar até que ele se manifeste (1 João 3:2), isto é, no dia da "redenção do nosso corpo" (Efésios 1:14; 4:30; especialmente Romanos 8:23).

Ser Cristo Formado

Que se quer dizer por “ser Cristo formado” em nós? Usemos uma ilustração simples. Num ovo de galinha existe a vida de uma galinha. Durante os primeiros dias da chocagem, se examinarmos o ovo com um fluoroscópio, não poderemos distinguir que parte é a cabeça e que parte é a perna. Mas esperemos até que os dias do choco estejam quase completos e o pintinho quase pronto para picar a casca. Se o examinarmos de novo com o fluoroscópio, veremos a forma completa da galinha dentro da casca. Pode-se dizer que “a galinha está sendo formada no ovo”.

Em comparação podemos dizer, pois, que a vida de Cristo no crente novo ainda não está formada, ao passo que está no cristão amadurecido. A vida de Cristo em si mesma é perfeita, mas ao ser sujeita à nossa limitação ela pode não formar-se em nós. Paulo de novo sofria “dores de parto” pelos crentes gálatas “até ser Cristo formado” neles (Gálatas 4:19). Disto podemos entender quão importante é o assunto da formação. Paulo não estava empregando aqui palavras vazias, nem expressava tristeza por si próprio. Não, mas de novo sofria “dores de parto” por eles. Isto demanda tempo, amor, intercessão, lágrimas e expectação diária.

Quantos dos filhos de Deus hoje têm Cristo formado neles? Quantos dos que servem ao Senhor estão de tal modo interessados na condição espiritual dos filhos de Deus que passam por este tipo de “dor de parto” espiritual? É aqui que precisamos de arrependê-nos, de gemer, e de derramar lágrimas por nossa condição anormal e pela falta de amor para com os filhos de Deus. Como a condição espiritual de alguns de seus filhos é tão infantil, tão anormal, atrasada mesmo! Caberá a eles toda a responsabilidade? Como podemos viver descansadamente, como se tudo cor-

resse bem? Temos gemido e orado por eles? Ó Deus, perdoa-nos, tem compaixão de nós! Dá-nos mais dias para aprender e experimentar; dá-nos também tempo para de novo sofrer as dores de parto pelos crentes que possam ser semelhantes aos gálatas.

“Transformados”

Romanos 12:1-2 diz que para sermos transformados precisamos, em primeiro lugar, apresentar nossos corpos e depois renovar nossas mentes. A apresentação do corpo pode realizar-se de uma vez, mas a transformação da mente é um processo gradual. Para o momento vamos concentrar-nos na relação entre a mente (*nous*) e a transformação.

“Transformai-vos pela renovação da vossa mente” e “vos renoveis no espírito do vosso entendimento” (Romanos 12:2; Efésios 4:23). Esses dois versículos falam da relação que há entre a renovação da mente e a transformação. A obra do Espírito Santo sempre começa no centro e vai para a periferia. Estando o espírito em conexão especial com a mente, deve ser renovado antes dela; então nossa conduta se transformará de modo gradual. “Arrependimento” é uma “mudança da mente”, é a abertura do olho. Mas “a renovação da mente” é a iluminação do olho. Quanto maior a renovação da mente, tanto maior a transformação. Dia a dia, através da luz da vida, Deus nos faz conhecer mais e negar mais de nós mesmos, e também aprender mais da realidade da vida interior. Assim podemos, experimentalmente, despir-nos da antiga maneira do velho homem e vestir-nos da conduta do novo. (Estamos aqui tratando do aspecto subjetivo da experiência. Há também o lado objetivo da verdade, com referência ao qual o cristão já se despiu do velho homem com sua maneira corrompida e se revestiu do novo. Todas essas são realidades

cumpridas em Cristo. Segundo o original grego, o “despojeis” do versículo 22 de Efésios 4 deveria ser “tendo-vos despojado”, e o “revistais” do versículo 24 deveria ser “tendo-vos revestido”. Veja também Colossenses 3:9, 10.) Devemos compreender que a transformação difere da regeneração, em que esta se efetua instantaneamente enquanto aquela é um processo que requer mudanças graduais e diárias.

Qual é o grau de nossa transformação hoje? Como vai o estado de nossa condição transformadora? Se somos agora os mesmos que éramos quando nos tornamos cristãos—ainda cheios de autocomiseração e amor-próprio, de egoísmo e interesses próprios, de orgulho e auto-importância, de dúvidas e cuidados—então é muitíssimo duvidoso que já tenhamos conhecido a luz de Deus. No caso de nos haveremos tornado mais frios e mais duros, mais orgulhosos e mais satisfeitos com nós mesmos, cada vez mais irrefletidos e independentes, isso se deve à enfermidade do coração ou da mente. Devemos humilhar-nos e começar a tratar primeiro do coração. Precisamos pedir ao Senhor que seja misericordioso conosco, que nos ilumine e nos dê força para eliminar todos os pecados e o ego que estejam impedindo a operação da lei da vida.

O Espírito Santo diz: “Hoje se *ouvirdeis a sua voz; não endureçais os vossos corações*” (Hebreus 3:7b, 8a). Que o Senhor seja gracioso conosco, fazendo que o nosso coração seja abrandado diante dele. Entrementes, cremos com sinceridade na palavra de Filipenses 2:13: “Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade.” Esta é a característica e a glória da Nova Aliança. Louvado seja Deus!

“Transformados” e “Conformados”

Em Romanos 8:29 e Filipenses 3:10 encontramos a mesma palavra grega traduzida por “conformar”. (Convém notar que esta palavra, no original grego, é usada três vezes no Novo Testamento: Em Romanos 8:29 e Filipenses 3:21 a palavra é um adjetivo, enquanto em Filipenses 3:10 é verbo.) Qual a diferença entre transformado e conformado? Transformado fala do processo, ao passo que conformado fala do resultado. Transformado refere-se ao desenvolvimento gradual da vida do Senhor em nós até chegarmos, finalmente, à mesma forma de nosso Senhor. Conformado significa transformar-se de tal modo que se assemelhe ao Senhor. Ser da mesma forma significa simplesmente ser despejado no mesmo molde. Um caldeireiro despeja o cobre líquido num molde, e assim o cobre despejado toma a forma do molde. Ou tomemos o exemplo de um confeitiro, que coloca a massa preparada em molde, resultando num bolo com a forma do molde. Temos de ser semelhantes ao Senhor nessa exata medida! A medida de sermos “conformes à imagem de seu Filho”, como diz Paulo em Romanos 8:29. Significa que devemos ser semelhantes ao Senhor em sua humanidade glorificada. Se o homem deve ser realmente transformado segundo o padrão estabelecido por Deus, é preciso que ele sofra uma transformação interior; isto é, ele deve ter a vida de Deus vindo ao seu espírito e deve permitir que lhe permeie todo o ser até que, pela mudança de natureza ele chegue à total transformação da imagem. O Espírito do Senhor trabalha passo por passo; é “de glória em glória” (2 Coríntios 3:17, 18). Louvado seja o Senhor!

A esta altura voltamos ao assunto do “coração”. “E todos nós com o rosto devendado, contemplando, como por espelho, a glória, na sua própria imagem,

como pelo Senhor, o Espírito" (2 Coríntios 3:18). Aqui temos uma metáfora do espelho. Sabemos que um espelho só pode refletir o que está na sua frente; isto é, o espelho reflete o objeto que lhe está diretamente oposto. Nós também refletimos a mesma medida de Cristo a quem vemos diariamente em nossa vida. "Com o rosto desvendado" diz simplesmente que não há véu sobre nosso rosto, de modo que podemos ver a Cristo de modo completo. Ao contrário, porém, se *houver* um véu sobre nosso rosto, então deixamos de ver a Cristo ou vemos apenas em parte. Mediante leitura cuidadosa de 2 Coríntios 3:12-16 percebemos que o véu é produzido por um coração que não deseja ver o Senhor.

Em tempos passados, o rosto de Moisés brilhava ao falar Deus com ele. Os filhos de Israel tinham medo da luz do rosto de Moisés e não ousavam aproximar-se dele. Por isso, toda vez que ele comparecia diante de Deus, tirava o véu, mas quando se apresentava ao povo, punha-o de volta (Êxodo 34:29-35). Assim, pois, o véu no rosto de Moisés revelava que o coração dos filhos de Israel estava longe de Deus. E este princípio tem governado os filhos de Israel daí por diante: "Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles" (2 Coríntios 3:15). Eles têm medo da luz; não a desejam. Por isso não podem entender o Antigo Testamento.

Não obstante, o versículo 16 declara com toda a clareza que "quando, porém, *algum deles [o coração] se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado*". Aqui está o segredo de ver ou não o Senhor claramente. Se nosso coração estiver voltado para outras coisas, naturalmente ele estará coberto como que por um véu. Viveremos como se estivéssemos sob uma luz fraquinha, e refletiremos apenas um Cristo incompleto. O espelho—isto é, o coração—é o problema. Por conse-

guinte, sempre que pareça haver uma separação ou véu entre nós e o Senhor, nosso coração precisa de novo de "converter-se ao Senhor". Quando o coração se converter a ele, veremos com clareza e nosso reflexo será, do mesmo modo, claro.

"Semelhantes a Ele"

Já dissemos que o alvo da transformação é sermos "semelhantes a ele". A completa semelhança a ele virá no tempo de sua manifestação. Então é chegada "a redenção do nosso corpo". Em face disto, devemos mencionar também algo acerca da redenção do corpo. Na queda de Adão, o espírito do homem morre primeiro; depois fica sob o controle da alma e se torna carnal; finalmente, seu corpo também morre (Gênesis 5:5 e Romanos 8:10, 11). A morte espalha-se do espírito para a alma. No momento da regeneração, primeiro o espírito do homem é vivificado, depois o Espírito Santo desfaz os atos do corpo pela obra da cruz (Romanos 8:13 e Colossenses 3:5). O Espírito Santo faz-nos negar-nos a nós mesmos diariamente (Lucas 9:23). Pela operação da vida interior podemos experimentar maior transformação diária, tanto no caráter como na imagem; e desse modo seremos semelhantes ao Filho de Deus. Um dia, "quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é" (João 3:2). Este é o dia que Paulo aguarda: o dia da "redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23). Isto também é confirmado pelo versículo que diz que o Senhor Jesus Cristo "transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Filipenses 3:21).

Desses versículos podemos concluir que a salvação de Deus começa com a vivificação do espírito e

termina com a redenção do corpo. O “vivereis” de Romanos 8:13 refere-se a nosso viver diário no corpo. A Bíblia diz que a “ressurreição” e a “transformação” são um mistério (1 Coríntios 1:51, 52). “A redenção do corpo” é sermos “iguais ao corpo da sua glória”. Isto é, deveras, glorioso, imensurável! O apóstolo João acreditava que um dia isto se realizaria. Daí ele anunciar: “Quando ele se manifestar, seremos *semelhantes a ele*, porque havemos de vê-lo como ele é” (1 João 3:2). Esta é a característica e a glória da Nova Aliança! Portanto, não permitamos que nossa fé se converta em algo nebuloso e sem entusiasmo.

“A Si Mesmo Se Purifica”

Conquanto “a redenção do corpo” seja uma graça de Deus, o apóstolo João imediatamente após dizer que “seremos semelhantes a ele, porque havemos de vê-lo como ele é”, acrescenta: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro” (1 João 3:3). A que se refere esta esperança? Refere-se a “semelhantes a ele” do versículo anterior. Que quer dizer “purifica”? Há diferença entre purificar e limpar. Limpeza significa depuração, isto é, não ter mácula, enquanto purificação significa não só estar imaculado mas também sem mistura. Como purificamos a nós mesmos? Pela luz da vida (João 1:4). É pela iluminação interior que chegamos a conhecer nossa verdadeira condição (Salmo 36:9), habilitando-nos a livrar-nos de tudo quanto desagrada a Deus. Nós, que somos feitos participantes da natureza de Deus, devemos—de acordo com o sentido interior que a natureza da vida de Deus produz em nós—acabar com os pecados, com o ego, e com tudo quanto não é da vontade de Deus. A isto se chama purificar-nos a nós mesmos. Mas há uma purificação ainda mais profunda, acerca

da qual escreveu alguém muito instruído no Senhor:

Existe um perigo espiritual para os que experimentaram vitória e para os crentes cujas obras são eficazes, e para aqueles que têm dons espirituais e as justiças da vida. . . Uma purificação mais profunda vem da revelação de Deus de que até as coisas que procedem da vida de ressurreição de Cristo não devem ser retidas. Pois a vida cresce pelo funcionamento do metabolismo. . . Na verdade, tudo o que realmente procede da vida de ressurreição nunca morrerá, porque é eternamente novo. Não obstante, isso tudo deve ser guardado no vigor do Espírito Santo, e não apenas memorizado. O que procede da vida de ressurreição não só não passará mas também será eternamente registrado nessa pessoa, fica unido com ela e passa a fazer parte de sua vida. Toda vez que for usado no Espírito Santo, permanecerá fresco e vivo, exatamente como foi visto pela primeira vez.

Talvez não compreendamos essas palavras de imediato, mas encontramos uma resposta pronta em nosso interior. Temos nós tal esperança? Se a resposta for afirmativa, devemos lembrar-nos da palavra do apóstolo João, de que "a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança". Devemos levantar-nos e andar segundo a iluminação do Espírito Santo.

Deus é Deus Na Lei da Vida

A vida de Deus opera em nós de maneira constante na direção de um objetivo imenso. "Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo" (Hebreus 8:10c). Estas palavras revelam o coração de Deus. Desvendam o propósito de Deus de eternidade a eternidade. Deus deve ser nosso Deus na lei da vida, e nós o seu

povo nessa mesma lei. Esta é uma realidade tremenda. Vejamos seu significado através de diversas passagens bíblicas.

O Propósito Eterno de Deus

Que é que Deus procura no universo? No capítulo 2 do Gênesis aprendemos que depois de Deus criar o homem, ele meramente sugeriu que o homem exercitasse seu livre-arbítrio para escolher a vida divina. Este texto não declara abertamente o que Deus desejava conseguir no universo. Noutra passagem, Gênesis 3, vemos que o homem caiu no pecado. Este texto, porém, não revela o que o diabo desejava furtar. As coisas permaneceram veladas até ao dia em que Deus, depois de haver conduzido os filhos de Israel para fora do Egito ao monte Sinai, mediante os Dez Mandamentos começou a desvendar o desejo de seu coração; até ao dia em que nosso Senhor Jesus foi tentado no deserto, quando afinal foi revelado o que o diabo almejava furtar. Até ao dia em que o Senhor Jesus ensinou os discípulos a orar, e desvendou com clareza a mente de Deus. Examinemos mais de perto essas revelações.

O primeiro dos Dez Mandamentos diz: "Não terás outros deuses diante de mim." O segundo mandamento é: "Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso. . ." O terceiro mandamento é: "Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão. . ." E o quarto mandamento diz: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar" (Êxodo 20:3-8). Esses quatro mandamentos revelam o desejo do coração de Deus. Eles expõem a exigência formal de Deus aos homens. Dizem em minúcia o

propósito divino da redenção bem como da criação. Ninguém mais do que *Deus deseja ser Deus*. Deus é Deus, e ele quer ser Deus entre os homens.

Há, também, uma importante revelação no Novo Testamento. Ocorreu quando o Senhor Jesus foi tentado no deserto. Ela é o contrário da revelação de Deus no monte Sinai. Embora os livros de Ezequiel e de Isaías relatem que um querubim, a quem Deus criou, foi julgado e se tornou o diabo devido ao seu desejo de exaltar-se e ser igual a Deus, e desse modo rebelou-se contra ele (Ezequiel 28:12-19; Isaías 14:12-15), não obstante o diabo nunca se abriu tanto com referência à sua ambição de roubar o lugar de Deus conforme está narrado nos Evangelhos. A suprema exigência do diabo em tentar o Senhor foi: "Se, prostrado, me adorares." Sem nenhuma consideração, nosso Senhor o repreendeu, dizendo: "Retira-te, Satanás"! Nosso Senhor também declarou solenemente: "Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto" (Mateus 4:9, 10). *Somente Deus é Deus!*

A oração que o Senhor ensinou aos discípulos, registrada no Novo Testamento, é também uma grande revelação. Essa oração desvenda o desejo do coração de Deus, que é: *Deus deseja ser Deus*: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome" (Mateus 6:9). Somente o próprio Deus pode usar seu nome no céu, mas na terra algumas pessoas usam o nome dele em vão. Deus parece ocultar-se como se não existisse. Mas um dia nosso Senhor instruiu seus discípulos a orar, dizendo: "Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome". Ele nos instrui a orar desta forma, de sorte que possamos declarar que ele é Deus—ele somente—e ninguém mais. Devíamos ser como o salmista do passado, que proclamou: "Gloriai-vos no seu santo nome" (105:3a). Também devíamos declarar: "Ó Senhor, Senhor nos-

so, quão magnífico em toda a terra é o teu nome" (Salmo 8:1a). Ó nosso Deus, "Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor" (Mateus 21:16b).

*Deus Deseja Habitar Entre Israel
e Ser Seu Deus*

Deus é Deus! Não obstante, a maravilha é: ele se deleita em habitar entre os homens. Quando Deus ordenou a Moisés que lhe edificasse um santuário, ele declarou explicitamente o motivo: "para que eu possa habitar no meio deles" (Êxodo 25:8b). E mais: "E habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei o seu Deus. E saberão que eu sou o Senhor seu Deus, que os tirou da terra do Egito, para habitar no meio deles; eu sou o Senhor seu Deus" (Êxodo 29:45-46). Ele instruiu Moisés a dizer aos filhos de Israel: "Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para vos dar a terra de Canaã, e para ser o vosso Deus" (Levítico 25:38). Mais tarde ele ainda desvendou o desejo de seu coração: "Andarei entre vós, e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo" (Levítico 26:12). Deus é Deus! Isto é notável! Não obstante, ele vem habitar entre os homens para ser o seu Deus!

*O Verbo se Fez Carne e Habitou
Entre os Homens Para Revelar a Deus*

"O Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (João 1:14a). "O que era desde o princípio" —o Verbo da vida—tornou-se "o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam" (1 João 1:1). "Ninguém jamais viu a Deus" mas "o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou" (João 1:18). Este é "Emanuel (que quer dizer: Deus conosco)" (Mateus 1:23b).

Deus Habita na Igreja Para Ser Deus

Quando a Igreja é estabelecida, sendo “edificada casa espiritual” (1 Pedro 2:5), ela se torna “habitação de Deus no Espírito” (Efésios 2:22). Isto é, deveras, muitíssimo misterioso e glorioso. Quando o Verbo se fez carne e habitou entre os homens, ele foi restringido pelo tempo e espaço; mas quando Deus no Espírito vem habitar na Igreja, nem tempo nem espaço podem limitar sua presença com ela. Aleluia!

*Deus Será Deus da Casa de Israel
na Era do Reino*

A despeito de terem os filhos de Israel abandonado a Deus no período do Antigo Testamento, no futuro ele estabelecerá uma nova aliança com eles. Depois daqueles dias, ele imprimirá suas leis nas suas mentes e as inscreverá sobre os seus corações para que possa ser seu Deus (Hebreus 8:10).

*Deus Habitará Entre os Homens Como
Deus na Eternidade Vindoura*

Virá o dia em que “o tabernáculo de Deus [estará] com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles” (Apocalipse 21:3). Isto é realmente bom demais! E Deus “lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram (Apocalipse 21:4). Deus e os homens, os homens e Deus jamais se separarão! Aleluia!

Deus Como Pai e Deus Como Deus

No dia de sua ressurreição o Senhor Jesus disse a Maria Madalena: “Vai ter com os meus irmãos, e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus” (João 20:17b). Isto nos diz que temos tanto um Deus como um Pai. Qual, pois, é a

diferença entre Deus como Pai e Deus como Deus? A Bíblia mostra que Deus como Pai significa seu relacionamento conosco de forma individual, enquanto Deus como Deus denota seu relacionamento com o universo inteiro. Falar dele como Deus aponta para sua criação—isto é, ele é o Senhor dela.

Conhecer a Deus como Pai leva-nos a lançar-nos em seu seio, ao passo que conhecê-lo como Deus induz-nos a prostrar-nos em terra e adorá-lo. Somos filhos de Deus, que vivemos em seu amor e felizes desfrutamos tudo quanto ele nos concedeu. Somos povo de Deus, que tomamos nosso lugar como indivíduos que o adoram e louvam. Conhecendo-o como Deus, adoramos “o Senhor na beleza da santidade” (Salmo 29:2b)! Exatamente como o salmista canta: “e me prostrarei . . . no teu temor” (5:7b). Se alguém conhece a Deus como Deus, como se atreve a não temê-lo em tudo? Não se atreverá a ser descuidado com suas roupas, sua conduta. Todos os que cedem ao pecado—mostrando-se negligentes e frouxos, presunçosos e arrogantes—não conhecem a Deus como Deus.

Devemos entender que “não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hebreus 4:13). Portanto, “não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha” (Efésios 5:11, 12). Convém saber que tudo o que for feito nas trevas se tornará patente diante de Deus. São coisas vergonhosas. “Conhecendo o temor do Senhor”, diz Paulo, “persuadimos aos homens” (2 Coríntios 5:11). Como ousamos não temê-lo? Devemos persuadir aos homens de que se realmente se arrependeram e foram salvos, devem saber que

“nosso Deus é fogo consumidor” (Hebreus 12:29). Interpretamos erradamente seu ocultamento temporário como um sono? Podemos desprezar sua paciência em esperar que nos arrependamos? “De Deus não se zomba” (Gálatas 6:7). Devemos temer a Deus.

Todos os que conhecem a Deus como Deus aprenderão a ser homens. Pois na queda somos tentados a ser deuses, mas no livramento estamos prontos a ser humanos. O princípio do jardim do Éden é sempre este: comendo o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, sereis “como Deus”, ao passo que o princípio do Calvário é restaurar-nos à posição de homem. Por este motivo, certamente tomaremos o devido lugar do homem se conhecermos a Deus como Deus.

O propósito do nascimento de nosso Senhor no lar de um carpinteiro é ser homem (Mateus 13:55). Receber ele o batismo de João Batista é assemelhar-se ao homem (Mateus 3:13-16). Três vezes ele resistiu à tentação do diabo, também para ser homem (Mateus 4:1-10). O fato de que o Senhor “mesmo sofreu, tendo sido tentado” (Hebreus 2:18a) mostra-nos que ele é homem. Sendo escarnecido dos homens, ele recusou-se, entretanto, a descer da cruz porque ele assumiu o lugar do homem (Mateus 27:42-44). Se tudo isso é verdadeiro com respeito ao nosso Senhor, quanto mais devemos nós ser homens!

Os vinte e quatro anciãos (Apocalipse 4:4) são os anciãos do universo (porque esses vinte e quatro já se assentaram nos tronos e têm em suas cabeças coroas de ouro; além do mais, o número vinte e quatro não é o número bíblico da Igreja; eles devem ser, portanto, os anciãos do universo—representando os seres an-gélicos que Deus criou para serem tais anciãos). Conhecendo a Deus como Deus da criação eles o adoram, dizendo: “Tu és digno, Senhor e Deus

nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (Apocalipse 4:11). Até ao dia da festa das bodas do Cordeiro, eles ainda serão vistos prostrando-se e adorando ao Deus que se senta no trono (Apocalipse 19:4).

O anjo que voa no meio do céu, tendo um evangelho eterno a anunciar aos que habitam na terra, diz em grande voz: "Temei a Deus e dai-lhe glória. . . adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" (Apocalipse 14:6, 7). Isto demonstra que todos os que conhecem a Deus como Deus devem adorá-lo. Conhecer a Deus como o Senhor da criação induz à adoração.

Todo aquele que conhece a Deus como Deus permanece no lugar de servo e adora (Apocalipse 22:9). Aquele que se assenta "no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus" deve ser alguém que se opõe ao Senhor (2 Tessalonicenses 2:4). Aquele que realiza grandes sinais a fim de seduzir os que habitam a terra à adoração da besta deve ser o falso Cristo (Apocalipse 13:14, 15 e Mateus 24:23, 24). Porém, todos quantos conhecem a Deus como Deus o adorarão. E isto o glorificará.

Deus é Deus na Lei da Vida

Havendo imprimido suas leis em nossa mente e havendo-as inscrito sobre nosso coração, Deus será nosso Deus na lei da vida e nós seremos seu povo. A segunda metade de Hebreus 8:10 segue de perto a primeira. Ela não diz que Deus será nosso Deus sobre o trono; antes, afirma que na lei da vida Deus será nosso Deus e nós seremos seu povo. A relação entre nós e Deus e entre Deus e nós está na comunhão da vida. Não podemos chegar-nos a Deus se não estivermos vivendo de acordo com a lei da vida. Só quando

vivermos na lei da vida é que poderemos ser povo de Deus e Deus poderá ser nosso Deus. A fim de aproximar-nos dele para servi-lo e adorá-lo—devemos estar na lei da vida.

Por que deve Deus ser nosso Deus na lei da vida, e na mesma lei sermos nós seu povo? Para podermos explicar isto precisamos voltar à criação e à regeneração do homem.

Sabemos que Deus é Espírito. Portanto, todos os que desejam ter comunhão com ele devem ter um espírito. Quando foi criado, o homem (Adão), recebeu um elemento semelhante a Deus; isto é, seu espírito. Na queda, Adão se aliena da vida de Deus e seu espírito morre para Deus. Mas na redenção divina e no momento em que o homem se arrepende e crê, não só o espírito do homem é vivificado, mas também recebe em seu interior a vida incriada de Deus. Deus habita em nós por meio do Espírito Santo; ele vem a nós. Daí para a frente podemos adorá-lo em espírito e em verdade. Muitíssimo claras são as palavras de João 4:24: "Deus é espírito, e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade." Esta declaração ressalta que a adoração só é possível aos que possuem um elemento semelhante a Deus. A adoração tem de ser no espírito, porque só a adoração no espírito é verdadeira. Ela não está na mente, nem na emoção, nem na vontade; é em espírito e em verdade: "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores" (João 4:23). Isto é muito significativo. Ligando este versículo com o seguinte, podemos ver que para adorar a Deus precisamos saber como adorar ao Pai. Se uma pessoa não tem tido com Deus um relacionamento vital de pai-filho, ela não tem vida em si. Seu espírito está morto, por isso não pode adorar a Deus.

Na regeneração, seu espírito é vivificado, e tal pessoa se torna filho de Deus. Por conseguinte, pode comunicar-se com Deus. O Pai busca tais adoradores. Antes de nos tornarmos povo seu, devemos tornar-nos seus filhos. É por isto que dizemos que na lei da vida Deus será nosso Deus e pela mesma lei seremos seu povo.

“O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tito 2:14). Ser povo peculiar de Deus é ser propriedade de Deus (Efésios 1:14). Devido a ser ele nosso Deus na lei da vida e nós, do mesmo modo, seu povo segundo a mesma lei da vida, é que nos tornamos seu povo peculiar.

“O vencedor. . . eu lhe serei Deus e ele me será filho” (Apocalipse 21:7). Na eternidade, no **que** concerne a um relacionamento de vida—isto é, **meu** relacionamento pessoal— “ele me será filho”; e no que concerne à posição de Deus—isto é, no tocante a um relacionamento baseado em nosso conhecimento de Deus— “eu lhe serei Deus”. Quão glorioso é tudo isto!

Concluindo, lembremo-nos da palavra que veio ao apóstolo João: “Adora a Deus” (Apocalipse 22:9c).

Características da Nova Aliança:

(3) Conhecimento Interior

Até agora falamos de duas características essenciais da Nova Aliança. Deus perdoa nossas iniquidades e não mais se lembra dos nossos pecados. Tal é a graça que ele nos confere na Nova Aliança, mas isto é apenas um processo pelo qual se realiza seu propósito eterno. Não há dúvida, também, de que Deus será nosso Deus e nós seremos seu povo—tudo de acordo com a lei da vida.

Ainda assim, a Nova Aliança não termina neste ponto. A Palavra de Deus continua, declarando que “não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior” (Hebreus 8:11). Isto significa um conhecimento mais profundo de Deus, um conhecimento do próprio Deus. Mediante o Espírito Santo, Deus trará seu povo redimido ao pico espiritual do conhecimento de seu próprio Ser. Imprimir suas leis em nossa mente e inscrevê-las sobre o nosso coração não é outra coisa que o *procedimento* utilizado por Deus para chegar ao *grande alvo*, o de *conhecermos o seu próprio Ser*. É verdade

que ter comunhão com Deus é um fim em si mesmo, mas ao mesmo tempo a comunhão também é um *meio* de Deus atingir um *fim mais importante*, que é o *pleno conhecimento de Deus*. Saibamos com segurança que o propósito de Deus é incorporar-se em nós, para ser um conosco na vida. A realização desta característica da Nova Aliança depende do grau a que chegamos no propósito de conhecer a Deus na lei da vida.

“O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento” (Oséias 4:6a). A falta de conhecimento aqui mencionada é uma falta de conhecimento de Deus. O principal motivo da apostasia e destruição de Israel reside em o povo não conhecer ao Senhor. Graças a Deus, porém, que a característica da Nova Aliança é que todos os que têm a vida eterna o conhecem (João 17:3). Vida eterna é, hoje, um tipo de capacidade de conhecer a Deus. Ele revelará sua vontade e nos guiará na lei da vida, capacitando-nos a adorá-lo e servi-lo, e ter comunhão com ele, de sorte que possamos crescer no seu conhecimento cada vez mais. Vejamos agora como nesta lei da vida não há necessidade de ninguém ensinar aos outros o conhecimento de Deus.

O Ensino da Unção

Leiamos de novo Hebreus 8:11: “E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior” (o “não” é enfático no original grego: pode ser traduzido por “definitivamente não”). O que se diz aqui coincide com as palavras de 1 João 2:27: “Quanto a vós outros, a unção que dele recebestes permanece em vós, e *não tendes necessidade* de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou.”

Por que quem tem a vida de Deus não precisa de que alguém lhe ensine? É porque a unção do Senhor permanece nele e lhe ensinará todas as coisas. Isto é muitíssimo prático. Quando Deus diz "não tendes necessidade", ele quer dizer exatamente isso! A unção do Senhor permanece em nós. Às vezes sua graça é tão imensa que mal podemos crer. Portanto, a palavra de Deus continua: "e é verdadeira, e não é falsa." Jamais duvidemos da palavra de Deus por causa da nossa própria anormalidade espiritual. O que nosso Senhor disse é isso mesmo que ele realizará. Devemos crer na sua palavra. Depois louvá-lo e dar-lhe graças.

Qual é o ensino da Unção? Para entendermos este ponto, precisamos lembrar-nos das três principais funções do espírito humano: intuição, comunhão, e consciência.

O Espírito Tem a Função de Comunhão

Sabemos que tão-logo somos regenerados, nosso espírito readquire vida. Este é o primeiro passo na comunhão de Deus com o homem. O Espírito Santo vem habitar em nós. Como Deus é Espírito, deve ser adorado em espírito e em verdade. Portanto, o Espírito Santo leva-nos a adorar a Deus e ter comunhão com ele no espírito. Esta é a função de comunhão do espírito humano.

O Espírito tem a Função de Consciência

Na regeneração, nossa consciência também ressuscita. O sangue do Senhor Jesus lava a consciência tornando-a pura e sensível. O Espírito Santo testifica em nossa consciência quanto à nossa conduta: "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito" (Romanos 8:16); "testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência" (Romanos 9:1); "Eu . . . presente em espírito. . . já sentencie" (1 Coríntios 5:3); "o testemunho da nossa consciência" (2 Coríntios 1:12).

Todos esses versículos falam da função da consciência que tem o nosso espírito. Se errarmos, o Espírito Santo nos reprovárá em nossa consciência. Observemos que tudo aquilo que a consciência condena, indiscutivelmente foi condenado por Deus. Por conseguinte, se nossa consciência declara errada uma coisa, ela deve mesmo ser errada. Deveríamos arrepender-nos dela, confessá-la e ser purificados pelo precioso sangue do Senhor (1 João 1:9). Podemos servir a Deus sem temor somente com uma consciência pura e clara.

O Espírito Tem a Função de Intuição

Como o corpo humano tem seus sentidos, assim também o espírito humano os tem. Os sentidos do espírito humano residem nos mais íntimos recessos do ser humano. Eis alguns exemplos bíblicos: "o espírito. . . está pronto" (Mateus 26:41); "percebendo. . . que eles assim arrazoavam" (Marcos 2:8); "arrancou. . . um gemido" (Marcos 8:12); "agitou-se" (João 11:33); "revoltava" (Atos 17:16); "Paulo se entregou totalmente à palavra" (Atos 18:5); "fervoroso" (Atos 18:25); "resolveu" (Atos 19:21); "constrangido" (Atos 20:22); "refrigério" (Atos 16:18), e "muito mais nos alegramos" (2 Coríntios 7:13). Todas essas constituem funções da intuição do espírito. (Pode-se dizer que os sentidos do espírito são tão numerosos quanto os da alma. Isto requer a necessidade de discernir o que é do espírito e o que é da alma. Somente pela profunda operação da cruz e do Espírito Santo podemos conhecer esta importante distinção.)

Chamamos de "intuição" a este sentido do espírito. Os sentimentos humanos comuns são induzidos por pessoas, coisas e acontecimentos. Se a causa for alegre, regozijamo-nos; se for triste, afligimo-nos. Tais sentimentos são de origem causais, portanto não podem ser contados como "intuição". Por intuição queremos dizer

aquelas sensações que não podem ser atribuídas a causas externas, mas procedem diretamente do íntimo.

Por exemplo, podemos estar pensando em fazer determinada coisa. Parece muito razoável, gostamos dela, e resolvemos ir em frente. Mas algo dentro de nós, uma sensação pesada, opressiva, indizível, parece opor-se ao que nossa mente pensou, nossa emoção aceitou, e nossa vontade decidiu. Parece dizer-nos que tal coisa não deve ser feita. Este é o impedimento ou *restrição da intuição*.

Tomemos um exemplo oposto. Determinada coisa pode parecer irracional, contrária ao nosso deleite, e muito contra nossa vontade. Mas, por algum motivo desconhecido, há dentro de nós um tipo de constrangimento, impulso ou estímulo a que a façamos. Se a fizermos, sentir-nos-emos bem no íntimo. Este é o *constrangimento da intuição*.

A Unção Está na Intuição do Espírito

A Unção vale-se da intuição do espírito para ensinar-nos. "Quanto a vós", escreve João, "a unção que dele recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é falsa, permanecei nele, como também ela vos ensinou." De maneira muito clara, esta passagem descreve o modo como a Unção deve ensinar-nos. O Espírito Santo habita em nosso espírito, e a Unção está na intuição do Espírito. A intuição ensina-nos a respeito de todas as coisas. Isto significa que o Espírito Santo nos ensinará na intuição do espírito, dando ao nosso espírito um sentido semelhante ao sentido físico experimentado quando o corpo é ungido com óleo. Ao receber nosso espírito tal sensação, sabemos de imediato o que o Espírito Santo nos está dizendo.

Exatamente aqui deveríamos estar conscientes da

diferença entre “conhecer” e “entender”. Conhecer está no espírito enquanto entender está na mente. Conhecemos uma coisa através da intuição do espírito, e nossa mente é então iluminada para entender o que a intuição conheceu. Na intuição do Espírito conhecemos a persuasão do Espírito Santo; na mente da alma entendemos a orientação do Espírito Santo.

A obra da Unção independe de qualquer ajuda humana. Ela expressa sua idéia soberanamente. Ela opera no espírito, fazendo que a intuição do espírito do homem conheça o seu pensamento. Esse conhecimento pela intuição do espírito chama-se, na Bíblia, revelação. Revelação não é nada mais do que o desvendar, pelo Espírito Santo, do verdadeiro caráter de uma coisa ao nosso espírito de sorte que possamos conhecê-la claramente. Este tipo de conhecimento é muito mais profundo do que o entendimento da mente.

Visto que a unção do Senhor habita em nós e nos ensina a respeito de todas as coisas, não temos necessidade de que alguém nos ensine. Esta Unção nos ensinará todas as coisas pela intuição. O Espírito Santo expressará seu pensamento mediante a intuição do espírito porque esta tem a capacidade de conhecer o que o Espírito Santo pretende dizer mediante sua ação. Nós, portanto, só precisamos seguir o ditame da intuição—e não inquirir de outras pessoas, nem ainda de nós mesmos—se desejamos fazer a vontade de Deus.¹

A unção do Senhor nos ensinará a respeito de todas as coisas. Em nenhum momento ela deixará de ensinar-nos a respeito de qualquer coisa. Nossa responsabilidade não é outra senão deixar-nos ensinar.

Algumas Histórias

Apresentaremos agora algumas ilustrações práticas. Certa vez um irmão relatou a seguinte história. Havia

um irmão que costumava beber demais, e tinha um amigo que também bebia um bocado. Aconteceu que ambos se tornaram crentes. Um dia o mais novo convidou o mais velho para uma refeição. Havia vinho na mesa. Vendo-o, o amigo mais velho perguntou:

— Será que como crentes, não devemos beber?

O mais jovem respondeu:

— Não faz mal bebermos um pouco. Pois o que bebermos será o “vinho de Timóteo”. A Bíblia o permite.

Mais tarde eles perguntaram a um pastor:

— Está certo que as pessoas salvas bebam “vinho de Timóteo”?

— Sirvo ao Senhor por mais de dez anos—disse o pastor—, e nunca ouvi falar nesse “vinho de Timóteo”.

Alguns dias depois eles procuraram de novo o pastor, dizendo-lhe:

— Paramos de beber o “vinho de Timóteo”.

— Quem lhes disse que parassem? —indagou o pastor.

— Ninguém.

— Foi a Bíblia que lhes disse?

— Não—, responderam os amigos—, a Bíblia diz que Timóteo pode tomar vinho. Mas não bebemos porque o nosso interior não nos permite.

Vemos que este impedimento interior é a restrição da lei da vida. Esta lei da vida é viva e poderosa. Ela não permitiria àqueles dois beber. Ela fala, ela funciona e ela dá sensação; daí que devemos aprender a respeitá-la.

Um servo de Deus certa vez contou esta história. Certo irmão procurou-o e perguntou-lhe se ele poderia fazer determinada coisa.

— Você se conhece por dentro? —inquiriu o servo de Deus. Ao que o irmão respondeu de imediato:

— Conheço-me, sim, senhor.

Alguns dias mais tarde aquele irmão voltou para

fazer ao servo do Senhor uma pergunta sobre outro assunto. Como da vez anterior, o consultado respondeu:

— Você conhece seu íntimo?

— Oh, sim, conheço, conheço—respondeu ele.

O irmão voltou pela terceira vez, e pela terceira vez o servo de Deus lhe perguntou:

— Que é que seu íntimo lhe diz?

Imediatamente, uma vez mais ele respondeu que sabia. Nesse momento, o servo de Deus disse em seu coração (embora não proferisse uma só palavra com os lábios): “Ora, meu amigo, por que abandona o que está perto e busca o que está distante? Você tem dentro de si algo que lhe pode ensinar o quanto necessitar a respeito de todas as coisas; é verdadeiro e não mente.”

Permita-me dizer-lhe aqui e agora que este algo é a lei da vida. É ela que nos ensina o que devemos ou não devemos fazer.

A questão seguinte é se você e eu estamos dispostos a obedecer a esta lei interior. Está nosso coração voltado para Deus? Se nosso coração se volta suficientemente para ele, não temos necessidade de que alguém nos ensine, porque há em nós o vivo e o verdadeiro que certamente nos ensinará. Todo filho de Deus tem tido esta experiência—alguns mais, outros menos; todos têm encontrado algo desta natureza. Existe uma lei de vida que opera no nosso íntimo. Falando ela, ninguém mais precisa falar.

Podemos relatar ainda outra história. Havia um cristão que se dava à hospitalidade. Todo pregador que ele conhecia, ele o convidava para uma refeição e ainda lhe dava um presente. Certa vez ele estava ouvindo um pregador em determinado lugar. O que o homem pregava não parecia concordar com a Bíblia, pois ele negava que Jesus Cristo veio na carne. Este cristão não se sentia bem ouvindo tal sermão; mas de acordo com

seu costume, pensava em apertar as mãos do pregador e conversar com ele por alguns momentos. Entretanto, de certo modo ele sentiu algo em seu íntimo que o impedia de fazê-lo. Após alguma hesitação, ele foi para casa sem apertar as mãos do pregador.

Este crente não estava cômico do que a Bíblia diz sobre não receber em casa, não saudar, os pregadores que não confessam que Jesus Cristo veio na carne (veja 2 João 7, 10, 11). A convicção que veio de seu íntimo concordava perfeitamente com a palavra da Bíblia. Isto é conhecimento sem ajuda humana; característica da Nova Aliança.

Por Que a Bíblia Menciona "Ensino"?

Alguém pode perguntar: "Não há, na Bíblia, muitos lugares onde se menciona 'ensino'? Por exemplo: 'Por esta causa vos mandei Timóteo. . . o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo Jesus, como por toda parte ensino em cada igreja' (1 Coríntios 4:17); também: 'Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua' " (1 Coríntios 14:19). Há muitas outras passagens bíblicas sobre ensino, tais como Colossenses 1:28; 2:22, 3:16; 1 Timóteo 2:7; 3:2; 4:11, 13; 5:17; 2 Timóteo 2:2, 24 e 3:16. Que deveríamos dizer a respeito delas? Para responder a esta pergunta, comecemos com nossa experiência e depois passemos para a Bíblia.

Já Falado no Íntimo

A unção do Senhor realmente nos ensinou no íntimo, mas o problema reside em que não ouvimos o ensino. Devíamos reconhecer quão fracos somos. Somos tão fracos que Deus pode ter-nos falado uma, duas, cinco, dez ou mesmo vinte vezes, e ainda não ouvimos. Às vezes *ouvimos* mas fingimos que não; *entendemos* mas fazemos de conta que não entendemos.

Nossa maior fraqueza diante de Deus está na questão de "ouvir": "Quem tem ouvidos, ouça", adverte o Senhor. Em cada uma das sete cartas registradas nos capítulos 2 e 3 de Apocalipse, há este repetido estribilho: "Quem tem ouvidos, ouça." Ouvir é importantíssimo na Bíblia.

Quando os discípulos perguntaram ao Senhor Jesus por que ele usava parábolas ao dirigir-se à multidão, ele respondeu: "Por isso lhes falo por parábolas; porque, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem" (Mateus 13:13). A seguir ele citou as palavras de Isaías 6:9-10: "Ouvireis com os ouvidos, e de nenhum modo entendereis; vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os seus ouvidos, e fecharam os seus olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados" (vv. 14-15). Todos esses versículos mostram que os homens deliberadamente não ouvem o ensino e a voz que lhes falam no íntimo.

Daí que, freqüentes vezes, não é uma questão de Deus não falar do interior, mas uma questão de o homem não ouvir. Depois de Deus falar uma, duas, cinco, até mesmo dez vezes, ainda não é ouvido. Não o ouvimos porque não estamos prestando atenção. Cesamos de ouvir porque não atentamos ao que ele diz. "Deus fala de um modo, sim de dois modos, mas o homem não atenta para isso" (Jó 33:14). Tal é a condição de alguns filhos de Deus hoje.

Há outro aspecto ligado ao ouvir que devemos considerar. A todos os enfermos mentais, a todos os de perspectivas altamente subjetivas, e a todos os de opinião obstinada e inflexível é difícil "ouvir". Assim, todas as vezes que nosso interior deixa de ouvir a voz de Deus ou de receber o ensino da Unção, devemos

compreender que algo está errado conosco. O problema é nosso e não do Senhor.

Graças a Deus por sua grande paciência. Ele fala aos homens: "Em sonho ou em visão de noite, quando cai sono profundo sobre os homens, quando adormecem na cama, então lhes abre os ouvidos, e lhes sela a sua instrução" (Jó 33:15, 16). Se você não ouvir, ele ainda usará sonho e visão para ensinar-lhe. Daí não ser Deus que não fala; pelo contrário, ele falou, e muito. O problema é que os homens são surdos.

Repetido Fora

Pela leitura das epístolas do Novo Testamento podemos ver quantos de seus ensinamentos e instruções são de natureza *repetitivos*. Ali estão por causa de problemas na igreja. Com frequência lemos: "Ignorais" ou "não sabeis" (tais como em Romanos 6:3, 16; 1 Coríntios 3:16; 5:6; 6:2, 3, 9, 15, 16, 19; Tiago 4:4). "Ignorais" significa que a pessoa já ouviu e conheceu mas deliberadamente ignorou e deixou passar. Por meio da Bíblia Deus diz "ignorais"; não obstante, a Bíblia não é substituto para a fala da Unção interior; ela meramente repete o que a Unção já nos disse.

Devido à anormalidade espiritual por negligenciarmos o ensino interior, o Senhor nos manda seus servos vez após vez para repetir exteriormente, usando as palavras da Bíblia, o que a Unção já nos tem dito. Uma vez que a unção do Senhor já nos ensinou no íntimo, por que não aprendemos a ouvir a voz de nosso interior? Entendamos que o ensino interior e a instrução exterior complementam-se, embora esta nunca possa substituir aquele. As palavras do interior são ativas e cheias de vida. Portanto, esta característica da Nova Aliança precisa ser tida em alta estima por todos os que pertencem a Deus.

Gostaríamos, a esta altura, de lembrar um ponto a

alguns irmãos e irmãs. Hoje, na ajuda a outras pessoas, não lhes legislemos nem lhes leguemos dez mandamentos, nem os instruamos com nossos subjetivos "faça" e "não faça". Não atuemos como os videntes do Antigo Testamento, dizendo aos indivíduos qual a vontade de Deus para cada um deles. No Novo Testamento há profetas para a Igreja mas não para os indivíduos. Os profetas do Novo Testamento só podem ressaltar a vontade de Deus em princípio; nunca devem tentar declarar a vontade de Deus para cada indivíduo. Isto porque todos nós que pertencemos ao Senhor devemos aprender a receber dentro de nós o ensino da Unção. De outra sorte, não haverá Nova Aliança. Só podemos confirmar ou repetir o que Deus já disse ou ensinou aos homens; não sendo assim, onde estaria a Nova Aliança? Com toda a certeza necessitamos de humildade para receber as instruções dos que nos ensinam no Senhor; igualmente, o que quer que recebamos deve também ser ensinado pela Unção que está dentro de nós. Só assim teremos a Nova Aliança. Tenhamos sempre em mente que "a letra mata, mas o espírito vivifica" (2 Coríntios 3:6b).

Mente Renovada

A unção do Senhor nos ensina todas as coisas na intuição do nosso espírito, mas às vezes a mente falha em entender a sensação do espírito. Assim, a mente (ou *nous*) precisa ser renovada, levando-nos a compreender o que a Unção nos está ensinando. Em Romanos 12:2 a frase "transformai-vos pela renovação da vossa mente" vem antes de "para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Além disso, Colossenses 1:9 diz que para transbordar do pleno conhecimento de Deus é preciso estar "em toda a sabedoria e entendimento espiritual". Por isso é que a renovação da mente se faz imperativa.

Se nossa mente não for renovada, não entenderemos o ensino da Unção. Pelo contrário, podemos receber *repentino* pensamento injetado em nossa mente qual relâmpago, ou imaginação sem fundamento e raciocínio vão, ou sonho ou visão sem sentido e sem valor, como sendo revelação do Senhor a nós. Tudo isso é prejudicial e desvantajoso. Reconhecemos e cremos que às vezes o Senhor usa sonhos e visões para abrir o ouvido do homem, conforme indicado em Jó 33:15, 16. Não obstante, rejeitamos como sendo do Senhor os sonhos ou visões confusos, sem sentido e sem valor. A renovação da mente é, pois, de suma importância para entendermos e apreendermos o ensino da Unção.

Como é a mente renovada? Tito 3:5 fala do lavar "renovador do Espírito Santo". Por isso, a obra de renovação é *trabalho do Espírito Santo*. Romanos 12:1-2 menciona primeiro "que apresenteis os vossos corpos" e depois fala da "renovação da vossa mente". Por conseguinte, e renovação da mente *baseia-se na consagração*. Efésios 4:22, 23 declara que a renovação "no espírito do vosso entendimento" deve ser precedida experimentalmente pelo despojamento do velho homem. "Quanto ao trato passado, vos depojeis do velho homem". Assim, a renovação da mente realiza-se *através da cruz*. Ser renovado no espírito do nosso entendimento significa que a *renovação começa no espírito* e vai até à mente.

Conforme dissemos antes, o Espírito Santo sempre opera do centro para a periferia. Se o coração humano—a profundidade do homem—não for devidamente tratado, a renovação da mente é impossível. É por isso que o Espírito Santo primeiro renova o espírito do entendimento, e depois o próprio entendimento ou mente. Portanto, reunido tudo isto, podemos dizer que ao sermos constrangidos pelo amor de Deus a apresentar os nossos corpos como sacrifício vivo, o Espírito

Santo aplicará a cruz em nós para que possamos experimentar o despojamento do velho homem quanto à sua antiga maneira de viver, e então encher-nos mais abundantemente com a vida de Cristo de modo que efetue a renovação da mente bem como a do espírito. Tal renovação é trabalho constante e contínuo do Espírito Santo. Como devemos parar e oferecer nosso louvor e ação de graças a Deus, porque são obras de sua graça! Realmente, nada temos que fazer exceto receber sua graça e louvá-lo.

Insistimos: o ensino da Unção em nós é muitíssimo real. Não há nenhum exagero em dizer que não temos necessidade de que alguém nos ensine, porque a lei da vida opera em nós. Em verdade, a Bíblia o diz. Mas, por outro lado, devemos prevenir-nos contra engano ou extremos, pois indiscutivelmente precisamos da palavra das Escrituras para conferir nossa sensação interior.

*As Escrituras Dizem se Nossa Sensação
Interior Está Certa ou Errada*

Visto que o Espírito Santo é "o Espírito da verdade" e que ele nos "guiará a toda a verdade" (João 14:17; 16:13), nossa sensação interior, se for do Espírito Santo, indiscutivelmente concordará com o que diz a Sagrada Escritura. No caso de nossa sensação discordar da Palavra de Deus, tal sensação deve ser inexata. Devemos saber que assim como a sensação interior é *viva*, assim a Bíblia, que é exterior, é *exata*. A mensagem bíblica é exata e certa, mas não necessariamente viva de si mesma. A sensação interior pode ser viva, mas às vezes não é exata nem certa. Da mesma forma, as locomotivas têm a força do vapor, não obstante devem ter trilhos. O trem não pode andar sobre os trilhos sem a locomotiva, mas também não pode, com a locomotiva, correr sem trilhos. Ou ele não correrá, ou correrá de

maneira desastrosa. A Bíblia mostra-nos que na saída do Egito os filhos de Israel tinham diante de si, para guiá-los, a coluna de nuvem de dia e a coluna de fogo de noite. Quando nossa situação espiritual é normal, parece que andamos sob céu azul e sol brilhante. Porém, nossa normalidade nem sempre permanece constante. A Bíblia diz também que "Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para os meus caminhos" (Salmo 119:105). Se não houvesse noite, não haveria necessidade de lâmpada ou luz. Quando brilhamos interiormente, nossa sensação interior é clara e segura; mas quando nosso íntimo está às escuras, nossa sensação interior tende a ser confusa e bruxuleante; assim, há necessidade de conferir com a palavra das Escrituras. A vida somada com a verdade torna-se um poder real e constante. Devemos andar no caminho tanto da vida *como* da verdade. Nossos pensamentos e juízos precisam ser conferidos com a palavra da Bíblia. Isto nos ajudará a andar direito, seguir em frente, sem desviar-nos para a esquerda nem para a direita.

Duas Formas de Conhecer a Deus

Leiamos de novo Hebreus 8:11. "E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior." Todos os que são povo de Deus na lei da vida podem conhecê-lo sem a necessidade de serem ensinados pelos homens. Este versículo menciona duas vezes o verbo "conhecer". A primeira menção refere-se a ensinar cada homem a conhecer ao Senhor; a segunda diz que todos—desde o menor até ao maior—conhecerão o Senhor. No original grego, esses dois casos de "conhecer" empregam palavras diferentes: o primeiro "conhecer" indica o conhecimento comum, ao passo que o segundo "conhecer" significa conhecimento intuitivo.

O conhecimento comum é objetivo, é conhecimento externo; mas o conhecimento intuitivo é de natureza subjetiva, interior.

Podemos usar uma parábola para ilustrar a diferença entre conhecimento comum e conhecimento intuitivo. O açúcar e o sal são parecidos. Ambos são brancos e finos. Mas, pelo paladar se sabe qual é o açúcar e qual o sal. Pois cada um deles tem seu sabor peculiar. Conhecer o açúcar e o sal exteriormente, com os olhos, é muitíssimo inferior a conhecê-los internamente, provando-os com a língua. Assim também é com o conhecimento de Deus. O conhecimento que recebemos do exterior é comum; o interior certamente é o seguro. Toda vez que o Senhor nos dá uma prova de si mesmo, interiormente, temos alegria indizível. "Oh! provai, e vede que o Senhor é bom"! (Salmo 34:8a). Não é esquisito que possamos provar o sabor de Deus? Não obstante, é verdadeiro: "Aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial. . . e provaram a boa palavra de Deus, e os poderes do mundo vindouro" (Hebreus 6:4, 5). Isto quer dizer que as coisas espirituais podem, deveras, ser provadas. Graças a Deus, a característica da Nova Aliança é permitir que provemos as coisas espirituais, e não somente isto, mas o próprio Deus. Que grande bênção! Quão gloriosa é! Aleluia!

Três Passos no Conhecimento de Deus

Segundo a Bíblia, há três passos no conhecimento de Deus. "Manifestou os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos, aos filhos de Israel" (Salmo 103:7). "Caminhos", aqui, é a mesma palavra empregada em Isaías 55:9: "assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos." O que os filhos de Israel conheciam eram os feitos de Deus; o que Moisés conhecia eram os caminhos de Deus. O conhecimento que Moisés tinha

de Deus estava um passo além daquele dos filhos de Israel. Entretanto, o conhecimento intuitivo de Deus citado em Hebreus 8:11 vai mais além ainda do conhecimento dos caminhos de Deus. Pois, conhecer intuitivamente é conhecer a natureza de Deus—sim, o próprio Deus. Juntando essas duas passagens, podemos concluir que há três passos em nosso conhecimento de Deus. O primeiro é conhecer os seus feitos; o segundo é conhecer os seus caminhos; e o terceiro é conhecer o próprio Deus. Conhecer os feitos de Deus e os caminhos de Deus são apenas conhecimento externo, ao passo que conhecer a Deus e sua natureza, intimamente, é uma experiência mais profunda e muitíssimo preciosa. Examinemo-las separadamente.

Conhecer os Feitos de Deus

Que significa conhecer os feitos de Deus? Seus feitos são os milagres e as maravilhas que ele opera. As dez pragas que Deus enviou sobre o Egito e foram testemunhadas pelos filhos de Israel (veja Êxodo 7—11); o vento oriental que Deus usou para dividir as águas e tornar o mar em terra seca em uma noite (Êxodo 14:21); a água que fluiu da rocha ferida no deserto (Êxodo 17:6); o maná que descia do céu todos os dias (Êxodo 16:35), e assim por diante—foram todos feitos de Deus. A alimentação dos cinco mil com cinco pães e dois peixes, até que todos estivessem saciados e ainda houvesse sobra (João 6:9-12); o cego que recobrou a visão; o coxo que pôde andar; o leproso purificado; o surdo que agora ouve; os mortos ressuscitados (Mateus 11:5), e muitas outras coisas registradas nos Evangelhos—também são feitos de Deus. Hoje alguns indivíduos recebem a cura de suas enfermidades, e os viajantes em perigo conhecem a proteção divina. Esses também são feitos de Deus. Se, porém, tudo o que conhecermos de Deus são os feitos, não podemos ser

O conhecimento comum é objetivo, é conhecimento externo; mas o conhecimento intuitivo é de natureza subjetiva, interior.

Podemos usar uma parábola para ilustrar a diferença entre conhecimento comum e conhecimento intuitivo. O açúcar e o sal são parecidos. Ambos são brancos e finos. Mas, pelo paladar se sabe qual é o açúcar e qual o sal. Pois cada um deles tem seu sabor peculiar. Conhecer o açúcar e o sal exteriormente, com os olhos, é muitíssimo inferior a conhecê-los internamente, provando-os com a língua. Assim também é com o conhecimento de Deus. O conhecimento que recebemos do exterior é comum; o interior certamente é o seguro. Toda vez que o Senhor nos dá uma prova de si mesmo, interiormente, temos alegria indizível. "Oh! provai, e vede que o Senhor é bom"! (Salmo 34:8a). Não é esquisito que possamos provar o sabor de Deus? Não obstante, é verdadeiro: "Aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial. . . e provaram a boa palavra de Deus, e os poderes do mundo vindouro" (Hebreus 6:4, 5). Isto quer dizer que as coisas espirituais podem, deusas, ser provadas. Graças a Deus, a característica da Nova Aliança é permitir que provemos as coisas espirituais, e não somente isto, mas o próprio Deus. Que grande bênção! Quão gloriosa é! Aleluia!

Três Passos no Conhecimento de Deus

Segundo a Bíblia, há três passos no conhecimento de Deus. "Manifestou os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos, aos filhos de Israel" (Salmo 103:7). "Caminhos", aqui, é a mesma palavra empregada em Isaías 55:9: "assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos." O que os filhos de Israel conheciam eram os feitos de Deus; o que Moisés conhecia eram os caminhos de Deus. O conhecimento que Moisés tinha

de Deus estava um passo além daquele dos filhos de Israel. Entretanto, o conhecimento intuitivo de Deus citado em Hebreus 8:11 vai mais além ainda do conhecimento dos caminhos de Deus. Pois, conhecer intuitivamente é conhecer a natureza de Deus—sim, o próprio Deus. Juntando essas duas passagens, podemos concluir que há três passos em nosso conhecimento de Deus. O primeiro é conhecer os seus feitos; o **segundo** é conhecer os seus caminhos; e o **terceiro** é conhecer o próprio Deus. Conhecer os feitos de Deus e os caminhos de Deus são apenas conhecimento externo, ao passo que conhecer a Deus e sua natureza, intimamente, é uma experiência mais profunda e muitíssimo preciosa. Examinemo-las separadamente.

Conhecer os Feitos de Deus

Que significa conhecer os feitos de Deus? Seus feitos são os milagres e as maravilhas que ele opera. As dez pragas que Deus enviou sobre o Egito e foram testemunhadas pelos filhos de Israel (veja Êxodo 7—11); o vento oriental que Deus usou para dividir as águas e tornar o mar em terra seca em uma noite (Êxodo 14:21); a água que fluiu da rocha ferida no deserto (Êxodo 17:6); o maná que descia do céu todos os dias (Êxodo 16:35), e assim por diante—foram todos feitos de Deus. A alimentação dos cinco mil com cinco pães e dois peixes, até que todos estivessem saciados e ainda houvesse sobra (João 6:9-12); o cego que recobrou a visão; o coxo que pôde andar; o leproso purificado; o surdo que agora ouve; os mortos ressuscitados (Mateus 11:5), e muitas outras coisas registradas nos Evangelhos—também são feitos de Deus. Hoje alguns indivíduos recebem a cura de suas enfermidades, e os viajantes em perigo conhecem a proteção divina. Esses também são feitos de Deus. Se, porém, tudo o que conhecermos de Deus são os feitos, não podemos ser

contados com os que o conhecem, porque tal conhecimento é a um tempo superficial e externo.

Conhecer os Caminhos de Deus

Que significa conhecer os caminhos de Deus? Pode-se dizer que consiste em conhecermos os princípios pelos quais Deus opera. Abraão, ao interceder por Sodoma, colocou-se ao lado da justiça divina. Ele conhecia a Deus como um Deus justo que não faria nada contra sua justiça. Isto mostra que Abraão conhecia o princípio da operação de Deus. Certa vez, quando Moisés viu o aparecimento da glória do Senhor, imediatamente disse a Arão: "Toma o teu incensário, põe nele fogo do altar, deita incenso sobre ele, vai depressa à congregação, e faz expiação por eles; porque grande indignação saiu de diante do Senhor; já começou a praga" (Números 14:46). Isto se deveu ao fato de Moisés conhecer o princípio de Deus no tocante a como ele reagiria à ação humana. Samuel disse a Saul: "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros" (1 Samuel 15:22b). Isto é conhecer o caminho de Deus. Davi declarou: "Não oferecerei ao Senhor meu Deus holocaustos que não me custem nada" (2 Samuel 24:24b). Isto também é conhecer o caminho de Deus.

Conhecer o Próprio Deus

Que é conhecer o próprio Deus? Conhecer sua natureza é conhecer o próprio Deus. Já dissemos que cada espécie de vida possui sua própria característica. O peixe e o pássaro, cada um deles tem sua respectiva característica. A vida de Deus também possui o seu caráter singular. Sua natureza é reta e boa (Salmo 25:8; 86:5; Mateus 19:17), e santa (Atos 3:14; 2 Coríntios 1:12). Ela se manifesta através da luz. Tão-logo nascemos de novo, recebemos a vida de Deus, e com ela a natureza divina. Quando tocamos sua natureza em nós, nós o

tocamos. Isto é conhecer o próprio Deus.

Suponha que no recôndito de nossa consciência haja um pecado que deve ser eliminado—pois de outra sorte não teremos paz. Mas pode haver dentro de nós uma espécie de sentido santo que é até mais profundo do que a convicção da consciência. Esse sentido santo aborrece o pecado e é por este repellido, não por temer o castigo, mas por odiar o próprio pecado. O conhecimento que temos da santidade de Deus todas as vezes que o tocamos escapa à descrição humana. Às vezes, podemos reagir como Jó que confessou: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5-6). Do mesmo modo que as pequeninas partículas de pó se tornam manifestas sob a luz brilhante do sol, assim nossas impurezas são expostas sob a santidade de Deus. Não é de admirar que Pedro, ao encontrar-se com o Senhor naquele memorável dia, cai-lhe aos pés, dizendo: “Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador” (Lucas 5:8b). Muitas vezes nossa consciência pode não condenar nossas palavras e atos, mas bem lá no nosso íntimo há um senso de desassossego que não os aprova. Isto evidencia como o sentido da natureza da vida de Deus ultrapassa até o sentimento da consciência. Se aprendermos a obedecer, conheceremos a Deus aqui. Isto é conhecer o próprio Deus.

“Até à presente hora. . . nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação” (1 Coríntios 4:11-13a). Essas palavras de Paulo, escritas aos crentes coríntios, dizem o que é a natureza desta vida bem como o que a vida de Deus pode fazer. Quando Paulo tocou a natureza de Deus nesta questão, ele tocou o próprio Deus. E assim, Paulo conheceu a Deus. Conta-se a história de dois irmãos crentes que eram lavrado-

res. Sua roça de arroz estava situada na região de uma colina. Diariamente eles pedalavam uma roda d'água que irrigava a roça; mas descobriram que diariamente o lavrador que tinha sua roça ao pé da colina abria secretamente o dique dos irmãos e lhes furtava a água para irrigar sua própria roça. Isto continuou assim por sete dias. Os dois irmãos nada disseram, apesar de desgostosos com a situação. Foram, pois, consultar um servo do Senhor que lhes disse: "Suportar pacientemente não basta. Amanhã vocês devem irrigar a roça daquele que lhes furtou a água e depois pedalar para irrigar a roça de vocês." Os dois irmãos executaram o conselho. Por estranho que pareça, quanto mais o faziam, tanto mais felizes se sentiam. Por fim, aquele que furtava a água ficou tão comovido pela atitude dos irmãos que veio pedir-lhes desculpas. Deste incidente podemos ver que por observarem eles a natureza da vida de Deus, puderam fazer tal coisa e fazê-la com muita naturalidade. Não fosse assim, eles teriam de má vontade praticado a ação e mais tarde viriam a lamentar-se. Somente obedecendo à natureza de Deus que havia neles é que puderam regozijar-se e louvar. Quanto mais obedeciam, mais conheciam a Deus.

Conhecendo a Deus Intuitivamente

Conhecer o próprio Deus é a maior bênção e glória da Nova Aliança. Deus não pode ser conhecido pela carne, mas pode pela intuição. Como, porém, conhecemos a Deus intuitivamente? Vejamos o que a Bíblia diz.

"E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Isto mostra de modo claro que todos quantos temos a vida eterna conhecemos a Deus e ao Senhor Jesus. Em outras palavras, quem tem a vida eterna recebe a habilidade de conhecer a

Deus intuitivamente, habilidade essa que tal pessoa jamais teve antes. Esta vida eterna é a capacidade de conhecer a Deus. É por esta vida interior que chegamos a conhecê-lo intuitivamente, aquele a quem já havíamos conhecido. Em nada se assemelha aos atenienses que adoravam "um deus desconhecido" segundo a dedução de seus próprios raciocínios (Atos 17:23). Caso alguém professe ter vida eterna sem nunca ter conhecido a Deus, sua vida eterna é muito questionável. Mais precisamente, tal pessoa não tem a vida eterna. Se desejamos conhecer a Deus, devemos primeiro ter a vida eterna.

"Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito que nele está? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e, sim, o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente" (1 Coríntios 2:11-12). Isto nos informa que *o Espírito Santo em nosso espírito faz-nos conhecer as coisas de Deus*. As coisas de Deus nunca podem ser conhecidas pelo que nossa mente apreende, ou nosso raciocínio recomenda, ou nossa sabedoria confirma. Por conseguinte, o texto da carta aos Coríntios continua: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las. . ." (1 Coríntios 2:14).

"Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes. . ." (Efésios 1:17, 18). Aqui o apóstolo orava pelos crentes efésios regenerados para que pudessem receber o espírito de sabedoria e de revelação de modo que, em realidade, conhecessem a Deus intuitivamente. Quer este espírito de sabedoria e de revelação seja uma força latente

do espírito do crente ativada por Deus mediante a oração, quer seja sabedoria e revelação dadas ao espírito do crente pelo Espírito Santo como resultado da oração, tal espírito dá ao crente "o conhecimento de Deus". Nossa intuição necessita de sabedoria e de revelação.

Precisamos de sabedoria para discernir o que vem de Deus e o que vem de nós mesmos. Precisamos de sabedoria para detectar os falsos apóstolos e os anjos de luz mascarados (2 Coríntios 11:13, 14). A sabedoria de Deus não é dada à nossa mente; ele a dá ao nosso espírito. Ele nos concede sabedoria pela intuição, e, por ela, nos leva ao caminho da sabedoria.

Precisamos de revelação para conhecê-lo de verdade. O espírito de revelação é o efeito da atuação de Deus em nosso espírito. Ela nos capacita a sentir o desejo divino em nossa intuição. Ajuda-nos a perceber a ação divina. Só assim podemos chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus.

Deus não só nos dá o espírito de sabedoria e de revelação para que possamos realmente conhecê-lo em nossa intuição, como também ilumina os olhos do nosso coração para sabermos. A palavra "coração", aqui, é entendimento. É a mesma *dianoia* de Efésios 4:18, ou seja, a faculdade de conhecer e entender. Daí que Efésios 1:17-18 fala de "conhecer" de dois modos: o primeiro "conhecer" é o conhecimento de intuição; o segundo, o conhecimento da mente. O Espírito de revelação chega ao mais íntimo recesso do ser inteiro. Deus revela seu próprio Eu ao nosso espírito para que possamos conhecê-lo intuitivamente. Nosso homem interior agora conhece, mas o nosso homem exterior é ainda ignorante.

Por este motivo nosso espírito deve iluminar a nossa mente, fazendo que esta entenda o significado em nosso espírito e dessa forma dê conhecimento ao

nosso homem exterior. A revelação ocorre no espírito, mas vai até à mente. A revelação está na intuição do espírito, enquanto a iluminação cai sobre a mente da alma. Na intuição conhecemos por senti-la; na mente conhecemos por entendê-la.

“Que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Colossenses 1:9-10). Esta passagem mostra-nos que é preciso sabedoria e entendimento espiritual para conhecer a vontade de Deus, fazer o que lhe agrada, e conhecê-lo de um modo real.

A sabedoria espiritual, como já vimos, é dada por Deus ao nosso espírito. Entrementes, também precisamos de entendimento espiritual para entendermos a revelação que Deus concedeu à intuição de nosso espírito. Porque, enquanto a intuição do espírito nos faz detectar a *ação* de Deus, o entendimento espiritual nos capacita a compreender o *significado* da ação de Deus. Se buscarmos conhecer no espírito a vontade divina em todas as coisas, indiscutivelmente cresceremos no conhecimento de Deus. Crescer em Deus significa crescer em nosso conhecimento dele. Assim nossa intuição se desenvolverá e nossa vida amadurecerá até que estejamos repletos de Deus.

Em face disto, devemos seguir a operação da lei da vida exercitando nosso próprio espírito no sentido de um conhecimento mais profundo de Deus. O de que precisamos é conhecer a Deus de um modo real. Peçamos-lhe que nos conceda o espírito de sabedoria e de revelação com entendimento espiritual para que crescamos, diariamente, no verdadeiro conhecimento de Deus.

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque

verão a Deus" (Mateus 5:8). Este versículo leva-nos de volta ao assunto do coração. Se o coração for puro—isto é, não de "ânimo dobre" (Tiago 4:8)—veremos a Deus. Se, porém, nosso coração inclinar-se para coisas que não sejam de Deus, ou se nele houver cobiça, então teremos um véu sobre nós e não poderemos vê-lo com clareza. Portanto, se sentimos que não há transparência dentro de nós, a primeira coisa que temos de fazer é pedir a Deus que nos mostre se nosso coração é puro ou não.

"Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (João 14:23). Isto diz-nos que se amarmos ao Senhor e a ele obedecermos, Deus virá a nós, dando-nos a consciência de sua presença. Esta palavra está de perfeito acordo com a de 1 João 2:27: "Como a sua unção vos ensina. . . permanecei nele." Seguindo o ensino da Unção, guardamos a palavra do Senhor. Assim permaneceremos nele e ele, por sua vez, permanecerá em nós. Tal obediência não vem por compulsão mas por amor. O Irmão Lawrence disse certa vez que se nosso coração "puder chegar a conhecer a Deus, só poderá fazê-lo por meio do amor".

Quão variados são os desejos e as paixões da vontade e do coração do homem. Mas, como observou o Irmão Lawrence, a manifestação de nossas paixões "é o amor autêntico que encontra sua única finalidade em Deus".

O amor é, na verdade, o mais próprio escoadouro para nossas paixões. O amor não é algo forçado. Amamos a Deus porque ele nos amou primeiro (1 João 4:19). Quanto mais amamos a Deus, tanto mais nos acercamos dele; quanto mais nos acercamos dele, tanto melhor o conhecemos, tanto mais o amamos e temos sede dele. Um santo de Deus disse certa vez:

“Deus dá-nos um coração tão grande que só ele pode enchê-lo.” Podemos lamentar a pequenez de nosso coração. Não obstante, todos os que temos provado a Deus testificamos que o coração que ele nos deu é deveras grande—tão grande que nada senão ele pode enchê-lo! Em que medida, pois, *nosso* coração anela por Deus?

Manifestar a Deus Externamente

Nossa manifestação exterior de Deus jamais pode exceder nosso conhecimento interior. A profundidade de nosso conhecimento interior de Deus determina o grau de nossa manifestação exterior dele. Em outras palavras, a manifestação exterior resulta do conhecimento interior. Examinemos esta consequência de diversos ângulos.

Manifestar a Deus em Coragem e Discernimento

“Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim. . .” (Gálatas 1:15-17a). O destemor de Paulo em pregar o evangelho aos gentios vinha de seu conhecimento do Filho de Deus, a quem ele conhecia por meio de revelação. Tal conhecimento não vem pela carne. Aquele que tem Cristo na vida também reconhece a Cristo em outras pessoas. É isto que Paulo quer dizer quando escreve: “Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne” (2 Coríntios 5:16a). Quem conhece o homem segundo a carne achará difícil receber qualquer suprimento de vida vindo de outros porque ele é facilmente afetado pela fraqueza externa do homem. Qualquer mancha no homem se tornará em fonte de crítica e lhe aumentará o orgulho. Por este motivo, se

a pessoa conhece ou não o Cristo em outras pessoas é algo que depende de ela conhecer o Cristo que vive dentro dela. "Se antes conhecemos a Cristo segundo a carne", diz Paulo, "já agora não o conhecemos deste modo" (2 Coríntios 5:16b).

"Todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo. . . Filhinhos, vós sois de Deus, e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (1 João 4:3, 4). Os que verdadeiramente conhecem a Deus podem detectar falsos apóstolos (2 Coríntios 11:13; Apocalipse 2:2), falsos profetas (Mateus 24:11), e até mesmo falsos irmãos (2 Coríntios 11:14-15). Quando somos enganados, deve-se ao fato de não conhecermos as pessoas mediante o Cristo que está em nós. Todos os que realmente conhecem a Deus têm coragem de declarar que Aquele que está neles é maior do que aquele que está no mundo.

Manifestar a Deus no Temor de Deus

Todo aquele que realmente conhece a Deus não só tem coragem de testificar sem medo do espírito do anticristo, como também possui de modo especial o temor de Deus. Paulo manifestou seu temor de Deus ao permitir que as direções de seu labor fossem restringidas por ele (Atos 16:6, 7). Mais ainda, Paulo temeu a Deus ao abrandar instantaneamente sua atitude ao ser informado de que estava injuriando o sumo sacerdote (Atos 23:3-5). Quem realmente conhece a Deus cingiu o seu entendimento (1 Pedro 1:13). Ele não se atreve a ser frouxo em suas palavras, ações e atitudes. Tal constrangimento não é imposto por seu próprio esforço; antes, ele é constrangido ou proibido pela vida divina em seu íntimo.

Isto é verdade não somente quando na presença de

outros, mas também quando está sozinho. Todas as vezes que sua palavra ou ato é inconsistente com a vida interior, ele é impedido no íntimo. Tão-logo ele faz contacto com Deus, instantaneamente se abranda. Quem é descuidado exteriormente deve primeiro ter-se tornado frouxo interiormente. Todo cristão negligente, desenfreado, não transformado e descuidado em palavra ou atos, não teme a Deus. Quem age diante dos homens de um modo e de outro por trás deles; quem se comporta de uma maneira no púlpito e de maneira diferente fora dele, não teme a Deus. Temê-lo é ter o temor de Deus no coração em qualquer tempo, em qualquer lugar, a respeito de qualquer coisa.

Trememos por aqueles que professam pertencer a Deus, mas cujas palavras e ações não manifestam o mais leve temor dele. Ouça o que o Senhor diz a essas pessoas: "Filhinhos, agora, pois, permanecei nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda" (1 João 2:28). Temos no coração tal confiança ao lembrar-nos de que um dia veremos a face do Senhor? Ou nos envergonharemos quando tudo for desnudado perante o Senhor?

Manifestar a Deus na Adoração

Ninguém que realmente conhece a Deus deixa de adorá-lo. O Irmão Lawrence disse que "adorar a Deus em verdade é reconhecer que ele é o que é, e nós o que em realidade somos. Adorá-lo em verdade é reconhecer com sinceridade de coração o que Deus em verdade é—isto é, infinitamente perfeito, digno de infinita adoração, infinitamente afastado do pecado, e assim de todos os atributos divinos". Só aqueles que realmente conhecem a Deus podem adorá-lo em verdade. Por exemplo, o conhecimento que Jacó tinha

de Deus em Betel era apenas externo. É certo que levou-o a temer, mas veja o estado de seu coração—como ele barganhou com Deus para seu próprio lucro (Gênesis 28:16-22). Espere, porém, até que ele se encontre com o Senhor em Peniel (Gênesis 32:24-32). Quão diferente era seu conhecimento de Deus nessa ocasião! Um querido santo escreveu um longo hino (em chinês) que descreve a história de Jacó em Peniel. Vamos traduzir aqui, em verso livre, apenas três estrofes que expressam o conhecimento que Jacó tinha de Deus após aquela crise.

*Num instante a luz me inunda o coração,
Como se através do dique irrompesse uma torrente.
Vejo a infinita glória de Deus,
Que me compele a adorar e esconder-me;
Então conheço de meus pecados a enormidade,
Minhas impurezas e irregularidades.*

*Tu és um Deus de glória!
Quão terrível é o Senhor dos Exércitos!
No momento em que sei quem és,
E vejo o que tu és,
Eu clamo e choro,
Arrependo-me e me inclino*

*Senhor, eu me rendo, pois tu venceste.
Peço a derrota por causa da tua derrota,
Rendo-me por causa de minha vitória.
Tua fraqueza me prostra,
Com temor e tremor consagro minha vida
A fazer a tua vontade e glorificar teu nome.²*

Muitas vezes dizemos: Adora a Deus, adora a Deus; mas, realmente, quanto conhecemos do próprio Deus? Temos sido reduzidos ao pó?

Manifestar a Deus em Santidade

A pessoa que realmente conhece a Deus manifesta-o. Isto não é outra coisa senão viver uma vida santa. A santidade é um grande mistério, mas desde que Deus foi manifestado na carne (1 Timóteo 3:16), este mistério foi revelado. Pense nisso! Jesus de Nazaré é Deus manifestado na carne! Este glorioso Deus-Homem manifestou a santa e gloriosa vida de Deus. Hoje esta vida está em nós e será manifestada por nosso intermédio. A operação da lei da vida de Deus em nós visa a satisfazer esta exigência.

Entenda-se com clareza que a piedade não é um tipo de exercício ascético; antes, é uma percepção da vida, em linha com o caráter da vida de Deus. Por este motivo o apóstolo Paulo a inclui entre as coisas que a pessoa de Deus deve buscar: "Tu, porém, ó homem de Deus, fuge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão" (2 Timóteo 6:11). No dia em que nascemos de novo, pelo poder de Deus "nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade" (2 Pedro 1:3a). E esta piedade tem "a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1 Timóteo 4:8). Sabemos que "esta é a promessa que ele mesmo [o Senhor] nos fez, a vida eterna" (1 João 2:25; veja também Tito 1:2). Quando cremos no Filho de Deus recebemos esta vida eterna (1 João 5:13). Pelo poder da operação desta vida em nós podemos hoje vivê-la, manifestando-a em nossos pensamentos, palavras, atitudes e ações. O apóstolo Paulo declara, portanto: "Temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis" (1 Timóteo 4:10).

Já temos esta vida piedosa em nós, mas para expressar o seu caráter é preciso exercício de nossa

parte: "Exercita-te pessoalmente na piedade" (1 Timóteo 4:7b). Devemos entender que enquanto o temor de Deus é um assunto do intento do coração—sempre procurando evitar que o eu se envolva em qualquer coisa ou que Deus seja ofendido—a piedade deve permitir a Deus manifestar-se em todas as coisas. Exercitar-se na piedade significa renegar a impiedade (Tito 2:12)—isto é, renegar tudo o que não se assemelha a Deus—e deixar que Deus se revele em todas as coisas. Tal exercício não é prática ascética, nem é fechar a porta para tudo; é, antes, *permanecer no Senhor segundo o ensino da Unção* e aprender a permitir que a lei da vida divina expresse o caráter da vida de Deus em nosso andar diário (1 Timóteo 2:2).

Este tipo de exercício piedoso é mais benéfico do que o exercício físico. Não podemos experimentar plenamente esta vida eterna no presente; porém experimentamo-la dia a dia até que, afinal, seremos completamente semelhantes a ele. No dia em que nosso corpo for por fim redimido, seremos inteiramente como ele e desfrutaremos em sua plenitude esta vida eterna. Este é o propósito eterno de Deus, e esta é a glória da Nova Aliança. Louvemos ao Senhor com o coração cheio de esperança.

Gostaríamos ainda de mencionar aqui que se vivermos piedosamente em Cristo, não poderemos evitar que certas coisas aconteçam. Paulo disse a Timóteo: "As minhas perseguições e os meus sofrimentos, quais me aconteceram em Antioquia, Icônio e Lистра,—que variadas perseguições tenho suportado!" (2 Timóteo 3:11a). Talvez alguns pensem que Paulo, por ser apóstolo, não poderia evitar essas perseguições. Mas ouça o que ele escreveu logo no versículo seguinte: "Ora, *todos* quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos" (v. 12). Não são só os apóstolos que devem sofrer persegui-

ções, mas todos quantos desejarem viver piedosamente em Cristo Jesus também sofrerão perseguições. Não há exceções. É bem verdade que podemos ser cristãos sem sofrer perseguição alguma. Tudo está em que sejamos um pouco mais liberais, espertos e prudentes em andar um tanto de acordo com o curso deste mundo. Basta nos misturarmos mais com a gente do mundo; comprometermos alguma verdade ou contarmos com o favor dos homens no sacrifício da verdade, e não buscarmos nem obedecermos às sensações interiores. Quem nos perseguirá se não formos diferentes do restante das pessoas? Não imagine que os cristãos que sofrem tanta perseguição devam ter nascido fora de tempo e agora vivem "sem sorte". Pelo contrário, deveríamos considerar os cristãos *não* perseguidos como os que não vivem piedosamente em Cristo Jesus; pois, se não fosse assim, o sofrimento seria, para eles, inevitável. Com quanto acerto disse um irmão: "Os crentes profundamente espirituais sempre andam feridos. A coroa dos mártires faz brotar o fogo." Contudo, não precisamos temer, pois o Senhor nos dará forças para suportar nossas aflições ou então nos livrará delas (1 Coríntios 10:13; 2 Coríntios 1:8-10; 2 Timóteo 3:11b).

Também gostaríamos de observar que o exercício da piedade ou a vida piedosa em Cristo Jesus é um tipo de busca espiritual, uma espécie de vida transbordante. Não ressaltaremos aqui os fenômenos normais. Gostaríamos, porém, de chamar a atenção para alguns que indicam um Cristianismo doentio e deficiente.

1) *Preguiça*. Alguns cristãos nasceram preguiçosos. Não querem saber de afadigar-se ou de trabalhar. Tendem a usar a oração ou palavras espirituais para escudar-lhes a preguiça. Ouvi um irmão contar a seguinte história: Havia uma irmã que tinha aversão

ao trabalho. Escusava-se dizendo que não sabia fazer o trabalho ou fingia que não tinha forças físicas para a tarefa. Alguém arranjou para ela colher umas poucas flores do jardim, diariamente, para colocá-las num vaso. Depois de alguns dias ela deixou de fazê-lo. Qual a razão apresentada? O mais provável é que não fosse uma razão espiritual. Teríamos de qualificar sua atitude de doentia e, definitivamente, nada piedosa.

2) *Severidade*. Alguns cristãos confundem severidade com piedade. Tornam-se falsos. Um irmão disse que conhecia outro irmão que baixava a cabeça para o chão ou a erguia em direção do céu após uma palavra ou duas. Descobriu que este irmão fingia piedade. Ele desejava gritar-lhe do fundo do coração: "Irmão, não finja!" Deveríamos saber que a vida é aquilo que flui com naturalidade. Com tal rigor na vida de alguém, nem seu espírito nem seu Deus podem manifestar-se. Assim, no exercício da piedade, precisamos sempre ser vivos e viçosos, pois Deus é que se manifesta por meio de nossas palavras e atitudes.

3) *Frieza*. Quando dizemos que todos quantos vivem piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos, queremos dizer que todos quantos não desejam ofender a Deus a fim de agradar aos homens incorrerão em tal tratamento. Isto não significa que podemos ser inamistosos ou descorteses com as pessoas. Diz-se que certo dia uma irmã encontrou-se com outra dando um giro pela colina; aquela cumprimentou-a e perguntou-lhe aonde ia. A segunda irmã ergueu a cabeça para o céu e respondeu friamente: "Vou encontrar-me com Deus." Acha você que esse tipo de piedade fabricada, essa frieza, tem condições de atrair as pessoas para Deus?

4) *Passividade*. Ao exercitar-se na piedade, alguns

cristãos desejam aprender com Madame Guyon ou com o Irmão Lawrence. Atitude admirável. Mas, no aprender a serem como eles, tendem a ser passivos, o que é digno de dó. Ora, de que modo eles caem na passividade? Bem, tais pessoas desfrutam tanto da presença de Deus que seus ouvidos se fecham para o que os outros dizem (note, por favor, que é certo não dar ouvidos a palavras ociosas, mas não ouvir palavras importantes magoa os outros), não entendem os pensamentos alheios, nem se interessam por outras pessoas. Em condições normais, como o Irmão Lawrence reagiria a um meio ambiente movimentado e ruidoso? Não seria uma indelicadeza com as pessoas se elas pedissem um prato e ele lhes desse uma colher, ou se dissessem algo uma vez, duas vezes, e ele não as ouvisse? Dizemos, portanto, que se o exercício da piedade cai na passividade, a situação é anormal.

Vejam os mais plenamente que nosso Senhor é “o Verbo [que] se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Esta é a grande revelação da piedade. O Paulo que exortou a Timóteo, dizendo que “a piedade para tudo é proveitosa” (1 Timóteo 4:8), é o mesmo Paulo que declarou: “Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?” (2 Coríntios 11:29). Era ele o tipo de homem que trabalhava com as próprias mãos (1 Coríntios 4:12), e trabalhava muito mais do que os demais apóstolos (1 Coríntios 15:10). Todos devemos honrar tal exemplo e dele aprender.

Necessidade de Contínuo Perdão e Purificação de Deus

Tendo na terra a promessa da vida de Deus—cuja natureza é a piedade—e tendo o poder de sua vida

operando em nós para realizar a vida eterna, significa isto que hoje somos tão perfeitos que não temos necessidade de confissão para recebermos o perdão de Deus e a purificação pelo precioso sangue? Não. Leiamos de novo Hebreus 8:12. Já ressaltamos no capítulo 6 que, segundo o original grego, o versículo 12 de Hebreus 8 começa com a conjunção “pois”, o que é de grande significado. Mostra-nos que as frases “com as suas iniquidades usarei de misericórdia” e “dos seus pecados jamais me lembrarei” são a causa; ao passo que o resultado ou objetivo é imprimir as leis de Deus em nossa mente e inscrevê-las sobre nosso coração para que ele possa ser nosso Deus na lei da vida e nós possamos ser povo seu na mesma lei da vida e assim possuir em nós um conhecimento mais profundo dele. Visto que conhecer a Deus é o objetivo, ele é mencionado primeiro; sendo o perdão o meio, é mencionado por último. A mesma ordem é observada em Efésios 1. A frase “nos destinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo” (v. 5) vem primeiro porque se refere ao propósito; a seguir, “no qual [isto é, no Amado] temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados” (v. 7a), pois isto fala do processo.

O próprio fato de que antes de dar-nos vida Deus deve primeiro perdoar-nos os pecados e purificar-nos, diz-nos também como, depois de ter a vida de Deus, o pecado não eliminado impedirá o crescimento desta vida. A fim de permitir que a vida de Deus funcione sem impedimento, não devemos deixar que reste em nós nenhum pecado. Precisamos confessar-lhe e obter o perdão; precisamos confessar ao homem e pedir-lhe também que nos perdoe. Jamais imagine, por um momento sequer, que podemos exercitar-nos na piedade a tal ponto que nunca mais

necessitemos de solicitar o perdão de Deus nem precisemos da purificação do precioso sangue. Pelo contrário, quanto mais a pessoa conhece a Deus, tanto mais está ela cônica de suas deficiências e tanto maior é sua necessidade de purificação pelo precioso sangue.

Quem sabe quantas lágrimas verteram diante de Deus aqueles que reconhecemos como cristãos santificados! Pois na luz de Deus vemos a luz (Salmo 36:9). Na luz de Deus vemos nossa real condição. A carne oculta, nosso ego oculto, serão expostos pela luz de Deus. Então verdadeiramente lhe diremos: "Confesso a minha iniquidade; suporto tristeza por causa do meu pecado" (Salmo 38:18). Depois oraremos: "Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo. . . As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu!" (Salmo 19:12-14).

Comentando 1 João 1, um servo do Senhor declarou:

A vida cria comunhão bem como demanda comunhão. A comunhão traz luz, e a luz exige o sangue. Esta é uma *reação em cadeia*. A pessoa que tem vida, indiscutivelmente buscará comunhão; na comunhão verá a luz; vendo a luz, ela buscará o sangue. Essas quatro coisas formam uma cadeia; servem de causa e efeito entre si. Porque a vida cria comunhão, e a comunhão dá-nos mais vida; a comunhão traz-nos luz, e a luz aprofunda nossa comunhão; a luz constrange-nos a buscar a purificação pelo sangue, e essa purificação habilita-nos a ver mais luz. Estas quatro coisas também formam um *ciclo*: a vida

cria comunhão, a comunhão traz luz, a luz dá-nos purificação pelo sangue. Sendo purificados pelo sangue, recebemos mais vida; mais vida significa mais comunhão; mais comunhão traz mais luz, e mais luz traz-nos mais purificação pelo sangue. Essas quatro coisas formam um ciclo. Este ciclo faz-nos crescer em vida. Um carro avança pelo girar das rodas. O ciclo que formam estas quatro coisas é como a rotação das rodas; cada volta leva nossa vida um pouco mais para a frente. . . Assim vai rodando, fazendo-nos avançar incessantemente na vida de Deus. Toda vez que o movimento cessa, nosso crescimento na vida de Deus também cessa.

As palavras acima foram proferidas por alguém que conhecia a Deus e também sua Palavra.

Resumindo, pois, é muitíssimo prático que conheçamos a Deus na lei da vida; que o conheçamos na intuição de nosso espírito. Tal conhecimento não necessita de instrução humana. É aqui que se encontra o clímax da Nova Aliança. Esta é sua glória. Aleluia! Louvemos e adoremos a Deus!

Palavras Finais

Estudamos detalhadamente as características da Nova Aliança. Entretanto, para que em realidade as conheçamos e entendamos, precisamos da revelação e iluminação do Espírito Santo. Devemos lembrar-nos que “a letra mata, mas o espírito vivifica” (2 Coríntios 3:6b). O Senhor também diz que “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita” (João 6:63a). Sem a intervenção do Espírito Santo, nada pode vivificar as pessoas.

A Nova Aliança é verdadeiramente cheia de graça, riqueza e glória. Por conseguinte, devemos pedir a Deus que nos dê fé. Que é fé? “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hebreus 11:1). Esta é a definição bíblica de fé. Que é “certeza”? No grego (*hupostais*) significa “algo que está debaixo”, “algo que sustém”. É o que sustenta o que está em cima. Os livros, por exemplo, são colocados sobre uma estante, e assim a estante sustenta os livros. Ou no caso de um homem sentado numa cadeira: a cadeira sustenta o homem. Qual é o significado de “convicção”? Esta palavra contém a idéia de “prova”. Assim, a fé é aquilo que sustenta as

coisas que se esperam, de sorte que nosso coração possa encontrar descanso. A fé também prova em nós as coisas ainda não vistas, de sorte que podemos dizer "amém" com o coração, ao que Deus disse. A fé é a prova de coisas não vistas bem como o sustento de coisas que se esperam.

"Porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio" (2 Coríntios 1:20). Sabendo disto, não olhemos para os lados, e, sim, para Cristo. Seu sangue é o fundamento da Nova Aliança. Ele deixou-nos como herança toda bênção espiritual, e ele próprio é também o executor desta herança e testamento. Pode haver alguma coisa mais segura do que esta?

Deus é fiel (Hebreus 10:23). Sua fidelidade é a garantia de sua promessa e aliança (Deuteronômio 7:9; Salmo 89:33, 34). Se não cremos, estaremos ofendendo sua fidelidade como se ele pudesse mentir. Assim, quando não cremos, devemos condenar nossa incredulidade como pecado e pedir ao Senhor que nos tire o perverso coração de incredulidade (Hebreus 3:12). Olhemos para Jesus, "o Autor e Consumador da fé" (Hebreus 12:2a). Visto que o Senhor criou nossa fé (Efésios 2:8; 1 Timóteo 1:14; 2 Pedro 1:1), cremos também que ele deseja aperfeiçoá-la.

Bendita Nova Aliança! Gloriosa Nova Aliança! Não sejamos remissos na fé! Quanto devemos arrepender-nos e chorar por não atingirmos o padrão fixado pela Nova Aliança! Entretanto, com freqüência não é porque não o buscamos, mas porque o buscamos de modo errado. Apegamo-nos à letra, dependemos de nós mesmos. Esforçamo-nos e lutamos até que terminamos em suspiros e dor. Agora podemos livrar-nos deste círculo vicioso.

Finalmente, leiamos de coração duas passagens

bíblicas que servem para expressar nossa esperança e nosso desejo:

Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém. (Hebreus 13:20-21.)

Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém. (Efésios 3:20-21.)

Notas

¹O autor reconhece, porém, que há lugar para a instrução exterior como complemento (mas nunca como substituto) do ensino interior, e que também há necessidade de conferir a unção interior com a Palavra de Deus. Esses dois pontos ele deixa claro nas duas últimas seções deste capítulo, intituladas, respectivamente, "Repetido Fora", e "As Escrituras Dizem se Nossa Sensação Interior Está Certa ou Errada".—(Tradutor do Chinês.)

²A última estrofe é escrita em face de Oséias 12:4: "Lutou com o anjo, e prevaleceu; chorou, e lhe pediu mercê." Esta passagem mostra que somente depois que Jacó *aparentemente* triunfou sobre Deus é que em realidade ele foi quebrado, e chora perante o Senhor.—(Tradutor do Chinês.)